ROBERTO CARLOS: A JOVEM GUARDA E O COMEÇO DE TUDO

BIZZ

Ano 4 Nº 8 1988 Cz$ 430,00

EDITORA AZUL

SINÉAD O'CONNOR

AS MULHERES DOMINAM O ROCK 88

ZIGGY MARLEY,

O FILHO DO REGGAE

STING CONTRA O RACISMO

FREE NELSON MANDELA

COBERTURA COMPLETA

LEO JAIME

CAPITAL INICIAL

LEGIÃO URBANA: AO VIVO ESPECIAL

CLASH E SEX PISTOLS: A HISTÓRIA DO PUNK

QUADRINHOS

Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (Via Aérea) Cz$ 625,00 - 6681 - Edição 37

Crowded House

O novo LP

temple of low man

Incluindo o Sucesso
"Better Be Home Soon"

EMI-ODEON
75
anos de sucesso

Produzido por Mitchell Froom

Em discos e fitas EMI-ODEON

Capitol Records

BIZZ

George Michael no tributo a Mandela, em Wembley

3 ÍNDICE
Você está aqui...
4 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boataria
14 PARADA
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
26 VÍDEO
Tom Cruise e os principais lançamentos
30 SINÉAD O'CONNOR...
Domina a cena em 88...
34 ... E AS OUTRAS
...Confirmam a tendência: o ano é delas
38 ZIGGY MARLEY
Os caminhos do herdeiro do reggae
41 ENTREVISTA
Roberto Carlos e a Jovem Guarda
49 TNT
Blues gaúcho
50 CAPITAL INICIAL
Longe dos intelectuais
52 CLASH E SEX PISTOLS
O começo do fim do mundo, parte 1
58 FREE NELSON MANDELA
Todos os detalhes de um megashow
62 LEO JAIME
A metralhadora giratória
64 CINEMA
A violência em cores fortes de *Colors*
68 EM CARTAZ
Crônica de Uma Morte Anunciada, Busca Frenética, Abaixo de Zero
70 LETRAS
"Mandinka", de Sinéad O'Connor
72 QUADRINHOS
Não se fazem mais heróis como antigamente
74 AIR MAIL BRASIL
O que rola no Bananão
76 AO VIVO
Legião Urbana, Sonic Youth, Ira!, Screamin' Blue Messiahs, The Kinks, Peter Murphy, George Michael
85 DISCOTECA BÁSICA
The Stooges, The Stooges
86 CARTAS E SERVIÇOS

Fotos de capa: CBS (Sinéad), Mauro Carraro-Gamma (Sting)

Sinéad O'Connor, Tracy Chapman, Michelle Shocked, Natalie Merchant, Bjork, Kristin Hersh, Kim Murphy, Julianne Regan, Tracy, Toni Childs... A esta lista poderiam ser acrescentados ainda uma dúzia de outros nomes femininos que passaram recentemente a soar alto e bom som em todo o mundo. Elas vêm de vários lugares e fazem rock dos mais variados estilos. Seu surgimento, não em bando, mas aqui e ali, de forma espontânea, faz pensar que a música jovem andava precisando de uma injeção de ânimo, com o talento e a competência, passando a substituir as lingeries e os beicinhos. **Sinéad** foi acompanhada nos EUA por **Ted Mico**, da *Melody Maker*, com exclusividade para o Brasil. E **Marcel Plasse** deu um perfil do resto do mulherio. Ainda pelo Internacional, **Pepe Escobar** cobriu todo o tributo a **Nelson Mandela**, em Londres, recheado de fotos exclusivas. Protestando também contra o racismo está o herdeiro do reggae, o garoto **Ziggy Marley**, em entrevista exclusiva, ao mesmo Pepe. **Arthur G. Couto Duarte** traça a primeira parte da fulgurante trajetória de duas bandas que explodiram na cena punk londrina e deixaram toneladas de clássicos — **Sex Pistols** e **Clash**. Por aqui, em uma superexclusiva, o rei **Roberto Carlos** fala da **Jovem Guarda**, o importante movimento que serviu de semente para o rock brasileiro como o conhecemos hoje. Ele falou longamente comigo e com **Sônia Maia** e, na conversa, revelou que pretende gravar breve um disco só de rock, voltando às raízes. Comparecem ainda no departamento tupiniquim o **Capital Inicial**, retratado por **Bia Abramo**; **Leo Jaime**, que exibiu seus multitalentos (epa!) a **Lorena Calabria** e o **TNT**, explosivos gaúchos que falaram a **Sônia Maia**. No ao vivo, você tem uma supercobertura do furacão **Legião Urbana**, **George Michael** em Londres e muito mais!

José Eduardo Mendonça

Neal Preston/LFI

VÍDEO MOSTRA EXCURSÃO DO U2

Os **Psychedelic Furs** lançaram o single "All That Money Wants" (produzido por **Stephen Street**, o mesmo do último LP dos Smiths e do primeiro de Morrissey), que marca a volta do baterista **Vince Ely** à banda. Um dos integrantes originais, ele tinha deixado os Furs em 82, depois do LP *Forever Now* ● Já tem título o documentário feito durante a última excursão americana do **U2**, dirigido por **Phil Joanu**: *Rattle and Hum* ● A união faz a força. **Sinéad O'Connor** gravou uma música com **Bjork**, a cantora dos **Sugarcubes**, que, por sua vez, andou gravando material com **Natalie Merchant**, vocalista dos **10,000 Maniacs**. Merchant também esteve em estúdio preparando coisas com **Billy Bragg**.

Preston (LF)

LEGIÃO ESTÁ NO ESTÚDIO

Quem está de volta aos estúdios neste mês de agosto é o **Legião Urbana**, gravando seu terceiro LP pela EMI-Odeon. Na WEA, a movimentação fica por conta de **Gilberto Gil** e do **Ultraje a Rigor**. **João Bosco** entra pela CBS e **Geronimo**, pela Continental. Em Porto Alegre, a Ocara prepara discos para dois grupos gaúchos: **Os Aleatórios** e **Miranda 88**.

Neil Aptd

MARK KNOPFLER GRAVA COM JOAN ARMATRADING

Geoff Swaine (LF)

Joan Armatrading escolheu um guitarrista ferissimo

Mark Knopfler e **Alan Clark**, dos **Dire Straits**, estão no novo LP da cantora/compositora inglesa **Joan Armatrading**, *The Shouting Stage* ⊗ O segundo LP do **Crowded House** (cujo LP de estréia, homônimo, rendeu um Grammy de revelação pop de 86) chama-se *Better Be Home Soon* ⊗ O **Moody Blues**, na estrada desde 64 (!!), acaba de lançar mais um LP: *Sur la Mer*, produzido por **Tony Visconti** (Bowie, Iggy Pop, T. Rex) ⊗ **Johnny Mathis** está de volta com mais um disco romântico: *Once in a While* ⊗ Longe dos estúdios há quase dois anos, o **Style Council** finalmente volta à carga com o LP *Confessions of a Pop Group*.

SAIU (LÁ) NOVO SEX PISTOLS AO VIVO

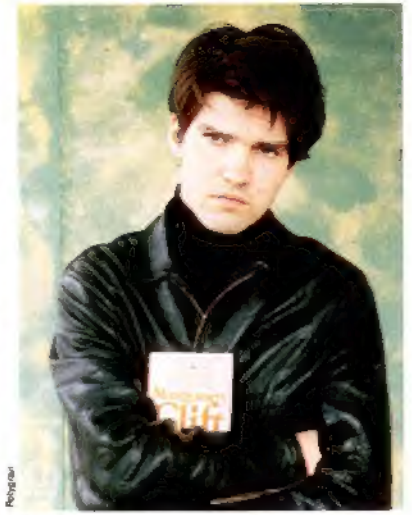
Depois de uma abstinência de 10 anos, o rei do calypso, **Harry Belafonte**, voltou ao vinil com *Paradise in Gazankulu* ⊗ A gravação de um concerto dos **Sex Pistols** realizado em 77 (ainda com **Glenn Matlock** no baixo, antes da entrada de **Sid Vicious**) acaba de ser lançada em LP pelo selo britânico Restless. Chama-se *Better Live than Dead* e parece que a qualidade técnica não é lá essas coisas ⊗ Saiu o segundo LP solo de **Roger Eno**, o tecladista irmão de Brian Eno. É o *Between Tides* ⊗ Lembram de **John Wetton, que tocou baixo (e cantou) no King Crimson, UK e Asia, entre muitos outros? Pois foi lançada a coletânea** *Kings Road 1972-1980*, uma espécie de *Best of John Wetton*, com onze faixas extraídas de cinco LPs.

LF

11 anos depois, os Pistols ainda são notícia (veja na pág. 58)

OLHA SÓ QUEM VEM AÍ!!

Todos economizando! São suculentas as *delicatessen* anunciadas por alguns de nossos principais empresários ainda para este ano (se bem que não estão 100% confirmadas). O pessoal do Projeto SP trará **The Mission** (final de agosto), **Stanley Clarke**, **Johnny Winter** (ambos em setembro), **Lloyd Cole & the Commotions**, **Peter Murphy** (outubro), **The Church** e **Felt** (dezembro — oobaaa!). A WTR prometeu que traz **B.B. King** em novembro e, antes, em outubro, o **New Order** (será?). E atenção! Foram confirmadas mais três atrações internacionais para o IV Free Jazz Festival, marcado para setembro: as respectivas bandas dos saxofonistas **Courtney Pine** (inglês, uma das sensações do jazz moderno), **Michael Brecker** (americano, renomadíssimo no meio instrumental) e o grupo **Lounge Lizards** (liderado pelo saxofonista John Lurie, que também é ator — protagonizou *Stranger than Paradise* e *Daunbailó*). Até o fechamento desta edição faltavam dois nomes para fechar o quadro das atrações.



Peregrari

Lloyd Cole é uma das atrações do segundo semestre...

Stiletto

SUCESSO BRASILEIRO NA TV INGLESA

Um produtor da rede britânica BBC ouviu entusiasmado uma música do grupo instrumental Cama de Gato na rádio local (o disco foi lançado lá pela Rio Records, o mesmo pessoal da Stilleto aqui). Não teve dúvidas: colocou a moçada como tema de abertura do programa de variedades black *Ebony*, que vai ao ar duas vezes por semana no horário nobre do canal 2. Boa notícia para um país que costuma importar tanto som para suas trilhas de novela.

TODAS AS FORMAS DE LULU SANTOS

Nas bancas, mais uma publicação especial de BIZZ. Trata-se do revista-poster de Lulu Santos, com toda a sua história e fotos sensacionais! Nãããão-oo percam!

MPB VIRA CURSO UNIVERSITÁRIO

Foi criado o primeiro curso de música popular dentro de uma universidade brasileira (existe um similar nos EUA). A idéia — polêmica, para dizer o mínimo — foi do maestro Benito Juarez, chefe do Departamento de Música da Universidade de Campinas (SP). "Queremos dar aos músicos populares elementos para desenvolver seu trabalho, seja como arranjadores, instrumentistas ou compositores." Após passarem por uma prova de aptidão, os estudantes cursarão o primeiro ano ao lado das turmas de música erudita. Para as matérias específicas sobre música popular — não só brasileira, mas mundial, incluindo rock, jazz, pop etc. —, serão convidados, como professores, músicos e instrumentistas "consagrados". O curso terá quatro anos e será oferecido já a partir do próximo vestibular.

A ÚLTIMA BUZINADA

Ele chegou ao Rio de Janeiro na década de 40, vindo do Recife (onde abandonou o curso de Medicina). Começou a trabalhar em rádio e, na década seguinte, quando apresentava o programa carnavalesco *O Rei Momo na Chacrinha*, na Rádio Clube de Niterói, apareceu o inconfundível apelido: para o Brasil, o sr. Abelardo Barbosa passaria a ser apenas o **Chacrinha**. Depois de emplacar seu estilo amalucado e engraçado, ele passou para a TV, onde liderou seus conhecidos *Buzinas*, *Discotecas* e *Cassinos* em várias emissoras (Globo, Tupi, Bandeirantes). Esses programas ajudaram a lançar e divulgar artistas dos mais variados gêneros, inclusive grupos nacionais de rock. Figura folclórica, ele chegou a ser rotulado na década de 60 como "o maior comunicador de massa do Brasil" pelo sociólogo Edgar Morin. Chacrinha faleceu no dia 30 de junho, aos 71 anos, vítima de parada cardíaca.

Roberto Soveira / Azul

Chacrinha, nas últimas ordens ao terreiro

PRINCE E ÓPERA NA ESTANTE

Odeon

Revelações inéditas na biografia de Prince?

Uma grande pedida didática é o livro *Convite à Ópera*, de **John Louis**, lançado aqui pela Editora Zahar. É uma introdução ao mundo operístico, sua história, os principais compositores, regentes, cantores e obras. O livro também inclui um glossário de termos e um índice por assunto.

Prince Imp of the Perverse é a biografia de **Prince** escrita pelo ex-colaborador da *NME* **Barney Hoskyns** e lançada pela Virgin Books. Trata-se de uma publicação altamente recomendável sobre um artista arredio, avesso a entrevistas e a revelações sobre sua vida pessoal (o que por si já revela a importância da obra).

ARTO LINDSAY, SUCESSO EM N.Y.

Mauricio Valadares / Azul

Arto "Neguinha?" Lindsay (em foto no Rio) recebendo os mais rasgados elogios

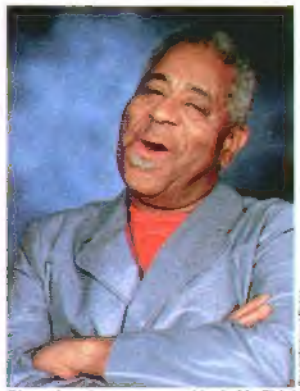
Finalmente está nas lojas o segundo LP dos **Ambitious Lovers**, formado pelos músicos **Arto Lindsay** (o guitarrista americano/nordestino a quem Caetano Veloso dedicou "Eu Sou Neguinha") e **Peter Scherer**. *Greed* é o nome do disco, que tem coisas gravadas no Brasil e vem recebendo entusiasmados elogios da imprensa estrangeira (o *Village Voice* deu a nota máxima pro disco e ainda o chamou de um dos melhores, mais inteligentes e *cool* já feitos a partir de funk e samba) ⊗ *Long Cold Winter* é o segundo LP da banda *heavy-glitter* americana **Cinderella**. O primeiro, *Cinderella*, vendeu mais de um milhão de cópias só nos EUA ⊗ **Joe Zawinul**, tecladista/líder do saudoso Weather Report, fundou o grupo **Zawinul Syndicate**. Eles acabaram de lançar o LP *The Immigrants*.

OUÇA ESSA

"Não gosto de Michael Jackson ou cantores do tipo. Admiro mesmo é a brasileira Rita Lee."

Sua Alteza o **Príncipe Charles**, sucessor do trono britânico.

GILLESPIE EM DOCUMENTÁRIO



Scott Weiner / Retna

Dizzy: charutos em companhia de Mr. Fidel

Estrearam recentemente dois documentários de jazz. O primeiro chama-se *Konitz*, uma produção canadense dedicada ao saxofonista americano **Lee Konitz** (com seu sax alto, foi um dos mais influentes do *cool* jazz). O segundo, *A Night in Havana: Dizzy Gillespie in Cuba*, foi dirigido por **John Holland** e apresenta trechos de shows de Dizzy em Cuba e de seus encontros com Fidel Castro.

O VELVET VAI SE REUNIR?

A revista musical alemã *Spex* revela, em sua edição de junho, uma possível reunião do **Velvet Underground**! A iniciativa partiu de **Moe Tucker**, a baterista da banda, que está em Nova York gravando seu terceiro LP solo. Pelo estúdio em que ela está gravando já passaram, além de amigos como **Jonathan Richman** e integrantes do **Sonic Youth**, seus ex-colegas de grupo **Lou Reed** e **John Cale**. Comenta-se que **Sterling Morrison**, o outro guitarrista do Velvet, está disposto a participar das gravações, o que tornaria possível a reunião da banda toda. Aguardem novidades!

Live

VIRGIN SE EXPANDE E ABRE FM

O conglomerado **Virgin** (que começou como loja de discos e gravadora independente, e hoje é um dos grandes poderios econômicos da Grã-Bretanha, operando até na área da aviação comercial) agora tem uma rádio na Inglaterra. É a Radio Radio, que foi inaugurada no dia 1.º de julho e vai ao ar diariamente das 7 da noite às 6 da manhã. Sua programação está sendo retransmitida por várias rádios independentes espalhadas pelo país. Entre seus principais D.Js. estão **Janice Long** (que tinha um conhecido programa na BBC), o polêmico jornalista **Jonathan Ross** e **Ruby Wax** ● O legendário soulman (que depois virou pregador cristão) **Al Green** fez uma apresentação única no Odeon Hammersmith (Londres), no dia 8 de julho (aguardem cobertura no Ao Vivo). Ele também está preparando um LP, com lançamento previsto ainda para este ano ● O **Shriekback** perdeu um de seus fundadores. O baixista **Dave Allen** (que também ajudou a fundar o Gang of Four) saiu, juntamente com o tecladista **Steve Halliwell**. Eles aproveitaram o embalo para formar o grupo **King Swamp**.

20 ANOS DE JETHRO TULL

Fernando D'Ávila / Abril

Ian Anderson, o flautista do Jethro Tull

Pouco antes de vir ao Brasil, o **Jethro Tull** comemorou 20 anos de rock'n'roll com um gigantesco show no Wembley Arena de Londres, no dia 19 de julho. Em homenagem à data, eles também lançaram (na Europa) um box com discos e um libreto. Os LPs reúnem 65 faixas (!), entre raridades, sucessos, inéditas novas e antigas. (Ficamos devendo o nome dado ao box.)

Paul e a glasnost: o beabá do rock'n'roll para os camaradas soviéticos

Rod Cox / LFI

PAUL McCARTNEY IN URSS

Paul McCartney está lançando um LP só com versões de clássicos do rock'n'roll. Trata-se de um disco especial para o mercado soviético. Ele será lançado pelo selo Melodia — quem tiver amigos no Partidão talvez consiga uma cópia. Eis a lista completa das músicas: lado A — "Kansas City", "Lawdy Miss Clawdy", "20 Flight Rock", "Bring It on Home", "Lucille", "Don't Get Around Much Anymore", "I'm Gonna Be a Wheel Someday"; lado B — "That's Alright Mamma", "Summertime", "Ain't That a Shame", "Cracking Up", "Just Because" e "Midnight Special".

FUSION FESTEJA VOLTA DOS DREGS

Os fãs da fusion music estão festejando a volta dos legendários **Dregs** — ou **Dixie Dregs** —, a banda liderada pelo guitarrista **Steve Morse** (considerado por muitos especialistas como o melhor guitarrista do gênero), que entre 77 e 82 esteve na ponta do circuito americano da Second Fusion Generation, a segunda geração fusionista (os destaques da primeira foram a Mahavishnu Orchestra e o Return to Forever). Morse, **Andy West** (baixo), **T Lavitz** (teclados) e **Rod Morgenstein** (bateria), mesmo estando empenhados em atividades paralelas, se reuniram num estúdio em Atlanta (Geórgia) para algumas gravações bancadas pela empresa Ensoniq, fabricante de teclados de última geração. O resultado foi o lançamento do single "Off the Record", por enquanto apenas em CD. Pra quem ainda não conhece o grupo, uma dica: eles têm três LPs lançados no Brasil — *Dregs of the Earth*, *Unsung Heroes* e *Industry Standard*.

A FILHA DE SINATRA VOLTOU

É apenas boato (mas, vocês sabem, onde há fumaça, há fogo): **Johnny Marr** (guitarrista dos Pretenders, ex-Smiths) está gravando um LP solo • A cantora **Siobhan Fahey** (ex-Bananarama, atual esposa de Dave Stewart, dos Eurythmics) juntou-se a uma tal de **Mercie** (cantora de Los Angeles) para formar o grupo **The Shakespeare's Sisters** • A atriz **Nastassja Kinski** vai gravar um single em Londres. Por enquanto, só sabemos que a produção é do grupo de europop **Furniture** • **Nancy Sinatra** (filha de Frank "The Voice" Sinatra), que fez muito sucesso no final dos anos 60 com "These Boots Are Made for Walkin'", "Somethin' Stupid" (dueto com o pai) e "You Only Live Twice" (tema de *Com 007 Só Se Vive Duas Vezes*), está de volta! Ela se encontra num estúdio em Los Angeles gravando um LP.

RITA & ROBERTO NA EUROPA

Cristina Granato / Arpa

Rita & Roberto: entre Paris e Amsterdam

Rita & Roberto gravaram seu show no dia 2 de julho em Montreux, onde tocaram acompanhados por **Lee Marcucci** (baixo), **Gel Fernandes** (bateria), **Yann** (ex-Metro, teclados) e os irmãos **Mauricio** e **Mauro Gasperini** (vocais). Esta gravação está programada para ser lançada em disco só no próximo ano, mas calma que tem coisa antes: depois de Montreux, Rita, Roberto e parte do grupo seguiram para Paris e Amsterdã onde se encontram gravando material para um LP de estúdio, que deverá ser lançado ainda este ano pela Odeon.

SAI LP HISTÓRICO DE ELVIS

Mike Prior / FI

Sly & Robbie: *killers* também na música instrumental

Os **Fat Boys** estão com LP novo na praça: *Coming Back Hard Again*. Para a foto da capa, eles adotaram um novo *visu*: o heavy-rap-metal(!) ⊗ **Sly & Robbie** lançaram o LP instrumental *The Summit* ⊗ Está saindo em agosto o novo LP do tecladista mineiro **Túlio Mourão**: *Teia de Renda* (lançamento do selo independente carioca Visom). Tem participação do grupo instrumental mineiro **Uakti** e do guitarrista americano **Pat Metheny** ⊗ Finalmente está sendo lançado o LP *Elvis — The Beginning*, com o primeiro show dele gravado de que se tem notícia. O concerto foi realizado em 55, em Houston (Texas), bem no início da carreira do cantor. O disco é um prato cheio para colecionadores e fãs: inclui fotos, entrevistas e uma cópia do primeiro contrato da carreira de **Elvis Presley**, assinado por ele, seus pais e o guitarrista/empresário **Scotty Moore**. O lançamento é uma exclusividade do selo californiano Marvenco.

DAVID BYRNE ATACA DE ATOR

David Godlis / Reima

Byrne, um sério caso de amor com o cinema

Ele vai estar no filme *Checking Out*, de **David Leland**, no papel de um barman, e contracena com **Jeff Daniels** (protagonista de *Totalmente Selvagem*).

Bob Dylan e **Neil Young** fazem pontas no filme *Backtrack*, que está sendo dirigido por **Dennis Hopper**.

It Couldn't Happen Here é o longa-metragem dirigido por **Jack Bond** e estrelado por **Neil Tennant** e **Chris Lowe**, ou seja, os **Pet Shop Boys**. Trata-se de um semidocumentário musical. Em breve será lançada a trilha sonora.

TEMPOS DIFÍCEIS

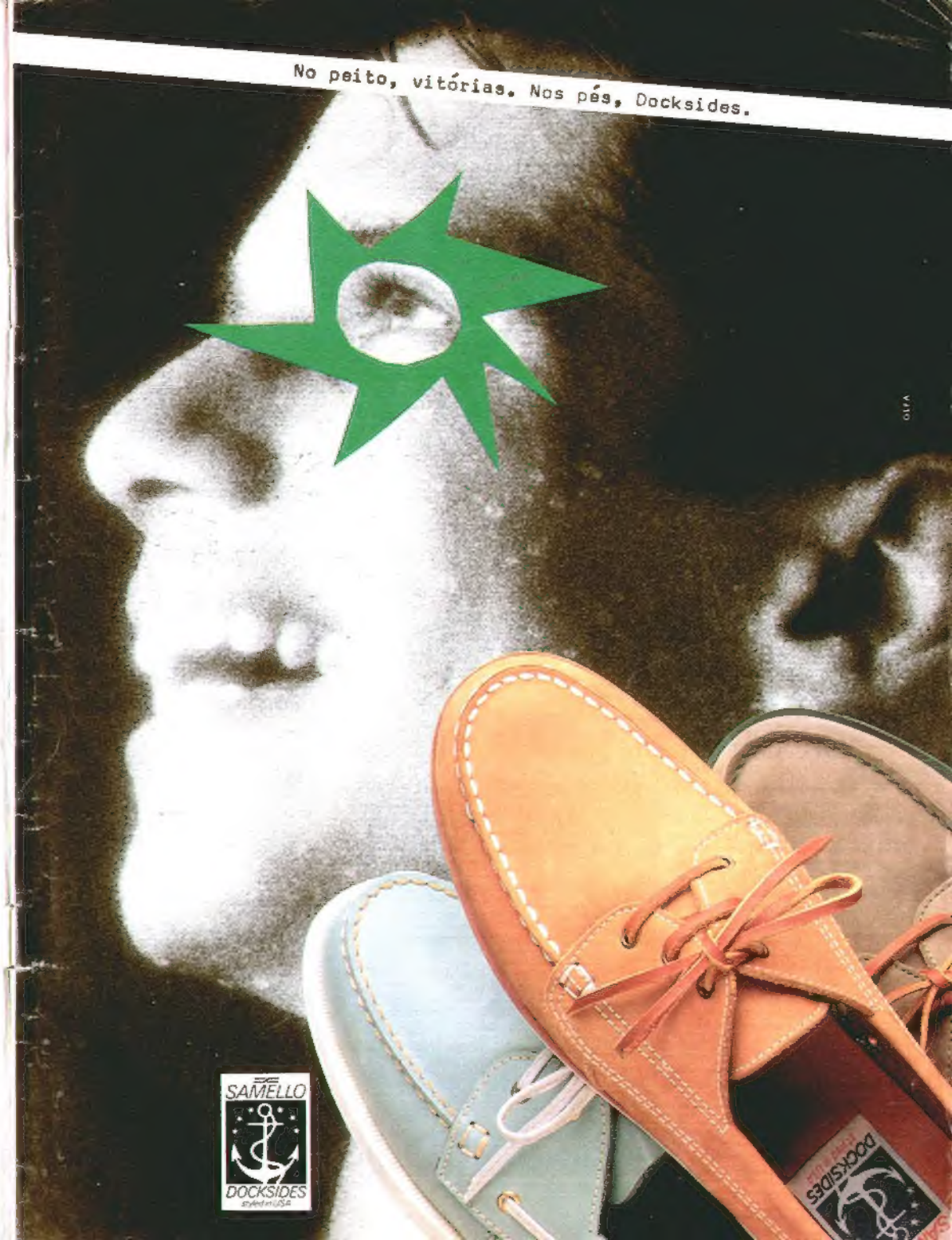
Os estudantes americanos não estão confiantes de que a sociedade encontre soluções para os seus maiores problemas, é o que conclui uma pesquisa encomendada pela MTV à Commercial Analysts Company. No mês de abril, 3 mil universitários foram entrevistados pelo telefone, e agora foram divulgados alguns dos principais resultados. Acompanheos percentuais de pessoas "muito otimistas" de que...

...se ache uma cura para Aids — 15%;
...cessem as tensões raciais nos EUA — 15%;
...o mundo se torne um lugar mais seguro — 10%;
...se resolva o problema das drogas — 8%;
...termine o apartheid na África do Sul — 8%;
...se evite uma grave recessão nos EUA — 7%.

Em poucas palavras: a grande maioria anda meio sem fé...

ERRAMOS

Na discografia do **Velvet Underground**, publicada na BIZZ 36, não foi incluído o LP *The End* (74, Island), da cantora **Nico**. No Showbizz da mesma edição, erramos o título do novo LP de **James Brown**. Não é *I'm Red* (mesmo porque ele não é "vermelho" nem na cor da pele e muito menos em suas convicções políticas), mas sim *I'm Real*. E no número anterior houve um erro na resenha do LP *Greatest Hits Vol. 1*, dos **Yardbirds**, pois o guitarrista **Eric Clapton** não chegou a gravar a canção "For Your Love".



O ADEUS DE ARACY

Aracy de Almeida faleceu no dia 20 de junho passado no Hospital dos Servidores no estado do Rio de Janeiro. Nascida no Encantado (subúrbio carioca), ela começou a cantar profissionalmente na década de 30, fazendo carreira na fase áurea do rádio. Foi amiga íntima de Noel Rosa e acabou se tornando a principal intérprete de suas composições. Gravou seu primeiro disco em 34 (o samba "Em Plena Folia") e o último em 68 (curiosamente é uma música de Caetano Veloso — "Viva o Morto" — composta em pleno auge da Tropicália), passando por vários sucessos carnavalescos e sambas de Ary Barroso, Assis Valente, Fernando Lobo, Antônio Maria, Haroldo Lobo e David Nasser. No final da década de 60, parou de se apresentar ao vivo e passou a ser jurada de programas de calouros na TV (Chacrinha, Silvio Santos). Uma curiosidade: ela foi madrinha/tutora do Joelho de Porco, quando este conhecido grupo paulista de rock lançou seu LP de estréia (o *São Paulo 1554 — Hoje*), em 75. Ela morreu aos 73 anos, vítima de embolia pulmonar.

OUÇA ESSA II

"A gente pegou um trem para a Disneylândia e ele foi para Auschwitz."
Renato Russo, ao *Jornal do Brasil*, sobre o tumultuado show de Brasília.

FÃS PROCESSAM BANDA

Roberta / LFI

Fogos de artifício mas perigosos: dois rapazes foram feridos num show do Mötley Crüe

O **Mötley Crüe** está sendo processado por dois jovens fãs. Ambos alegam que foram gravemente feridos num show deles em Huntsville, Alabama, pelos fogos de artifício usados como efeito de espetáculo. Um dos rapazes exige 2,2 milhões de dólares pela perda do olho direito, e o outro quer 400 mil pelos ferimentos causados na boca. O julgamento vem sendo adiado por mais de dois anos, pela falta de contingente adequado para formar o júri (?!?). ● Pouco antes da excursão do AC/DC pelos EUA, o guitarrista **Malcolm Young** saiu do grupo para "dar um tempo". Ele foi substituído às pressas pelo seu sobrinho **Stevie Young**. ● **Geezer Butler**, baixista original do Black Sabbath, está acompanhando seu velho ex-companheiro de banda **Ozzy Osbourne** na turnê deste pelo mundo. ● Saiu o primeiro livro de **Nick Cave**: *King Ink* (pela editora Black Spring Press). É uma coleção de textos, que inclui ensaios sobre o bluesman Blind Lemon Jefferson e o grupo industrial alemão Einstürzende Neubauten, e ainda muitas de suas letras de músicas.

BOY GEORGE PROTESTA CONTRA REPRESSÃO

Boy George lançou o single "No Clause 38", uma canção-protesto contra o famigerado Section 28, a cláusula do Código Civil britânico que proíbe e condena o homossexualismo ● **Sy Oliver**, um dos grandes arranjadores do swing americano dos anos 30, faleceu aos 77 anos no dia 27 de maio, vítima de câncer. Ele trabalhou para Bing Crosby, Ella Fitzgerald e Tommy Dorsey (entre outros) ● **David Byrne** se apresentou em Londres (Cambridge Theatre) no dia 2 de julho, acompanhado pelo grupo bostoniano de sopros **Les Miserables**. Tocaram faixas do LP solo de Byrne, *Music for the Knee Plays*, lançado em 85. No mesmo programa: **Durutti Column** e o quarteto nova-iorquino (com dois baixistas) **Hugo Largo** ● O grupo inglês **Pop Will Eat Itself** (eles são grebo — veja este verbete no *Guia do Rock de A a Z*, que acompanhou a última BIZZ) esteve excursionando pela URSS em junho. É o primeiro grupo independente britânico a passear em terras soviéticas.

Roban / LFI

Boy George: não à campanha moralista de Thatcher

A MOTOWN TROCA DE MÃOS

A **Motown Records**, a grande incentivadora e propulsora da soul music na década de 60, quando lançou Stevie Wonder, The Supremes, Marvin Gaye, Smokey Robinson & The Miracles, Jackson 5 e outros, mudou de dono. Seu fundador e presidente **Berry Gordy Jr.** vendeu a gravadora por 61 milhões de dólares a um holding formado pela gravadora MCA (que entrou com 20%) e a Boston Ventures (que cobriu os 80% restantes, reunindo investimentos de empresas grandes como a Warner Communications e a News Corporation, do magnata australiano Rupert Murdoch). Gordy continua dono apenas da editora Motown, que detém os direitos de publicação das músicas lançadas pela gravadora. A Motown — sediada em Detroit — foi uma fábrica de hits e discos de ouro e platina nas duas décadas anteriores a esta, e era um símbolo de empresa negra bem-sucedida. Hoje ela andava meio decadente, com poucas estrelas "grandes" em seu cast e vendas apenas sofríveis.

PHILIPS

SEJA UM PASSAGEIRO DA IMAGINAÇÃO. LIGUE UM NEW AGE* PHILIPS.

ATENÇÃO, PASSAGEIROS DA IMAGINAÇÃO: APERTEM OS BOTÕES E PREPAREM-SE PARA UM VÔO PELO TERRITÓRIO DA EMOÇÃO E DA SENSIBILIDADE. BEM À FRENTE, VOCÊS PODEM NOTAR: É A MAIS MODERNA CONCEPÇÃO NO ESTILO INTEGRADO/COMPACTO, COM UM DESIGN IRRETOCÁVEL.

AGORA VAMOS ENTRAR PARA CONHECER POR DENTRO. • O NEW AGE 2 - MIDI INTEGRATED STEREO SYSTEM É COMPOSTO POR: • AMPLIFICADOR COM 180 WATTS PMPO • SINTONIZADOR DIGITAL PLL QUARTZ E 24 MEMÓRIAS: 16 PARA FM E 8 PARA MW • LIQUID CRYSTAL DISPLAY • EQUALIZADOR DE 5 BANDAS • DOUBLE DECK COM CONTINUOUS PLAY E HIGH SPEED COPY • FUNÇÃO KARAOKÊ • TOCA-DISCOS BELT DRIVE, COM RETORNO AUTOMÁTICO E CONTROLES FRONTAIS • ENTRADAS INDEPENDENTES PARA TV, VIDEOCASSETE, COMPACT DISC PLAYER OU OUTRO EQUIPAMENTO AUXILIAR • SAÍDAS PARA DOIS PARES DE CAIXAS ACÚSTICAS E CONEXÃO A OUTROS APARELHOS • SPATIAL SURROUND, EXCLUSIVO SISTEMA QUE AMPLIFICA A PERCEPÇÃO DOS DETALHES NAS TRANSMISSÕES E REPRODUÇÕES ESTEREOFÔNICAS, QUANDO USADO COM QUATRO CAIXAS ACÚSTICAS • ACOMPANHAM DUAS CAIXAS ACÚSTICAS BASS REFLEX FB 205 • OPCIONAIS: VOCÊ PODERÁ AINDA ADQUIRIR NO FORNECEDOR DE SUA PREFERÊNCIA CAIXAS ACÚSTICAS ADICIONAIS OU CAIXAS ACÚSTICAS BASS REFLEX FB 210, ALÉM DE RACK COM COMPARTIMENTO PARA DISCOS E FITAS.

NEW AGE
MIDI INTEGRATED STEREO SYSTEM

Standard

*New Age é marca registrada by Philips

OS DOIS LADOS DO PRESENTE.

LADO A — Aqui está você, escolhendo um disco para presente. Tocando num presente assim você nunca vai passar em silêncio. Afinal, disco agrada a todas as faixas de pessoas.

LADO B — Deste lado está o presenteado, ouvindo toda a emoção da sua escolha. Porque quem ganha um disco de presente sempre fica com um sorriso de lado a lado do rosto.

O PRESENTE QUE TODO MUNDO GOSTA

abpd
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DOS PRODUTORES DE DISCOS

Patrick Ovigly/ Retina

Morrissey entra direto em terceiro, deixando os Smiths para trás

Parada do Leitor (LPs)

1 (1) *Que País É Este — 1978/1987* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
2 (2) *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas* — **Titãs** (WEA)
3 (N) *Viva Hate* — **Morrissey** (EMI-Odeon)
4 (4) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (WEA)
5 (N) *Substance* — **New Order** (WEA)
6 (4) *The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
(R) *Power, Corruption & Lies* — **New Order** (WEA)
8 (14) *Virgem* — **Marina** (PolyGram)
(N) *Toda Forma de Amor* — **Luiz Santos** (RCA)
10 (3) *RPM* — **RPM** (CBS)
11 (10) *Daridarido* — **Jesus & Mary Chain** (WEA)
12 (6) *Independência* — **Capital Inicial** (PolyGram)
(N) *You Can Dance* — **Madonna** (WEA)
(N) *The Singles* — **Pretenders** (WEA)
15 (N) *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidade na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (2) *Faith* — **George Michael** (Columbia)
2 (N) *Open Up and Say... Ahh!* — **Poison** (Enigma)
3 (1) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Vários** (RCA)
4 (R) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
5 (N) *OU812* — **Van Halen** (Warner Bros.)
6 (5) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
7 (N) *Scenes from the Southside* — **Bruce Hornsby & The Range**
8 (N) *Savage Amusement* — **Scorpions** (Mercury)
9 (8) *Appetite for Destruction* — **Guns & Roses** (Geffen)
10 (4) *Introducing the Hardline...* — **Terence Trent D'Arby** (CBS)

Compactos (EUA)

1 (N) "Together Forever" — **Rick Astley** (RCA)
2 (3) "One More Try" — **George Michael** (Columbia)
3 (N) "Foolish Beat" — **Debbie Gibson** (Atlantic)
4 (N) "Make It Real" — **Jets** (MCA)
5 (N) "Dirty Diana" — **Michael Jackson** (Epic)
6 (N) "Everything Your Heart Desires" — **Daryl Hall & John Oates** (Arista)
7 (4) "Shattered Dreams" — **Johnny Hates Jazz** (Virgin)
8 (5) "Naughty Girls (Need Love Too)" — **Samantha Fox** (Jive)
9 (N) "The Valley Road" — **Bruce Hornsby & The Range** (RCA)
10 (N) "The Flame" — **Cheap Trick** (Epic)

LPs (GB)

1 (1) *Tango in the Night* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
2 (N) *Nite Flight* — **Vários** (CBS)
3 (N) *Motown Dance Party* — **Vários** (Motown)
4 (3) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Vários** (RCA)
5 (4) *Stronger Than Pride* — **Sade** (Epic)
6 (R) *Heaven Is a Place on Earth* — **Belinda Carlisle** (Virgin)
7 (10) *Lovesexy* — **Prince** (Paisley Park)
8 (N) *Love* — **Aztec Camera** (Warner Bros.)
9 (8) *More Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Vários** (RCA)
10 (N) *Provision* — **Scritti Politti** (Virgin)

Compactos (GB)

1 (4) "She's Leaving Home" — **Billy Bragg** (Go! Discs)
2 (N) "Got to Be Certain" — **Kylie Minogue** (PWL)
3 (N) "Doctorin' the Tardis" — **Timelords** (KLF)
4 (N) "Voyage Voyage" — **Desireless** (CBS)
5 (N) "Somewhere in My Heart" — **Aztec Camera** (WEA)
6 (N) "I Owe You Nothing" — **Bros** (CBS)
7 (N) "Circle in the Sand" — **Belinda Carlisle** (Virgin)
8 (N) "Check This Out" — **L.A.Mix** (Breakout)
9 (1) "Perfect" — **Fairground Attraction** (RCA)
10 (N) "I Saw Him Standing There" — **Tiffany** (MCA)

LPs Independentes (GB)

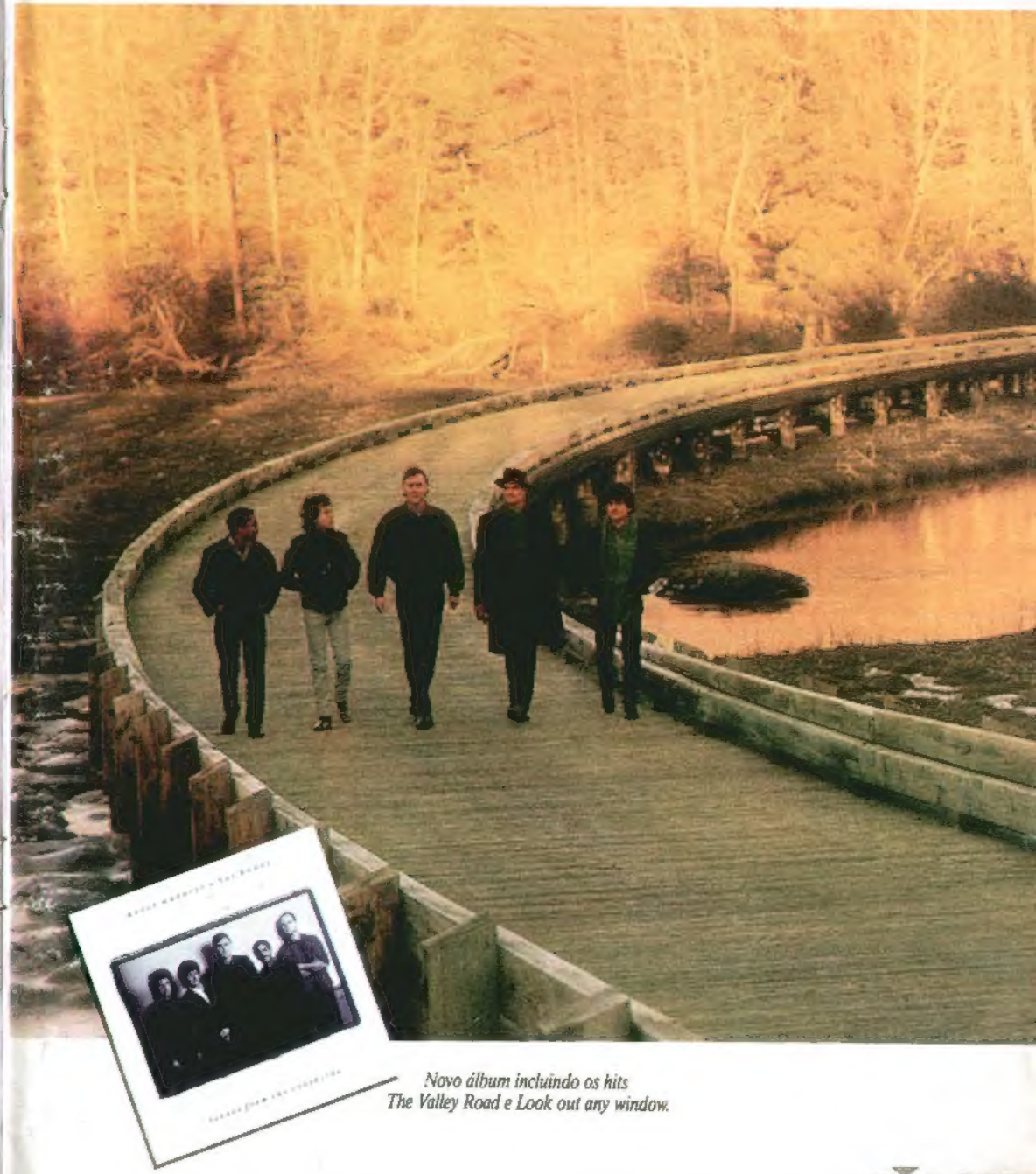
1 (1) *Life's Too Good* — **Sugarcubes** (One Little Indian)
2 (N) *The House of Love* — **House of Love** (Creation)
3 (4) *The Innocents* — **Erasure** (Mute)
4 (N) *Radio Sessions* — **New Model Army** (Abstract Sounds)
5 (N) *A Bell Is a Cup Until It's Struck* — **Wire** (Mute)
6 (3) *Hairway to Steven* — **Butthole Surfers** (Blast First)
7 (N) *Nothing Wrong* — **Red Lorry Yellow Lorry** (Situation Two)
8 (N) *Assassins* — **Into a Circle** (Abstract Sounds)
9 (2) *Surfer Rosa* — **Pixies** (4AD)
10 (5) *Somebody Up There Likes Me* — **Brilliant Corners** (McQueen)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Moonchild" — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)
2 (N) "Doctorin' the Tardis" — **Timelords** (KLF)
3 (N) "Love Will Tear Us Apart" — **Swans** (Product Inc.)
4 (4) "Blue Monday 1988" — **New Order** (Factory)
5 (N) "It's All Up to You" — **Darling Buds** (Native)
6 (N) "Got to Be Certain" — **Kylie Minogue** (PWL)
7 (N) "Chains of Love" — **Erasure** (Mute)
8 (8) "Christine" — **House of Love** (Creation)
9 (N) "Jesus Love Amerika" — **The Shamen** (Moshka)
10 (N) "Peel Sessions" — **Cure** (Strange Fruit)

Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB), de 4 a 25/06/88. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 30/06/88.

BRUCE HORNSBY & THE RANGE
scenes from the southside



Novo álbum incluindo os hits
The Valley Road e Look out any window.

BMG RCA

LOVESEXY — Prince (WEA)

A última frase da última música deste LP, "Positivity", dá uma indicação: "Nós temos ainda um longo caminho pela frente". Um recado para quem possa ter pensado que, depois de um trabalho genial como *Sign O' the Times*, o diminuto e explosivo Prince fosse baixar a bola. *Sign* foi seguramente o melhor LP de 87 e este de agora, embora possa parecer prematuro dizer, deve emplacar o mesmo feito em 88. Nada mau, mesmo para quem em um espaço de poucos meses desovou *dois* discos: *Lovesexy* e o controvertido e entortante *Black Album*, disponível apenas em cópias piratas e descartado por Prince, ou pela gravadora, por motivos talvez para sempre obscuros. *Lovesexy* consegue ser ao mesmo tempo instintivo e direto; esperneia para todos os lados mas é de uma objetividade musical gritante. Desde a impressionante abertura com "Eye No", um quase gospel na trilha de "Head" (de *Dirty Mind*), a "Alphabet Street", uma vigorosa reciclagem do rythm and blues, Prince mostra que, apesar de fazer um disco mais contemplativo, não perdeu sequer uma fração de sua capacidade de fazer música dançante. É um LP acachapante, ponto.

José Eduardo Mendonça

FEIXE DE LUZ — Egberto Gismonti & Academia de Danças (EMI-Odeon)/**O PAGADOR DE PROMESSAS — Egberto Gismonti** (Som Livre)

Depois de vinte anos de trabalho, Egberto Gismonti mostra que está no páreo para disputar com Villa-Lobos o título de produção musical mais caudalosa. Dois discos somam mais números à imensa lista do compositor. *O Pagador de Promessa*, trilha sonora da minissérie de TV, é mais um disco do "tecladista" Gismonti. Todos os arranjos se concentram nos timbres de seu sintetizador Oberheim. Não há novidades estilísticas e permanece o acabamento cuidadoso do material sonoro. "Inhambu", o melhor tema, empresta a ferocidade rítmica de outra das paixões de Egberto, Igor Stravinski, e a coloca sem problemas no meio do sertão. As melhores faixas de *O Pagador...* se repetem em *Feixe de Luz*, rearranjadas para grupo — o ressuscitado e ampliado Academia de Danças. A melhoria dos timbres, harmonias e andamentos de todas as faixas denuncia que o compositor teve mais tempo e vontade para refinar suas idéias. A releitura de "Iluminada" mostra o quanto Gismonti pôde afastar o tema do banal tocando o sinth pelo piano e irregularizando a dinâmica deste. Saldo final: *Feixe de Luz*, recuperando o arranjador Gismonti, fica entre seus bons discos da década, como *Fantasia* e *Alma*. *O Pagador...*, feito para funcionar com imagens, é um item de colecionador com qualidade acima da média dos tecladistas nacionais. *M.S.*

DAWNRAZOR — Fields of the Nephilim (Beggar's Banquet/WEA)

O circo inglês da fórmula rock independente (mas nem tanto) volta a plantar sua lona. Em cena, o Fields of Nephilim: um esquisito *remake* da surradésima estética *western-spaghetti*, com direito às capas compridas, o aspecto vagamente ameaçador, muito pó (de farinha) e à inevitável homenagem ao mestre Ennio Morricone. *Dawnrazor* mergulha de forma brutal numa trilha de terror série B que fica a meio caminho entre o hard-heavy metal e o gótico *à la* Cure revisitado via Cult/Sisters of Mercy, com reminiscências psicodélicas. Por mais que se ouça este disco, é impossível diferenciar as músicas entre elas. Por efeito de uma produção "suja", os instrumentos se fundem numa massa sonora compacta, ainda mais esmagada pela voz cavernosa e gosto de Carl McCoy e pelo baixo rasteiro de Tony Pettitt. Tudo isso valoriza os clímas envolventes e perturbadores. *J.Y.N.*

THE CLOCK COMES DOWN THE STAIRS — Microdisney (Stiletto/Eldorado)

Formado em 82 na cidade de Cork, na Irlanda, o Microdisney tem cinco LPs a seu crédito, sendo *The Clock...* o terceiro em ordem cronológica e o primeiro a sair aqui. Este disco é talvez o melhor registro da banda e marca, ironicamente, sua saída da gravadora independente Rough Trade, na época investindo tudo nos Smiths. Aqui temos um pop bucólico, de nítida têmpera folk, em contraponto a um texto cáustico, que incursiona por questões amorosas ("Horse Overboard"), existenciais ("Genius") e metafísicas ("And"). *A.G.C.D.*

SCREAMIN' AND CRYIN' — Otis Rush (Black & Blue)

O *urban blues* de Chicago em sua versão mais estridente. Não é um *must*, já que falta uma identidade mais brilhante ao tratamento dado às seis composições. A inspiração ficou por conta apenas dos solos dissonantes e desafinados — nem por isso menos profissionais — de Otis Rush. A influência dele sobre Jimmy Page é nítida em "I Can't Quit You Baby" (aliás, esta é erroneamente creditada a Rush, em vez de Willie Dixon), que está no 1º LP do Zep. *T.P.*

CONTRA ATAQUE — Vários (Ataque Frontal)

Esta é a segunda investida da gravadora independente Ataque Frontal no território das coletâneas, reunindo bandas nacionais que trilham as sendas do punk e/ou seus derivados (a primeira foi *Ataque Sonoro*, de 85, reunindo dez grupos). Desta feita são sete, cada um presente com duas faixas. De São Paulo e adjacências (Santo André e Osasco) — com a única exceção dos Pupilas Dilatadas, de Porto Alegre — são lançadas faíscas punk impregnadas de mensagens pacifistas e ecológicas, com a produção técnica de Clemente, dos Inocentes. O resultado, se não prima pela originalidade, no geral consegue convencer, especialmente nas faixas com o Republika e o Não Religião, ambos em promissora estréia no vinil, além do *noise* ultra-hardcore do Olho Seco, um dos pioneiros da cena punk paulista. *C.P.*

BHURMA — Livio Tragtenberg e Grupo (Fermata)

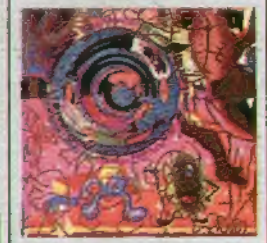
O segundo disco do compositor paulista de vanguarda possui a virtude da heterogeneidade. Esta faz conviver num só trabalho, trechos de uma "ópera de bolso" ("Harpias") tocados na harpa, peças instrumentais polifônicas e politonais ("Pássaros e Telefones", "MozartMóbile"), fragmentos de um poema de James Joyce ("Twilight of Blindness Madness Descends on Swift") para voz e viola e até um rap pós-industrial — "Syrena (ein Mytologisch Rap)". Não se trata apenas de uma fusão de fórmulas eruditas e populares, mas de um amálgama contraditório que não ocorrenta o compositor a um gênero ou a um "estilo". O disco-obra descortina fronteiras de novas inventividades. Sem dúvida, trata-se do mais denso e interessante disco de música de alta informação já perpetrado por um compositor brasileiro. Talvez por que não se trate apenas de música "erudita" e sim de suportes para o vôo auditivo. Demais para o Brasil. *L.A.G.*

LIGHT YEARS — Chick Corea Elektric Band (CBS)

Uma das grandes atrações do Free Jazz, no ano passado, foi a Elektric Band de Corea. Aproveitando o lance, a CBS logo lançou os dois LPs da banda: um naquela época e este em 88. Apesar deste LP ser mais interessante do que o anterior, nem chega perto do estraçalho que a banda mostrou ao vivo. O problema é que o jazz-rock às vezes limita um pouco o músico no estúdio. Quando muito, *Light Years* será um souvenir para os que assistiram ao show ou servirá, para os que não foram, como um resumo da história. *V.M.*

ALÉM DA ALIENAÇÃO — João Penca e Seus Miquinhos Amestrados (RCA)

Excetuando os antros da resistência punk e rockabilly, a maioria dos grupos brasileiros afunkalhou-se, seguindo as "afro-ditaduras" da mídia, embasadas em hip hop, reggae e sub-experimentalismos com ritmos populares. O mérito deste grupo carioca, em seu terceiro LP, foi o de se manter fiel à sua proposta inicial: ser uma *entertainment band*. Assim conseguiram realizar um trabalho competente e sincero, coisa rara na atualidade nacional. *F.N.*



THE UPLIFT MOFO PARTY PLAN — The Red Hot Chili Peppers (EMI-Odeon)

Uma palavra: porrada! The Red Hot Chili Peppers falam para os pés queimando os ouvidos. As distorções e letrinhas malcriadas ardem como pimenta. Porrada! Já foram produzidos por Charles Bukowski e George Clinton, o pai do funk e guru do pós-funk. Nesse seu terceiro LP (segundo a sair no Brasil), jogam coquetéis molotov sobre cacos de pista de dança. Com a exceção da faixa "Behind the Sun", que lembra demais o som do BAD de Mick Jones, tudo é extravagância. Extraporrada! Na centrífuga: funk, hip hop, trash, thrash, hardcore californiano, reggae, heavy e o inferno. Sobra até para Bob Dylan, que tem seu "Subterranean Homesick Blues" subvertido pelo baixão de Flea (pulga) à frente de um terremoto pulsante. E tome distorções na cara. *The apocalypse noise!* E dance. *M.P.*

HIP HOP HITS — Vários (CBS)

Apesar do nome, esta coletânea apresenta também faixas com artistas não tão adeptos do hip hop, como as de Lisa Lisa & Cult Jam (a Madonna dos chicanos). Porém, as demais cumprem direitinho a missão de fazer os assoalhos racharem. Exemplos: duas faixas com o enfezado L.L. Cool J (que invadiu as FMs com a meia cueca "I Need Love"), "I Can't Live Without My Radio" (também título de seu primeiro LP, não lançado aqui) e "I'm bad", uma indireta para Wacko Jacko; e duas do encapetado Public Enemy, além dos palhinhas dementes Beastie Boys com "The New Style". Dá pra entortar o cangote. *T.L.*

BORA BORA — Paralamas do Sucesso (EMI-Odeon)

Cinco anos após sua estréia em vinil, os Paralamas chegam ao quinto LP (o quarto de estúdio), com extrema personalidade musical. Um som sob a égide da universalidade com o saque esperto e competência de quem conhece as plantas de seu quintal. O disco possui várias faces, num jogo de espelhos que reflete influências tranqüilamente assumidas e aponta caminhos para a música pop nacional, além de confirmá-los como a melhor banda de ska/reggae do país. Ouso dizer até que, ao ampliar a trilha aberta por "Alagados" nas faixas "Bora Bora" e "Santona" ("Quem sabe algum dia/Numa rua da Bahia/Tudo tenha solução"), os Paralamas fazem o que há de melhor na música afro-baiana no momento. São dois lados quase que distintos: o primeiro vai fundo nos ritmos afro-caribenhos, enquanto o outro retoma o lado romântico da banda, ao estilo de *O Passo do Lui*, com composições elaboradas e letras cinematográficas. Cruel. *Hagamenon Brito*

E o comboio segue viagem. Por onde passa, mudam as cores dos paralamas. Primeira parada: reggae padrão UB 40, em "O Beco". Seguinte: Caribe. Merengue/carimbó/calipso. Tudo dançável, com grande reforço nos naipes de metais. É música de lá com sotaque daqui. Em "Don't Give Me That", parada jamaico-londrina para um "toast" de Peter Metro. Uma canção-libelo, em inglês, contra a cocaína, a única não transcrita na capa, a única que precisava ser entendida por todos. No lado B, o rock/pop branco retoma seus direitos. Os teclados de João Fera falam mais alto, as baladas, mais rápidas ("Uns Dias", "Dois Elefantes") ou mais lentas ("Quase Um Segundo"), são sempre bem amarradas para fechar com a muito brasileira "O Fundo do Coração". Se os Paralamas formam hoje um trio coeso capaz de entusiasmar multidões (vide o Hollywood Rock), ainda não conseguiram fazer a síntese de suas influências musicais, lembrando o camaleão que adota a cor do mato em que se encontra. *Jean-Yves de Neufville*

THE STORY OF THE CLASH VOLUME 1 — The Clash (CBS)

Lembra-se daquela que era "a única banda que realmente importava", a "porta-voz da esquerda radical do rock", aquele grupo que conseguiu transcender o furor niilista do punk (explicitamente representado pelos Pistols), forjando uma linha político-musical evolutiva, muitas vezes tachada como uma "traição ao movimento"? Pois bem... depois de pouco mais de uma década, eles já viraram história. Ou História, aquele jogo cheio de trapaças, cujo cerne o próprio espírito do punk renegava a princípio, mas que ao longo da última década foi sendo assimilado por este, à medida que surgiam os heróis e mártires do movimento. É isto que torna esta coletânea essencial. Sem ser cronológico ou enciclopédico, o repertório engloba indiscriminadamente diversas das mais marcantes canções da banda. Uma seleção bem cuidada, que não por acaso inclui a nata dos LPs e músicas só lançadas em single e — ao que parece propositadamente — deixa de lado o definhante *Cut the Crap*, o primeiro e último disco do "novo" Clash. Aos fãs de longa data, resta esperar que faixas como "I'm So Bored with the USA", "Revolution Rock" e "The Call Up" estejam no segundo volume desta história. Aos neófitos, um álbum duplo imprescindível. *Celso Pucci*

UNDER THE COVERS — Vários (WEA)

O que há de novo sob os covers? Dentre os doze nomes do pop britânico compilados neste LP, há grupos que pela primeira vez chegam ao Brasil, como Fuzzbox, o quarteto feminino que causou furor em 86 e que já foi devidamente esquecido. Há a versão do Jesus and Mary Chain para "Surfin' USA" — a areia da angústia no sol esfuziante dos Beach Boys, plugada num feedback e numa pregadora texana ensandecida. Há o mimetismo do Echo & The Bunnymen, que conta até com Ray Manzarek na sua versão de "People Are Strange" (da trilha do filme *Lost Boys*), dos Doors. Há versões conhecidas, como a do Aztec Camera para "Jump" do Van Halen e a do Simply Red para "Money's Too Tight (to Mention)" dos Valentine Brothers. Há a formação original dos Pretenders tocando Small Faces. Há The Associates com ressaca de Diana Ross. E há o resto, perecível. *M.P.*

PRAISE THE LOUD — C.J.S.S. (Rock Brigade)

David Chastain é um dos principais nomes na nova safra de heróis da guitarra heavy e estréia por aqui com este LP de sua banda, a C.J.S.S. (iniciais de Chastain, Jinkens, Skimmerhorn e Sharp), além de paralelamente gravar discos solo. Em *Praise the Loud*, temos uma boa demonstração de sua técnica mirabolante na guitarra, com solos rápidos e melodiosos, sempre secundados por uma banda poderosa e eficiente. *L.R.*

AÍ TEM GONZAGÃO — Luiz Gonzaga (RCA)

Enquanto não for dada a devida importância ao Gonzagão, monumento da cultura brasileira, nossa música popular moderna estará mais pobre. Ouvidas no contexto certo, estas treze faixas levantam a poeira. E mandam um recado para os nossos roqueiros que tentam imitar Cure, Prince e cia.: mirem-se no exemplo dos irlandeses, que do U2 aos Pogues regeneraram o pop eletrificado com instrumentos tradicionais e seu folclore. Aqui, o instrumento é o acordeon, e o forró, uma fonte de ritmos inesgotáveis. Gonzagão *for all*. *J.Y.N.*

THE GIFT OF TIME — Jean-Luc Ponty (CBS)

Já faz algum tempo que Ponty vem insistindo na mesma fórmula: um jazz-rock fácil com uma cozinha que margeia bem o funk. Para variar um pouco, ele coloca um sintetizador aqui, um efeito ali, mas mudança significativa ele só tem feito de gravadora. Este é seu décimo-quarto LP da fase pós-Zappa/Mahavishnu, e o primeiro pela CBS. Com um pouco de critério, ele reduziria esses LPs para quatro ou cinco. E este de agora certamente não seria escolhido. *V.M.*

STAGGER LEE — Lloyd Price (Brasidisc)

Queiram ou não, a verdadeira alma da música negra reside em mestres como este. Esta coletânea, que leva o título de um de seus maiores hits —"Stagger Lee", composta em 58 —, é um breve petisco para o orgiástico banquete apresentado por Price, um desesperado crioulo de New Orleans que lançou-se como cantor por volta de 52. Pena que esta edição nacional não corresponda ao LP *Mr. Personality Revisited* (antologia da mesma gravadora — Charly — com seis faixas a mais). Ainda assim, é uma boa introdução à obra de Price. *F.N.*

STONE CRAZY — Buddy Guy (Jazz and Blues) **LIVE IN MONTREUX — Buddy Guy & Junior Wells** (Black and Blue/Eldorado)

As várias temporadas brasileiras de Buddy Guy — um mestre na guitarra blues — parecem ter suscitado estes dois lançamentos, no velho esquema *antes-tarde-do-que-nunca* (não por culpa dos selos, ambos estreando no mercado). *Stone Crazy* é de 79 e tem como destaque faixas do próprio Buddy, como "You've Been Gone Too Long" e "She's Out There Somewhere", além de cantar com seu irmão Phil na guitarra ritmo. O outro LP foi gravado ao vivo no ano anterior no Festival de Montreux e traz Buddy ao lado de outra fera, o gaitista Junior Wells (com quem se apresentou em sua primeira vinda ao Brasil, em 85), e outra banda de apoio. À exceção de uma faixa de Wells, o repertório é de blues alheios, incluindo clássicos de Sonny Boy Williamson e Muddy Waters. *C.P.*

CELEBRATION — Simple Minds (Virgin/RCA)

Esta coletânea é um perfeito roteiro para compreender por que os Minds foram tidos como uma das mais promissoras bandas do pós-punk, principalmente por aqui, onde quase só são conhecidos pelos discos que desmentem essa fama... Passe sem dificuldades pelas duas primeiras faixas — do LP de estréia *Life in a Day* (79), calcado demais em modelos pop dos anos 60 e 70 — e desemboque em "Premonition", antevisão do que o grupo escocês faria de melhor. Ao lado de "Factory", "Calling Your Name" e "Changeling", mostra a evolução das concepções da banda, com sobretons progressivos que marcariam o LP seguinte, *Real to Real Cacophony* (80). E eis que "I Travel" abre o lado B na plena forma de *Empires and Dance* (80, o terceiro disco, uma obra-prima), o domínio perfeito da eletrônica espasmódica se estendendo até "Celebrate" e "Thirty Frames a Second". E de bônus, o single "Kaleidoscope". *A.A.*

SEVENTH SON OF A SEVENTH SON — Iron Maiden (EMI-Odeon)

Esta é a sétima produção de Martin Birch e o sétimo LP de estúdio do Maiden. Ele é conceitual e trabalhadíssimo em todos os detalhes, desde a capa e os encartes até os temas, baseados na mística de que os carismas e poderes de um sétimo filho se transmitem de forma mais forte para o seu sétimo filho. Esta força fica clara em "Moonchild", na instigante "Only the Good Die Young" e "Can I Play with Madness", com toda justiça, a melhor faixa. O Maiden é a expressão máxima do heavy metal atual, está no auge e com todos seus elementos em perfeita sintonia. Dickinson está aproveitando como nunca sua potência vocal; Murray e Smith estão exatos nas guitarras; o baixo de Harris não deixa vazios e o ritmo de McBrain é pesado e original. Tudo que a pauleira tem de bom pode despontar a qualquer momento no som do Maiden. *L.R.*

THE BEST OF FATS DOMINO — Fats Domino (EMI-Odeon)/**IN CONCERT — Fats Domino** (Brasidisc)

Em 2 de dezembro de 1949, Fats Domino lançou um dos fundamentos do rock'n'roll com "The Fat Man", um dos primeiros compactos da história da música popular, que foi para as vitrolas de mais de um milhão de americanos apaixonados. A partir daí, Fats foi impondo seu estilo descontraído, sua tristeza discreta temperada com pitadas de humor, em contraste com os toques vibrantes que ele imprimia às teclas de seu piano, flertando com o boogie-woogie. A antologia *The Best of...*, lançada pela EMI-Odeon, reúne dez gravações originais limpas das sujeiras do tempo graças ao processo de releitura digital e apresenta clássicos do porte de "Blueberry Hill", "Ain't That a Shame" e "Blue Monday" em um álbum altamente recomendável. O mesmo não pode ser dito do LP *In Concert*, uma meleca sonora vendida nas lojas ao mesmo preço do que o primeiro. *J.Y.N.*

SINFONIA N.º 2, CELLOKONZERT & SINFONIA N.º 3, PIANO CONCERTO DE SCHUMANN — Orquestra Filarmônica de Viena, sob regência de Leonard Bernstein, com Mischa Maisky (violoncelo) e Justus Frantz (piano) (Deutsche Grammophon/PolyGram)

É o encontro do mais ortodoxo dos românticos alemães com o menos ortodoxo dos maestros americanos. Robert Schumann (1810-1856) inventou o abismo musical dos afetos a partir das fórmulas deixadas por Beethoven, clássicas até certo ponto. As sinfonias schumannianas partem da escritura das primeiras sinfonias de Beethoven para sugerir pequenas tempestades sentimentais. Já os concertos trazem modelos revolucionários, poemas sobre a emoção diante de uma forma-sonata quase convertida em fantasia livre. Bernstein enfrenta essas obras com espírito neoclássico. Busca a claridade dos naipes para caprichar no traço moderno, com um resultado previsível, porém marcado pela diferença. O russo Maisky e o alemão Frantz seguem comportados estas lições de liberdade. Uma aventura de não se perder. *L.A.G.*

EARTH BEAT — Paul Winter with the Dimitri Prokovsky Singers (Living Music/SBK Songs)

O saxofonista americano Paul Winter já apresentou seu som instrumental algumas vezes na URSS e numa delas estreitou seus contatos com o grupo vocal de Dimitri Prokovsky. Deste entrosamento nasceu este LP, cujo propósito básico era o de gerar um música universalista. Até que eles conseguiram, e o interessante é que os vocais femininos mais se assemelham à música afro do que ao folclore da Sibéria. *V.M.*

STRONGER THAN PRIDE — Sade (CBS)

Três anos depois de *Promise*, seu segundo LP, e ainda a muitos anos-luz do Grande Moedor de Carne que despeja pilhas e pilhas de hambúrgueres de vinil, Sade é — ao contrário do que se pensa — uma grande banda, e não (só) uma grande cantora. E esta é apenas a primeira revelação de um grande disco.

Em comparação com *Promise* e a impressionante estréia em *Diamond Life*, de 84, os arranjos surpreendem pela coesão enxuta e descarnada, ao mesmo tempo meticulosa: nada que possa ser chamado de simples "acompanhamento". A sutilíssima utilização da eletrônica pode até passar despercebida, mas traz um *novo* enfoque, principalmente nos vocais e no ritmo. A fórmula do sucesso poderia muito bem ter sido requentada. Foi é requintada, com a minúcia de um joalheiro, mas tudo em função de uma carga emocional sempre presente em sua contenção, e que explode em contracantos nas sublimes "Paradise" e "Clean Heart". Arrepios à flor da — e sob a — pele que só podiam antes ser encontrados nas melhores safras de Sam Cooke, Billie Holiday e Marvin Gaye. Não se engane: se existe *soul* nos 80, está aqui e não em pastiches saudosistas e plastificados como Mick Hucknall e Trent D'Arby. Resumindo: um milagre. *José Augusto Lemos*

ATLANTIC RHYTHM AND BLUES 1947-1974: VOLUMES 1 (1947-1952), 2 (1952-1955), 3 (1955-1958), 4 (1958-1962), 5 (1962-1966), 6 (1966-1969), 7 (1969-1974) — Vários (Atlantic/WEA)

Depois de *Atlantic Blues* e *Atlantic Jazz*, a WEA edita no Brasil mais esta coleção, no mínimo tão imprescindível quanto as duas anteriores. Isto porque, sob o abrangente rótulo de R & B — rhythm'n'blues —, estes sete álbuns duplos registram em ordem cronológica grande parte do que houve de melhor na música popular americana durante 27 anos. Além do blues e do jazz, o R & B lançou suas raízes nos cantos do gospel e na sonoridade dos metais das big bands. Esta árvore de puro ébano gerou frutos como o rock'n'roll e o soul, que, mesmo depois de terem sido assimilados pelos músicos brancos, mantiveram intacta sua essência negra, fonte vital de energia nas maiores transformações ocorridas no universo do pop.

A coleção conta a história musical da gravadora Atlantic, fundada em outubro de 47 pelo dentista Ahmet Ertegun e Herb Abramson um aficcionado do jazz, que em 53 abandonaria a sociedade cedendo seu lugar ao escritor Jerry Wexler. A empresa, de orçamento modesto, pouco a pouco foi conseguindo montar um cast invejável, tornando-se uma força alternativa no mercado dominado pelas grandes gravadoras, para finalmente se afirmar como uma delas, em grande parte pelo sucesso alcançado pelas preciosidades contidas nestes LPs.

Temos assim um painel da ascensão, apogeu e declínio deste estilo fundamental, que pode ser apreciado das mais variadas maneiras. Podemos ouvi-lo em uma perspectiva da evolução das sonoridades: do blues puro de Joe Turner, o boogie-woogie do Professor Longhair e a quente voz de "Miss Ritmo", Ruth Brown, presentes nos três primeiros volumes, a viagem continua pelas vocalizações dos grupos de *doo wop* (The Clovers, The Chords, Clyde McPhatter & The Drifters), e culmina nos volumes 5 e 6 com a explosão do soul dos anos 60 trazendo a prata nomes do calibre de Wilson Pickett, Otis Redding, Aretha Franklin, Don Covay e Sam & Dave, até terminar de forma evanescente e diluída no volume 7. Podemos também acompanhar as diversas fases da carreira de Ray Charles, figura constante nos quatro primeiros álbuns com clássicos como "The Midnight Hour", "I Got a Woman", "Lonely Avenue" e "Let the Good Times Roll". Ou, então, indo um pouco mais fundo descobrir os nomes dos lendários produtores Jerry Leiber e Mike Stoller por detrás de várias faixas dos Coasters (incluindo no volume 2 uma de suas primeiras gravações, ainda como The Robins), ou mesmo acompanhar passo a passo a carreira do guitarrista e compositor Steve Crooper — co-autor e eminência parda de vários sucessos de Pickett, Redding e Covay — apenas um dos músicos extraordinários criados nesta escola. Descubra sua própria jóia favorita neste diadema.

Celso Pucci

EARTH RUN — Lee Ritenour (CBS)/**ATAVACHRON — Allan Holdsworth** (RGE)

Laurie Anderson dizia que não tocava com guitarristas por considerar o instrumento fálico. E mesmo quando convidou Adrian Belew para trabalhar com ela deu a entender que ele mexia tanto com seu "brinquedinho" que se tornava aceitável um molestrão punheteiro, não um estuprador em potencial. . Essa história me veio à cabeça quando por acaso Holdsworth e Ritenour passaram para a capa de seus novos LPs com o mesmo "complemento erótico", um asséptico vibrador para estes tempos yuppies. Trata-se da *Synthaxe*, uma guitarra sintetizada que se converte num novo instrumento ao se acionar uma chave que torna as cordas independentes do braço e da mão direita, permitindo que seja tocada como um teclado. Para Holdsworth velho jazz-roqueiro inglês preocupado com as limitações do instrumento, caiu como uma luva: ele emenda notas e mais notas num "êxtase" morno porém constante, lembrando os melhores dias de Jean-Luc Ponty. Quanto ao panaca Ritenour, só incorporou a novidade do *Synthaxe* ao seu musak metido a esperto com as usuais pitadas de bossa nova e uns cotovelos a mais. Para americano ver.

A.A.

MICHAEL BRECKER (WEA)

O saxofonista tenor americano não é muito conhecido. Mas tem vinte anos de carreira e chegou a gravar mais de quatrocentos álbuns, ao lado de John Lennon, Chick Corea, Charles Mingus e Billy Joel, entre outros. Neste seu primeiro disco solo, o velho acompanhante se revela mestre na inventividade. Em seis viagens — a menor com mais de cinco minutos — ele prova ser um sacerdote do *hard bop*, voltando à definição melódica e às formas rigorosas da variação. E o faz com entusiasmo.

L.A.G.

KOHUEPT — Billy Joel (CBS)

Pouco antes do histórico encontro entre Gorbachev e Reagan, o cantor e compositor americano Billy Joel realizou seis concertos em terras soviéticas e, para sorte (ou azar) dos vermelhos apresentou um pouco de sua música pop capitalista. Em meio a previsíveis discursos (provavelmente mal traduzidos pelo "camarada de cerimônias"), um desfile dos maiores sucessos do artista, com direito até a uma versão "Back in the U.S.S.R." (aquela dos Beatles).

T.L.

SIMPLE THINGS — Richie Havens (RBI/SBK Songs)

Na década de 60 ele tocou em todos os grandes festivais (Newport, Monterrey, Woodstock, Isle of Wight) sozinho ou acompanhado apenas de um outro violonista e um percussionista. Seu jeito meio percussivo de tocar violão de 12 cordas dava um embalo especial ao seu repertório essencialmente folk. A partir de 76, entretanto, ele encostou o instrumento e começou a lançar discos comerciais, seguindo fórmulas manjadas de produção e escolha de repertório. Como este último lançamento seu, apenas uma pálida sombra do velho Havens, uma lamentável e triste coleção de chumbregueices românticas, bem no estilo Whitney Houston e afins. Uma grande pena.

T.P.

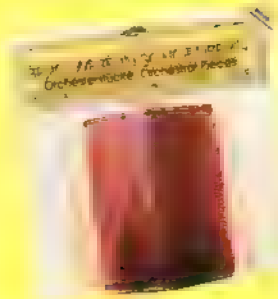
TERENCE TRENT D'ARBY

GÊNIO?

HOUVE QUEM NÃO ACREDITASSE, E VOCÊ?

EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS

CBS



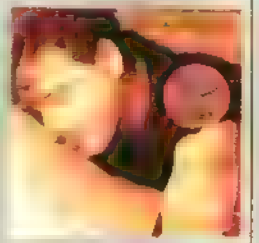
PEÇAS PARA ORQUESTRA DE ALBAN BERG, ANTON WEBERN E ARNOLD SCHOENBERG — Orquestra Filarmônica de Berlim dirigida por James Levine (Deutsche Grammophon/PolyGram)

Schoenberg (1874-1951) e seus alunos Webern (1883-1945) e Berg (1885-1935) formaram o trio vienense que pôs abaixo todo o sistema tonal, ainda vigente no pós-romantismo de Mahler e Richard Strauss. O trio gostava da forma sintética. Dedicou-se mais a música de câmara e pianística do que à sinfônica. Demolições, afinal de contas, têm melhores resultados com implosões. A forma sinfônica é explosiva por tradição. Mas, pelas seis mãos vienenses, ela se converteu em um gigantesco modelo camerístico, próprio ao carrossel de experimentação de timbres justapostos e contraponto inusitado. O maestro americano Levine cumentou todas estas experiências sobre a estrutura da Filarmônica de Berlim. O resultado é curioso e infiel, como se o fantasma do sistema tonal persistisse diante da demonização. *Luis Antônio Giron*

HERE COMES EVERYBODY — The Wake (Stiletto/Eldorado)

Ao fundar a Factory no final dos anos 70, Tony Wilson não ignorava o valor dos mitos para a indústria do rock. Por trás de uma estética perversa que ocultava o rosto de seus artistas em favor da sofisticação intrigante do design de Peter Saville, ele forjara um estilo, um novo padrão sônico cujo melhor exemplo seria o Joy Division. O êxito da empretada ficaria selado com a morte de Ian Curtis. Ao mesmo tempo, novos nomes seriam chamados para ocupar o vácuo. Crispy Ambulance, The Names, Section 25 e o próprio The Wake, que chega até nós com três anos de atraso e sem o encarte com letras da edição original. Assim, embora a audição do disco seja até agradável, ele não passa de um exercício de uma fórmula bem-sucedida, delineada por uma música glacial, que flui principalmente à custa de teclados suntuosos e vozes sussurradas. Em suma, tão previsível quanto os discos da ECM.

A G C D



DIRETO DO MEU CORAÇAG PRO SEU — Leo Jaime (CBS)

O melhor é "Conquistador Barato", da novelinha *Bambolê*, por sua graça e balanço eficazes. O resto nem crítica social, participação de Caetano — batem no peito. Até o standard arrasa-quarteirão de Little Richard "Tutti Frutti" nega fogo diante do arranjo MPB que embaça todo o LP. Mas antes isso do que a composição dos *extra-shits* Dalto e Marcos Sabino. Pata da cadraca. *M P*

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RAST

Abrimos com o pagode de **MISTER DICRO** (RCA) sacanagem da grossa pra guerra do fundo do quintal. Numa das faixas, a pérola "vai de língua" moçada, que é bom pra caralho não há nada mais gostoso do que língua no angu." ⊗ A 3M sai com **GERALDO ROCA e TODO MORENO** de **Beto Luddy**. O primeiro diz que gostaria de ser produzido por Brian Eno e Nile Rodgers, mas seu soul branco-azedo acabou mesmo indo parar nas mãos de um tal Pedro Jaguanhe. O outro se compraz com a companhia de Lincoln Olivetti e Robson Jorge e manda ver um cover para "Pata Pata", de Miriam Makeba, aquela do "Tá com pulga na cueca". Simplesmente nervoso. ⊗ Para os aficionados em botânica um disco de "raízes" — e o novo LP de **Mercedes Sosa** (PolyGram), de volta com sua cantilena latina. ⊗ Saudoso dos embalos de sábado à noite? Então torne **WE ARE BRASS** (EMI-Odeon) funk e disco segundo os maiores sucessos da **Brass Construction**. ⊗ Já **THE VERY BEST OF COUNTRY MUSIC** (CBS), abriga a nata da cafonalha caipira em temas para lá de manjados. ⊗ Bonitinhas mas ordinárias, as chicanas do Exposé tentam copiar Madonna em **EXPOSURE** (RCA). Na mesma trilha, o duo **Bobbysocks!** não vai além do banal com seu **WAITING FOR THE MORNING** (Young RGE) europop segundo o modelo de Abba e Bucks Fizz. Aaargh! ⊗ Agora, se o seu problema é como presentear um dono de pizzaria, o **mujazz de Buddy Tate & Milt Buckner** em **MIDNIGHT SLOWS** (Alidse Eldorado, é o que há. ⊗ Na ala geriátrica, o **Foreigner** mostra com esse **INSIDE INFORMATION** (WEA) que a aposentadoria seria o caminho mais sensato. Por sua vez, **SEVENTH ONE** (CBS) foi o originalíssimo título dado pelo **Toto** ao seu sétimo LP. No comando a guitarra clichezenta de Steve Lukather. ⊗ O eighties-soul sai se bem com as baladas **in the mood de Keith Sweat** em **MAKE IT LAST FOREVER** (WEA), mas vacila com os hits FM de **Billy Ocean** em **TEAR DOWN THESE WALLS** (Jive/RCA). ⊗ **QUO VADIS** (Heavy) é o que se pergunta o **Metralion**. Para o ferro-velho certamente. ⊗ Depois da tortura, só mesmo o **Pupilas Dilatadas** (Suicos Suicidas-Ataque Frontal) que com seu compacto triplo faz um *trash-noise* alucinado capaz de me fazer esquecer os percalços desta seção.

Arthur G. Couto Duarte

KICK!!! COMETA ESTE DESLIZE

Kick, role, dê cambalhotas, beije, surfe, dê pedradas, faça amor, pegue o vento, pise na lama, vôe, nade, exploda, soque, saque, enfim, faça o que bem entender ao som do novo LP da maior banda de rock: INXS, com todos os materiais esportivos do Armazém do Esporte.

PARTICIPE DESTA PROMOÇÃO

Diga o nome do atual Campeão Mundial de Skate e como se pronuncia o nome da Banda australiana INXS. Concorra a 10 KIT SKATE Armazém do Esporte e 10 pares de tênis KICK!! e 250 LPs do INXS. Promoção válida até 30/09/88.

AGORA TAMBÉM NA TIJUCA

ARMAZÉM do Esporte

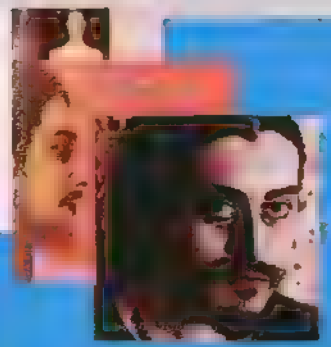
Entende Você

Tijuca Rua Sto. Afonso, 263-A
Rio Sul Shopping Center
Barra Shopping
Plaza Shopping
Cidade Rua da Assembléia, 38

Pronta-Entrega

Tel. (021) 281-9997/9846
Rua Cachambi, 707 – CEP 20780

EGBERTO GISMONTI
ÁGUA & VINHO



PACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COM

ÁGUA E VINHO/ACADEMIA DE DANÇAS/CORAÇÕES FUTURISTAS — Egberto Gismonti (Microservice/EMI-Odeon)

Agua e Vinho é de 1972; *Academia de Danças*, de 1974 e *Corações Futuristas*, de 1976. Além destes outros três discos do multiinstrumentista fluminense foram lançados em CD no Brasil — *Trem Caipira*, de 1985, *Alma*, de 1986, e o recém-editado *Feixe de Luz*. Enquanto estes foram gravados pelo sistema digital, os três anteriores, registrados analogicamente, podem parecer itens muito velhos para o transporte para uma tecnologia tão sofisticada quanto o CD. Uma tecnologia que revela ao mesmo tempo as qualidades e os defeitos da matriz original. Além disso, as experiências de *Agua e Vinho* na fusão dos registros popular e erudito já passaram ao sangue da música brasileira. As ousadias de *Academia...* e *Corações...* desgastaram-se e hoje não causam espanto. A passagem para o CD, porém, deu relevos impensáveis aos discos. Como se muitas daquelas composições sofisticadas não coubessem no vinil original e pedissem maior abrangência. Neste mundo mais amplo, a música de Gismonti respira fundo e se expande, conduzindo os ouvidos ao plano de detalhe. Uma viagem insólita a um terreno aparentemente familiar.

Luis Antônio Giron

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Ataque Frontal — *Cx. Postal 54217, São Paulo (SP) - (011) 257-3518*; Brasilisc — *R. Beneficência Portuguesa, 53, São Paulo (SP) - (011) 227-4999*; Heavy — *Cx. Postal 24047 e 5204, Rio de Janeiro (RJ)*; Jazz and Blues — *Santo André (SP) - (011) 449-8110*; Rock Brigade — *Av. Paulista, 2073, Cj. Nacional/Horsa I, 8.º andar, sl. 820, São Paulo (SP) - (011) 287-3677*; SBK Songs — *R. da Glória, 290, 7.º andar, Rio de Janeiro (RJ) - (021) 223-4168*

BOLSA DE DISCOS

	SIESTA Miles Davis & Marcus Miller (WEA)	JODE Cabaret Voltaire (EMI-Odeon)	DEOLOGIA Cazuza (PolyGram)	NOW AND ZEN Robert Plant (WEA)	WITHOUT MERCY The Durum Column (Stiletto-Eldorado)	MAINS HEAM Lloyd Cole and the Commotion (PolyGram)
Alex Antunes (SET)	Bom	Razoável	Lixo	Razoável	Bom	Razoável
Arthur G. Couto Duarte (Radio Liberdade, MG)	Bom	Razoável	Bom	Razoável	Bom	Razoável
Fernando Naporano	Razoável	Razoável	●	Razoável	Bom	Razoável
Hagamenon Brito (Jornal A Tarde, BA)	●	Lixo	Bom	Bom	Bom	Lixo
José Eduardo Mendonça	Bom	Razoável	Razoável	Razoável	Bom	Razoável
Leopoldo Rey (FM 97-Santo André, SP)	Bom	Lixo	●	Bom	Razoável	Razoável
Luis Antônio Giron (O Estado de S.Paulo, SP)	Bom	Razoável	Razoável	Razoável	Bom	Bom
Marcel Plasse	Bom	Razoável	Lixo	Razoável	Bom	Razoável
Celso Pucci	Bom	Razoável	Razoável	Razoável	Bom	Bom

Ótimo
Bom
Interessante
Razoável
Lixo

A CRISE CONTINUA, E OS DISCOS DE PLATINA TAMBÉM

BANDA REFLEXU'S
REFLEXU'S DA MÃE ÁFRICA
Mais de 320.000 cópias vendidas

LEGIÃO URBANA
QUE PAÍS É ESTE
Mais de 350.000 cópias vendidas

Estes são os mais recentes Discos de Platina, praticamente conquistados durante o período mais difícil do mercado. É provável que exista algo de muito especial nesses dois Lps, vale a pena conferir.

EMI

AVENTURA

ASES INDOMÁVEIS (Top Gun, EUA, 1986)

Direção Tony Scott. Com Tom Cruise, Kelly McGillis, Val Kilmer, Tom Skerritt. CIC

Pilotar aviões supersônicos, vencer a barreira do som, sobreviver a malabarismos estratosféricos. Parece não ser tarefa fácil. Difícil mesmo é coreografar tudo isso ao som de música FM. Embalado pelo hit "Take My Breath Away", do grupo Berlin, Tony Scott (*Fome de Viver*) resolveu contar a história do indomável tenente Mitchel (Cruise), um ousado piloto ainda em treinamento, com duas coisas para provar: sua coragem no manche e a paixão por sua professora (McGillis, de *A Testemunha*) — um verdadeiro avião. O resultado é um sonoro e bem montado "clipão" romântico, decorado com incríveis efeitos aéreos e visuais. Um passatempo para impressionar os tarados por aviões ou os românticos ligados em casos de amor de professorinhas apaixonadas por frágeis garotos indômitos. *D.G.*

OS DUELISTAS (The Duellists, Inglaterra, 1977)

Direção Ridley Scott. Com Keith Carradine, Harvey Keitel, Albert Finney. CIC

Dois soldados nas guerras napoleônicas (Carradine e Keitel) travam uma série aparentemente interminável e sem sentido de duelos, num estudo sobre a honra entre homens. Scott construiu um cinema permeado de ironia, aproveitando ainda grandes talentos do teatro inglês (Tom Conti, Edward Fox), num filme de belas imagens e surpreendentes movimentos de câmera. Um filme tenso do começo ao fim, fechado por uma cena inesperada. Belo e envolvente trabalho de um diretor então estreante. *J.E.M.*

COMÉDIA

BUGSY MALONE - QUANDO AS METRALHADORAS COSPEM (Bugsy Malone, GB, 1976)

Direção Alan Parker. Com Jodie Foster, Scott Baio, Martin Lev. F.J. Lucas

O mais exótico filme de gangsteres já filmado: uma comédia musical interpretada apenas por crianças. O tom é pastelão. Só que no lugar de tortas na cara há metralhadoras cuspindo bolacos de creme. Entre mortos e feridos, as simpáticas e sempre apuradas imagens de Alan Parker esbarram nos fracos números musicais de Paul Williams. Mas, apesar desse sofrimento, o público tem muitas chances de respirar aliviado quando a câmera focaliza a ninfetinha fatal Jodie Foster (13 anos!) coberta de pérolas e plumas. As crianças se divertem e os pedofilos babam. *M.P.*

PORKY 3 (Losin' It, EUA, 1982)

Direção Curtis Hanson. Com Tom Cruise, Jackie Earle Haley, Shelley Long, John Stockwell. Hipervídeo

Apesar do estúpido título nacional, esta comédia juvenil não tem nada a ver com as porcarias chamadas *Porky's*. O tema é parecido (a perda da virgindade por um grupo de *teenagers*), e só. Neste filme de Curtis Hanson, o mesmo diretor de *Um Inquilino Suspeito*, o elenco é melhor — destaque para um Tom Cruise gorduchinho e ainda imberbe — e as piadas são menos óbvias. As confusões começam quando um grupo de rapazes consegue um carro para cruzar a fronteira do México e emplacar "a primeira vez" longe das autoridades americanas. No caminho, encontram uma tristona insatisfeita que vai ao México em busca do divórcio. Apesar do indisfarçável racismo contra os mexicanos, uma comédia agitada e irresistível. *J.C.C.*

ANIMAÇÃO

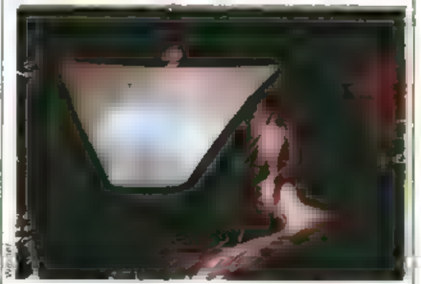
BETTY BOOP (EUA, 1930)

Direção Dave Fleischer. DIV

Cinquenta e sete minutos divididos em oito episódios estrelados por Betty Boop, a mocinha de andar felino. São historinhas curtas, dubladas e animadas pelo diretor Dave, junto a seu irmão Max, o produtor do filme. Os irmãos Fleischer fizeram de Betty um personagem sensual, uma verdadeira *coquette*, atraindo reações moralistas que tiraram o desenho das telas por um certo período. Ela era considerada muito ousada para a época, com toda a sua independência. Um dos desenhos desta seleção traz Betty em companhia de um outro personagem interessante, o gordo Reizinho. Em *Coroneo Inesperadamente*, um dos episódios, ela atura um amigo inconveniente. Mas, com as mesmas iniciais de Brigitte Bardot, BB também vence as dificuldades com seu charme. *C.G.L.*

FICÇÃO

VIAGEM INSÓLITA (Innerspace, EUA, 1987)

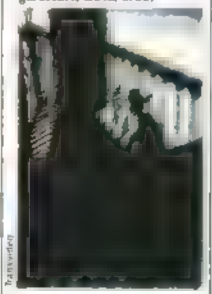


Direção Joe Dante. Com Dennis Quaid, Martin Short, Meg Ryan. Warner

Ficção e comédia reunidas num só filme realizado por um dos diretores do inusitado *No Limite da Realidade*, aproveitando uma idéia de *Viagem Fantástica* (1966), de Richard Fleischer. Quaid (*Sob Suspeita*) é Tuck, um tenente escolhido para ser miniaturizado dentro de uma seringa e injetado no corpo de um coelho. Mas uma gangue invade o laboratório durante a experiência e rouba o *chip* indispensável para desfazer a operação. Perseguido pelos ladrões, o chefe dos cientistas injeta o líquido, com o tenente dentro, em Jack (o ótimo Short), um nervoso empregado de supermercado. Depois de vários equívocos engraçados, ele acaba por entender que tem um homem dentro dos seus tímpanos. Com a ajuda de Lydia (Ryan), a bonita namorada de Tuck, Jack passa por peripécias divertidas e perigosas, tentando recuperar o *chip* roubado. Numa cena, efeitos inacreditáveis transformam o baixinho num verdadeiro Hulk. *C.G.L.*

SUSPENSE

CORAÇÃO SATÂNICO (Angel Heart, EUA, 1986)



Direção Alan Parker. Com Mickey Rourke, Robert De Niro, Charlotte Rampling, Lisa Bonet. Transvídeo

Neste filme, a receita de Parker é de inspiração *noir*, temperada como *thriller* satânico. Baseada em *Falling Angel*, livro de William Hjortsberg (roteirista de *A Lenda*), esta é uma história abirintica, onde uma investigação leva a caminhos cada vez mais tortuosos. O ano: 1955, no Harlem nova-iorquino, onde Harold Angel (Rourke), detetive, é contratado por estranho Louis Cypher (De Niro) para encontrar o músico Johnny Favourite. A ver das pistas leva a Nova Orleans, permeando o filme com rituais macabros e mulheres bonitas (Rampling e Bonet). Nada falta: sangue e um encontro bizarro com o senhor Satã. Boa trilha sonora de Trevor Jones, aproveitando canções de Bessie Smith. *C.G.L.*

DRAMA

A INTRUSA (Brasil, 1979)

Direção Carlos Hugo Christensen. Com José de Abreu, Arlindo Barreto e Maria Zilda. CIC

A vastidão do pampa é o cenário para a estranha história dos irmãos Cristiano (Abreu) e Eduardo (Barreto). A harmonia dos dois é rompida quando Cristiano traz Juliana (Maria Zilda) para casa. Misto de criada e amante, embora não pronuncie mais que duas frases ao longo do filme inteiro, ela instaura o ciúme e a discórdia. O problema é que ambos se apaixonam, e macho que é macho não se apaixona, *che*. O diretor argentino radicado no Brasil Christensen elabora um delicado painel da vida gaúcha sem folclorizar. Trata da paixão impossível, embalada pela bela trilha sonora de Astor Piazzolla, sem açúcar mas com afeto. E o melhor: não se afasta muito do conto original homônimo de Jorge Luis Borges. *B.A.*

O DESPREZO (Le Mepris, França/Itália, 1963)

Direção Jean-Luc Godard. Com Brigitte Bardot, Jack Palance, Michel Piccoli, Fritz Lang. Globo Vídeo

Um dos trabalhos mais acessíveis do diretor, cuja trama tem muito a ver com o que ele enfrentava em sua primeira experiência com um produtor comercial, Carlo Ponti, e com um mito das telas, Bardot, encabeçando o elenco. Um produtor americano (o canastrão Palance) quer contratar um roteirista e escritor de histórias policiais (Piccoli) para ajudá-lo a "melhorar" a versão da *Odisséia* que o diretor Fritz Lang (o próprio) está rodando na ilha de Capri, no Mediterrâneo. Entre o dinheiro e suas convicções, o roteirista precipita os relacionamentos ao facilitar a aproximação de sua belíssima esposa (Bardot) com o produtor, enquanto discute com Lang se Ulisses e Penélope se amavam mesmo ou se o herói só foi à guerra de Tróia para escapar da mulher... Mas nem é preciso entender todas as insistentes referências literárias, cinematográficas e históricas do filme para entrar em seu clima angustiante. O que mais atrapalha é a ridícula dublagem em inglês. *A.A.*

MUSICAL

OZZY OSBOURNE (EUA, 1986)

Direção Andy Morahan. Globo Vídeo

Este vídeo foi "montado" com base na turnê americana de Ozzy em 86. É só notar as trocas rápidas demais para um mesmo show — de roupas e capas de Capitão Ming de Ozzy, que comanda a platéia com gritos de ordem e agitar de braços. Trechos de clips são usados em meio aos temas, usando sempre a mesma bela heroína: como *headbanger* em "Shot in The Dark", sendo mordida em seu pescocinho pelo impagável vampiro Ozzy em "Mr. Crowley" ou amarrada numa linha de trem em "Crazy Train". São poucos os truques de palco. O que prevalece é o carisma de Ozzy, apoiado por uma banda eficiente, onde Randy Castillo bate em tudo, até na própria cabeça, e Jake E. Lee mostra sua técnica na guitarra até quando é jogado ao chão pelos cabelos por Ozzy. E, claro, Ozzy grita "God Bless You" e os músicos dão as mãos e saem. *L.R.*

TERROR

MONSTER DOG (EUA, 1986)

Direção Clyde Anderson. Com Alice Cooper, Victoria Vera. Look

Filme de terror estrelado por Alice Cooper. Perigo! Tudo se passa numa velha, empoeirada e isolada casa de campo. É lá que Alice, no papel de, claro, um rock star, vai descansar. Seus amigos e namorada, porém, arrependem-se de acompanhá-lo assim que os primeiros uivos rompem a noite. Em pouco tempo, a tia do rock horror começa a sentir no sangue sua herança de lobisomem. E aí... Abóboras gigantes assassinas começam a pular sobre a paciência do telespectador, munidas de clichês até seus dentes pavorosos. Cuidado! *M.P.*

TOM CRUISE

Thomas Cruise Mapother IV pode ser considerado um caso à parte na chamada nova geração de atores americanos. Aos 26 anos, completados em 3 de julho passado, vem acumulando sucessos desde 83, com a comédia *Negócio Arriscado*, de Paul Brickman, a ponto de ter recebido um milhão de dólares para contracenar com Paul Newman em *A Cor do Dinheiro* (86), de Martin Scorsese. Tendo trabalhado com diretores do calibre de Francis Ford Coppola e Ridley Scott em momentos pouco inspirados — *Vidas Sem Rumo* (83) e *A Lenda* (86), respectivamente —, mesmo assim ele conseguiu afirmar seu talento a cada nova atuação.

Essa carreira relâmpago do jovem Tom — nascido em Syracuse, no estado de Nova York, filho de uma ex-atriz e de um engenheiro eletricista — começou a despontar quando, ainda adolescente e entusiasta de esportes em geral, teve que abandonar sua paixão após uma séria contusão no joelho durante uma partida de hóquei. O franzino Tom, então, começou a se interessar pelo teatro e — depois de morar em vários lugares do nordeste dos EUA e Canadá — chegou a Nova York em 80, quando resolveu tentar a sorte como ator.

Depois de participar de pequenas montagens teatrais, é convidado pelo diretor Harold Becker para fazer o papel de um recruta no filme *Taps* (81). A única experiência cinematográfica anterior de Cruise havia sido uma pequena ponta em *Amor Sem Fim* (81), de Franco Zeffirelli. Em 82, participaria de uma única e fraca comédia (*Losin' It*), e no ano seguinte começaria sua ascensão vertiginosa rumo ao estrelato.

Aficionado por corridas de automóveis, Cruise participa de eventuais competições (frequentemente ao lado de Paul Newman, outro corredor inveterado), além de ter especial atenção com sua privacidade longe das câmeras. Casado há um ano com a atriz Mimi Rogers (que participa de *Perigo na Noite*, de Ridley Scott), Tom cultiva atualmente uma imagem mais séria e que poderá ser apreciada em seus trabalhos mais recentes, *Cocktail* (88), de Roger Donaldson (*Sem Saída*), e *Rainman*, um longo projeto iniciado em fins de 86 e com previsão de lançamento para este ano, engendrado por Tom e Dustin Hoffman e dirigido por Barry Levinson, depois de três dos cineastas cogitados terem declinado do convite. Seus nomes: Martin Brest, Steven Spielberg e Sydney Pollack. É... mas, apesar dos percalços, o intrépido Tom segue inabalável em seu vôo rumo ao superestrelato. Afinal, ele é um ás. *Celso Pucci*

FILMOGRAFIA COMPLETA (todos os filmes com * são disponíveis em vídeo): *Amor Sem Fim* (*Endless Love*, 81), *Taps* (81), *Porky 3* (*Losin' It*, 82)*, *Vidas Sem Rumo* (*The Outsiders*, 83), *Negócio Arriscado* (*Risky Business*, 83), *All the Right Moves* (83), *A Lenda* (*Legend*, 86), *Ases Indomáveis* (*Top Gun*, 86)*, *A Cor do Dinheiro* (*The Colour of Money*, 86), *Cocktail* (88), *Rainman* (previsão de lançamento, 88)

PARABÉNS TITÃS

22º MONTREUX JAZZ FESTIVAL - Dia 8 de ju[illegible]o de 1988 - 20:30 Titãs (Première Europeène)

"FULL METAL ROCK dos Titãs ganha a platéia de Montreux com a galera delirando"
(FOLHA DE SÃO PAULO - 10 de julho
Marcos Augusto Gonçalves)

GRANDE SURPRISE DU BRÉSIL TROPICAL
Un rock éblouissant et torride
(LIBÉRATION - 10 de julho)

ROCK 'N' ROLL IN THE BEST OF TRADITION
Man! it was really hot
Congratulations to the Titãs
(DAILY MIRROR - 11 de julho)

TITÃS EST AUJOURD'HUI LA VOIX DU BRÉSIL moderne et jeune face à l'establishment
Titãs ne recule devant rien
Le public adore
(VARIETÉ - 11 de julho)

O SHOW FOI GRAVADO AO VIVO EM 24 CANAIS [illegible]GITAIS E SERÁ LANÇADO NO BRASIL EM BREVE

wea

O MUNDO AOS PÉS DE UMA IRLANDESA

Sinéad devolve ao pop o transe e o êxtase

Foto: [illegible]

***A** estréia-estrondo da irlandesa* **Sinéad O'Connor**, *transformada já no "nome quente" de 88, não se limita à Europa. Em excursão pelos EUA, ela cantou para auditórios lotados em um total de 30 shows, com a imprensa em seus calcanhares. O jornalista inglês* **Ted Mico** *acompanhou Sinéad entre San Francisco e Los Angeles e saiu-se com esta pérola de diário-de-borda/entrevista, traduzido com exclusividade para* **Bizz**

"Mandinka" está tocando no rádio, cuidadosamente enfiada entre um anúncio de uma liquidação de ponchos em Omaha, Nebraska, e um boletim jornalístico relatando que um garoto de 12 anos, abandonado uma semana antes por sua namoradinha de 11, mantém toda sua classe escolar como refém, sob a mira de uma metralhadora automática Uzi. "A vida é assim mesmo", diz o D.J. "As mulheres sempre acabam nos decepcionando. São 10h43 e você está ouvindo a KCROP."

Uma hora depois, Sinéad acorda na Califórnia. É sexta-feira e o itinerário da turnê diz *Sun* ("sol") Francisco. Chove absurdamente. A vida é assim mesmo. Uma piada.

Sinéad tem tocado para auditórios de lotação esgotada em toda esta turnê de trinta shows — nesta sua primeira visita à América, descontando uma passagem por Nova York. Seus jeans rasgados, seus sapatos Doc Martens, seus saiotes de bailarina e sua canção Número Um são reconhecidos onde quer que vá. Quando saiu da escola, aos 16 anos, para entrar em uma banda, houve momentos em que sonhou com esta vida. Agora vive as cenas que sonhava acordada.

"Nunca me ocorreu que uma pessoa sequer pudesse se interessar por minhas canções, porque elas são tão pessoais", diz ela. "A reação a este primeiro LP tem sido tão orgasmica. Meu único medo é não ser capaz de corresponder às expectativas que as pessoas mantêm agora em relação a mim."

Três horas depois, ela enfrenta a imprensa americana.

Câmeras espoucam, gravadores rodam e perguntas são disparadas de todos os ângulos imagináveis. Perguntas como "Você fica frustrada quando é comparada a Kate Bush?"

"Não muito. Não tanto quando sou comparada a Joan Armatrading! Só porque sou uma mulher ficam me comparando com outras mulheres. A vida é assim mesmo." (Ela ri.) "Só me irrita mesmo quando é alguém como Suzanne Vega."

Depois desta, as coisas começam a ficar dolorosamente fátuas. O primeiro prêmio vai para o goiaba que perguntou "Alguma chance de se ver um pouco de cabelo nessa cabeça, em breve?", querendo dizer "Continua necessário manter uma imagem tão exótica agora que você já entrou nas paradas?"

"Não", ela responde, querendo dizer "Cala a boca, imbecil."

Na coletiva, aprendemos também o seguinte:

Sinéad é irlandesa.

Ela tem 21 anos, três irmãos e quatro irmãs.

Ela tem também um filho, Jake, de 9 meses, que viaja junto com ela.

Sinéad quer transar com Mickey Rourke. "Se eu teria trabalhado com ele em *Barfly*? Eu faria a faxina do banheiro dele. Depois de assistir *Angel Heart (Coração Satânico)*, fiquei semanas sem dormir."

Ao sair da escola, foi trabalhar como cantora de "telegramas ao vivo". Suas fantasias favoritas eram a Camareira Francesa e a Freira Safada.

Estamos agora em 1988 e, enquanto os guerreiros machos do pop chafurdam numa pestilenta fossa de regressão inepta ou pastiche risível, são as mulheres que estão devolvendo ao pop o transe e o êxtase.

Kristen Hersh, dos Throwing Muses, Bjork, dos Sugarcubes, e Sinéad não têm nada em comum a não ser

uma visão *além* do que já foi observado. Alheias às armações mundanas do vácuo pop, elas têm suas mãos agarradas a uma esferográfica celestial, e sua livre associação pode levar a qualquer lugar.

"Não me sinto uma feminista do tipo queimadora de sutiãs, comedora de bebês, que odeia padres e homens, mas sinto que realmente existem no mundo uns f-d-p chauvinistas que deveriam ser fuzilados. Infelizmente, todos eles parecem trabalhar no meio musical."

"Não transformo o fato de ser uma mulher numa plataforma política. Por outro lado, não deixo que nenhum homem me trate como merda. Eu *realmente* acredito que as mulheres é que são suas piores inimigas porque tratam-se umas às outras como merda. Estão sempre com inveja daquelas que estão na posição em que elas gostariam de estar, mas não têm força para obter."

"Em toda minha vida, quem mais me tratou mal foram as mulheres. Na escola, mais do que em qualquer outra época. Saí com o cara mais bonito da escola e, quando as garotas descobriram que tinha beijado ele, ninguém mais falava comigo. Arrumaram até um cara mais velho para me dar uma surra em nome delas."

"Quando estou no palco me sinto muito forte. Fora dele, me sinto uma m..."

Sinéad não se vê, porém, como parte de uma nova vanguarda feminina no pop.

"Nunca ouvi os Throwing Muses, mas já ouvi falar deles. Os Sugarcubes são bons para caralho, não há sombra de dúvida. Bjork é *A* maior cantora da História do mundo, no que me diz respeito."

São agora 9h15 da noite e Sinéad está atacando o último refrão de "Just Like U Said it Would B". Emoções em ponto de fervura e uma aniquilação gélida se entrelaçam para tirar a respiração da platéia de San Francisco.

"Quando estou no palco me sinto muito forte", ela diz após o show. "Quando saio do palco me sinto uma merda. Se você está transando com alguém de quem não tem certeza, nunca se sente forte. Mas transar com alguém que ama dá uma força tremenda."

É um triste sintoma da atual atitude da imprensa em relação às mulheres e ao sexo que as resenhas dos shows dela estejam atoladas de referências aos fatos de Sinéad cuspir no palco e segurar o púbis enquanto canta, utilizados então para acentuar sua masculinidade.

"Acontece que é ok se uma mulher é sexy e compõe letras sugestivas, mas não é ok compor de uma maneira crua sobre o sexo. É ok dizer 'Quero suas mãos em mim'. Mas tenho levado cada uma por causa do conteúdo das músicas novas!"

"Fico meio ressabiada caso me torne um sucesso gigantesco e que isso me transforme em algo que eu odiaria ser. Muitas das pessoas que fazem sucesso se esquecem que nem sempre foram assim e perdem o contato com a realidade, começam a ter idéias messiânicas. Eu odiaria se isso acontecesse."

Sinéad está falando sobre Bono, Sua Sombra Pública Número Um. A razão para dirigir farpas a ele é simples: Bono é a pessoa que Sinéad tem mais medo de se tornar, e as pessoas têm o hábito perverso de se transformar naquilo que temem.

"Ele acredita ser sincero naquilo que representa. Hitler também era sincero. Se você sentar a sua bunda e se permitir ser afetado pelo sucesso, não tem desculpa. Eles se levam tão a sério. Ele é apenas um merda estúpido."

"Eu não me levo tão a sério assim. Levo o trabalho de composição a sério e cuido de minha voz, mas não estou querendo dominar o mundo. Odeio as pessoas que estão nessa. É apenas uma piada."

Para alguns, *é a vida*.

"Tudo que eu quero é ser uma deusa", ela brinca. "Não, uma deusa *cult*."

São 12h56. Outra vez. Meu relógio se tornou fora do tempo... e inútil. Parou de chover, por isso devemos estar agora em Los Angeles, a cidade onde a fantasia é superada pela bizarra realidade. Nada aconteceu entre "antes" e agora, a não ser o sono. E o ocasional sonho.

"Tenho um sonho recorrente em que estou sendo perseguida por um assassino. Este realmente me deixa louca. Uma vez era à margem do Tâmisa. Nunca vejo o seu rosto e ele tem uma faca na mão. Tenho também outro pesadelo em que estou sendo levada à prisão ou sendo trancada em algum lugar."

Você pode estar ficando louca.

"Talvez eu já seja meio louca. Não acho que seja algo que se deva tentar ser, mas que se é naturalmente, ou então não estaria fazendo isso. A razão pela qual as pessoas compõem é que são atormentadas pelas coisas e esta é sua maneira de exprimi-lo."

Um par de pontas de coturno de aço brilham sob o sol de Hollywood, enquanto Sinéad para ao lado das pegadas de Marylin Monroe no cimento da calçada. Ela não diz uma palavra durante cinco minutos.

"Como uma pessoa tão bonita quanto Marylin pode ter sido tão fodida?", Sinéad divaga. "Você sabe, os Kennedys, aquele par de capitalistas f-d-p, são os únicos responsáveis pelo assassinato dela."

Sugiro que a fama talvez tenha desempenhado um papel nessa tragédia, mas Sinéad não acolhe esta teoria.

"A fama não quer dizer nada. Não altera o modo como você pensa, o modo como você..."

"Você poderia autografar a capa do disco para mim?" Um adolescente nos interrompe. Assim que a assinatura está completa, mais seis capas aparecem. Dois homens ao fundo estão gravando tudo em vídeo, até que um deles se aproxima de mim e pergunta "Quem é ele, cara?"

"*Ele é ela*", eu explico (é um erro bem comum).

"Gente como Margaret Thatcher deveria ser fuzilada. Esta é a única solução"

"Uau! Ela deve ser famosa. Ela *tem cara* de famosa. Ela é muito famosa?"

A resposta, é claro, deveria ter sido: "Muito mais famosa do que você, babacão". Na cidade das ilusões, se você não é alguém, então não é ninguém. O anonimato só é ligeiramente preferível a ter a manicure das unhas do pé feita com uma serra elétrica. No final, eu disse a eles que ela era a filha de Charles Manson e eles foram embora satisfeitos. Dizem que Hollywood não é um lugar e sim um estado de espírito, e o espírito da maioria das pessoas por aqui está num estado lamentável.

O céu é mais azul do que na Grã-Bretanha. É difícil acreditar que é o mesmo céu. É difícil acreditar que estamos no mesmo planeta.

"Tenho vergonha de dizer isso, mas realmente sinto que a única maneira de resolver certos problemas mundiais é eliminando os f-d-ps que os estão causando. Gente como Botha, Thatcher e Ian Paisley deveriam ser fuzilados. É a única solução. É horrível, mas estas pessoas não estão preparadas para dar ouvidos à razão. Eu não teria coragem de puxar eu mesma o gatilho, mas tem de acontecer um dia."

São 8h30 da noite e o mundo pertence a Sinéad. Tudo que ela tem a fazer é achar a chave de fenda certa. Também ajudaria se ela conseguisse entrar em seu próprio show. O segurança simplesmente se recusa a deixar esta estranha irlandesa entrar pela porta dos fundos.

"Eu realmente preciso chegar logo no camarim. O show começa daqui a vinte minutos."

"Pode até ser, moça, mas não posso deixar ninguém passar. Tenho certeza que você poderá vê-la após o show."

"Você é que pode vê-la agora, aqui na sua frente."

"Claro, claro. E eu sou o Bruce Springsteen..."

Felizmente, Bruce se distrai, Sinéad consegue passar e o show começa com sua estrela no centro do palco.

"Quando entro no palco pareço muito intimidadora. Assim que eu sorrio, todo mundo relaxa e aí a multidão enlouquece. Se eu tivesse cabelo, nada disso aconteceria. Talvez acontecesse. Até mesmo na escola as pessoas me achavam assustadora."

Sinéad tinha passado o dia inteiro esperando que Mickey Rourke fosse aparecer. Ele permitiu que ela usasse uma foto sua na capa de seu último compacto e os telefonemas aos agentes já tinham sido feitos. O roteiro era bem simples: eles se encontrariam, se apaixonariam loucamente e passariam a noite inteira transando. Era tudo o que ela esperava. O que obteve foi Rutger Hauer aparecendo nos camarins, após o show, direto em sua direção.

"Sinéad, você esteve boa para c***", exclama aquele que já foi o replicante de *Blade Runner*. "Eu simplesmente preciso te dar um grande abraço."

Sinéad responde com um olhar do qual uma górgona teria orgulho e a estrela cinematográfica paralisa seu galope saltitante no meio do caminho.

"Você guarde suas mãos para si mesmo, f-d-p."

Nunca ninguém tinha falado assim com Rutger Hauer.

A vida é feita de momentos perfeitos. Eles surgem sem aviso e somem em questão de segundos. Descendo o Hollywood Boulevard num carro grande (enorme, de fato), um momento assim apareceu repentinamente.

"Acho que estamos sendo seguidos", Sinéad diz, de olho no tráfego que vem atrás. Ela acha que estamos estrelando *The Big Heat* ("*Os Corruptos*"). Espera aí, ela tem razão. Nós *estamos* sendo seguidos.

"Você acha que conseguimos despistá-los?", ela pergunta. Jesus, agora ela acha que estamos em *Starsky & Hutch*. Eu tentei o possível (cheguei até a passar para a pista da esquerda), mas os fãs em Los Angeles são fanáticos totais e o carro se manteve em perseguição frenética (atenção para o jargão cinematográfico) até chegarmos ao hotel. Os passageiros, então, desceram do carro, viram Sinéad em carne e osso; uma garota imediatamente desatou a chorar e outra quase perdeu o almoço.

"Vacas estupidas", Sinéad sibila. "Odeio mulheres assim. De vez em quando aparecem garotos apaixonados por mim, com buquês de flores, mas os homens geralmente têm medo de mim. É tão degradante. Torna minha vida muito mais difícil, pois se os homens são tratados assim por algumas mulheres, aí esperam ser tratados assim por todas."

Descontando uma ou outra baixaria, Sinéad gosta de ser reconhecida. Quando não quer, cobre o crânio com uma sedutora peruca negra.

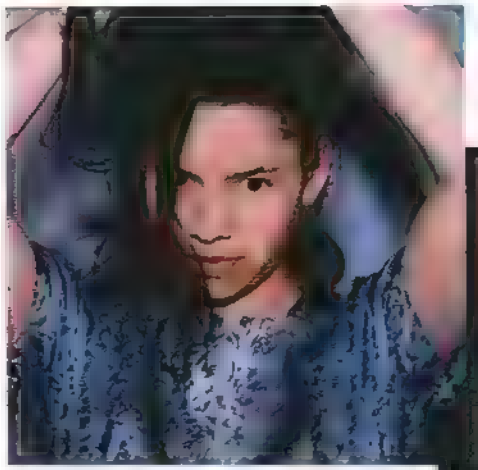
"Nunca sou cantada. Só quando estou de peruca. Não sabem quem eu sou, nada, e aí, de repente, os homens se interessam e me convidam para dançar. Eu sou uma garota legal, no fundo."

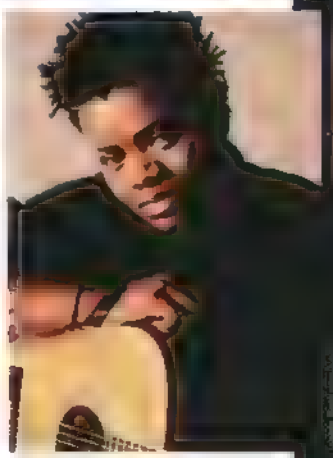
Parece que você sente culpa?

"Eu me torturo com o sentimento de culpa. Choro desvairadamente e morro de medo quando estou num avião, porque acho que sou uma pessoa tão ruim que Deus vai me levar embora."

"Sou obcecada pela morte. Não componho sobre ela, mas penso o dia inteiro. Não gosto do perigo, mas acabo atraída por ele. O fruto proibido é sempre o mais atraente. É geralmente algum perigo sexual, infelizmente, porque é o pior tipo. Geralmente sinto tesão por pessoas pelas quais logicamente eu não deveria, porque são perigosas, o que me atrai ainda mais. Mas, no fundo, sou uma garota legal."

Sinéad O'Connor, uma deusa *cult* para valer.





Natalie (acima), Tracy (ao lado) e Bjork (à direita): rostos e vozes que logo vão ficar muito familiares

Andy Catlin/LF

AS MULHERES SACODEM O MARASMO

Elas trocaram os garotões e os corações partidos, as ligas e lingeries negras por um tom raivoso e um som mais elaborado

A sensação de Suzanne Vega no ano passado provou que mulheres que escrevem e cantam canções sérias, sem ligas ou lingerie negras, podem vender discos e ser veiculadas em vídeo. Por isso não causa estranheza o fato da revista *Rolling Stone* publicar na capa de sua edição de junho a sentença "Tracy Chapman, a melhor nova artista de 1988". O detalhe é que esta recente tremedeira pop é negra, escreve sobre racismo, pobreza, conclama o povo à revolução social e foi "descoberta" tocando nos cafés de Boston.

Mas há outras peculiaridades nesta tendência que parece ter transformado a guerra dos números em caça ao Santo Graal. O caso de Michelle Shocked, por exemplo, é insólito. Sua mãe, mórmon fundamentalista, proibia os filhos de ver TV. Só mesmo a providência divina poderia aproximá-la da gravação de um disco. Assim... A cantora foi descoberta através de um festival de música folk realizado no Texas e pirateado num *walkman*. O autor da gravação, um inglês, acabou prensando o tape e lançando-o em vinil, sob o nome *The Texas Campfire Tapes*. Essa gravação chegou ao número um da parada independente britânica. Logo, a filha perdida de Woody Guthrie era procurada pela Poly Gram com seu violão acústico e sua rabeca.

Sinéad O'Connor, o furacão pop do ano, não se inclui no rol de admiradoras de folk ou de Suzanne Vega. Talvez por isso seu sucesso tenha surpreendido tanto sua companhia americana, a Chrysalis, que não fez mais do que distribuir seu LP de estréia, *The Lion and the Cobra*, realizado por um pequeno selo britânico. Acreditaram que ela era muito excêntrica para o gosto americano e a riscaram da lista de prioridades.

Sinéad, porém, não foi a única a deixar sua gravadora de quatro. A história do 10.000 Maniacs é notória. O grupo tem 7 anos e três LPs da mais grata combinação de folk, rock e pop. O recente *In My Tribe* é o segundo pela *major* Elektra, e só recebeu a atenção da companhia depois de ter sido fartamente executado pelas *college radios* e avançado vários postos nas paradas. O disco foi até lançado no Brasil (pela WEA) e a vocalista/compositora do grupo, Natalie Merchant, anunciou com exclusividade para BIZZ sua intenção de incluir nossas praias em sua próxima turnê mundial, que começa em outubro.

Não em carne mas em vinil chegam ainda entre as palmeiras e os sabiás alguns gorjeios que por bem pouco não passavam de itens disputados a tapas nas lojas importadoras. Itens como The Sugarcubes, o *dernier cri* da paixão. Seu primeiro single, "Birthday", foi o melhor single do ano passado segundo a unanimidade da crítica inglesa. Seu primeiro LP, *Life's Too Good*, vai ser o melhor deste ano. Mas como definir sua música, se ela desafia os adjetivos? E como essa sensação foi brotar num lugar tão estéril quanto a Islândia? Imagine a atração que pode ter um grupo que vem do país mais gelado do planeta, uma terra cheia de vulcões e montanhas, terra de Miss World 86 e tradições de ocultismo, onde os habitantes costumam tomar café com muitos cubos de açúcar.

O fato é que os gringos deliram. A maioria excitada por eles serem tão diferentes, *freaks*, esquimós. Há, claro, o carisma de Bjork, a vocalista nanetinha com rosto de bebê e olhar diabólico. Sua voz é um fantasma agudo penando junto à gutural pronúncia viking do outro vocalista da banda, Einar. Bjork é a nova e incontestável musa pop, com quem *insiders* repartem sonhos e pesadelos gelados. Bjork é a ponta do iceberg, a parte visível, a imagem materializada da banda. É quem permite acreditar que se o Birthday Party a tivesse como cantora teria sido lançado no Brasil. Seu encanto já partiu o coração da parada independente e conquistou admiradores entre inúmeros cortejadores do sucesso fácil ("Cold Sweet", seu segundo single, vendeu 25 mil cópias em dois dias na Inglaterra), a ponto de receber propostas das grandes gravadoras britânicas no valor de um milhão de libras, cerca de 200 milhões de cruzados. O grupo preferiu continuar independente, mas arranjou com a Elektra sua distribuição nos States. Graças a isso, a WEA vai estar colocando seu LP nas lojas a partir do próximo mês.

Outro sonho da crítica que acaba de receber cantadas é o Throwing Muses. Apesar de ser americano da pequena Newport, Rhode Island, o grupo fazia parte do ca-

talogo da gravadora inglesa 4AD a mesma dos Cocteau Twins. Só depois de terem incluído seus dois primeiros LPs entre os melhores de 86 e 87 no Reino Unido é que foram "descobertos" pelo *big business* americano. Hoje, seus discos são lançados no mercado *yankee* pela Sire.

A musa dos Muses é Kristin Hersh, uma vocalista/compositora destinada a se tornar uma figura como Morrissey ou Ian Curtis. Ela coloca todas as vulnerabilidades sobre campos de trigo minados. Ela canta: "Sangue se tornou uma substância estranha"... "Eu me sinto como um alarme; fogo sai da minha boca". O público brasileiro já teve um gostinho de sua música na coletânea *Lonely Is an Eyesore*, lançada pela Eldorado e que reúne vários grupos da 4AD. Mas a WEA, que representa a Sire no Brasil, só pretende lançar seu novo LP, *House Tornado*, no ano que vem.

The Pixies é outro grupo americano mais ou menos desconhecido em seu país, que está fazendo furor nas paradas britânicas sob o selo 4AD. Suas canções consistem em grunhidos, imprecações obscuras, interjeições, devaneios entorpecidos e uma ocasional guinada rumo à lucidez. Tocam *garage music* dadaísta. Seu novo LP, *Surfer Rosa*, foi produzido por Steve Albini, ex-Big Black. E a voz que sôa mais claro entre o bruhahá é a de Kim Murphy, que também faz sentido em seu baixo.

A voz de Julianne Regan do All About Eve é muito acessível. O nome da banda vem de um filme realizado por Joseph L. Mankiewicz em 1950 e que no Brasil se chamou *A Malvada*. Mas, muito diferente da personagem interpretada na tela por Bette Davis, Julianne lembra outra Eva entre flores de postais parasidíacos. Guitarras etéreas sopram seus cabelos, remetendo a climas do Dif Juz, Renaissance, Curved Air ou Fairport Convention.

All About Eve começou em 84, lançou alguns singles independentes (pelo selo Eden, apropriadamente) a partir de 85, mas só foi emplacar depois de atrair a atenção de Wayne Hussey e abrir a turnê européia do Mission em 87. Foi assim que a banda acabou assinando com a Polygram, entrou no vácuo do Mission e estourou entre os fãs do revivalismo hippie com o single "Flowers in Our Hair". Seu LP de estréia, produzido por Paul Samwell-Smith, ex-baixista dos lendários Yardbirds, acaba de ser lançado no Brasil. Um caldeirão de psicodelismo, folk, progressivo, baladas medievais e sonhos desfeitos num mundo que poderia ser melhor.

The Primitives também está prometido para 88. Nada menos do que o mais perfeito grupo pop. Através de três arrebatadores singles independentes, The Prims, como é conhecido no circuito britânico, salvou almas desiludidas e estampou sua vocalista Tracy na capa da *Melody Maker*. Tantos suspiros resultaram num contrato com a RCA e num LP de estréia chamado *Lovely*.

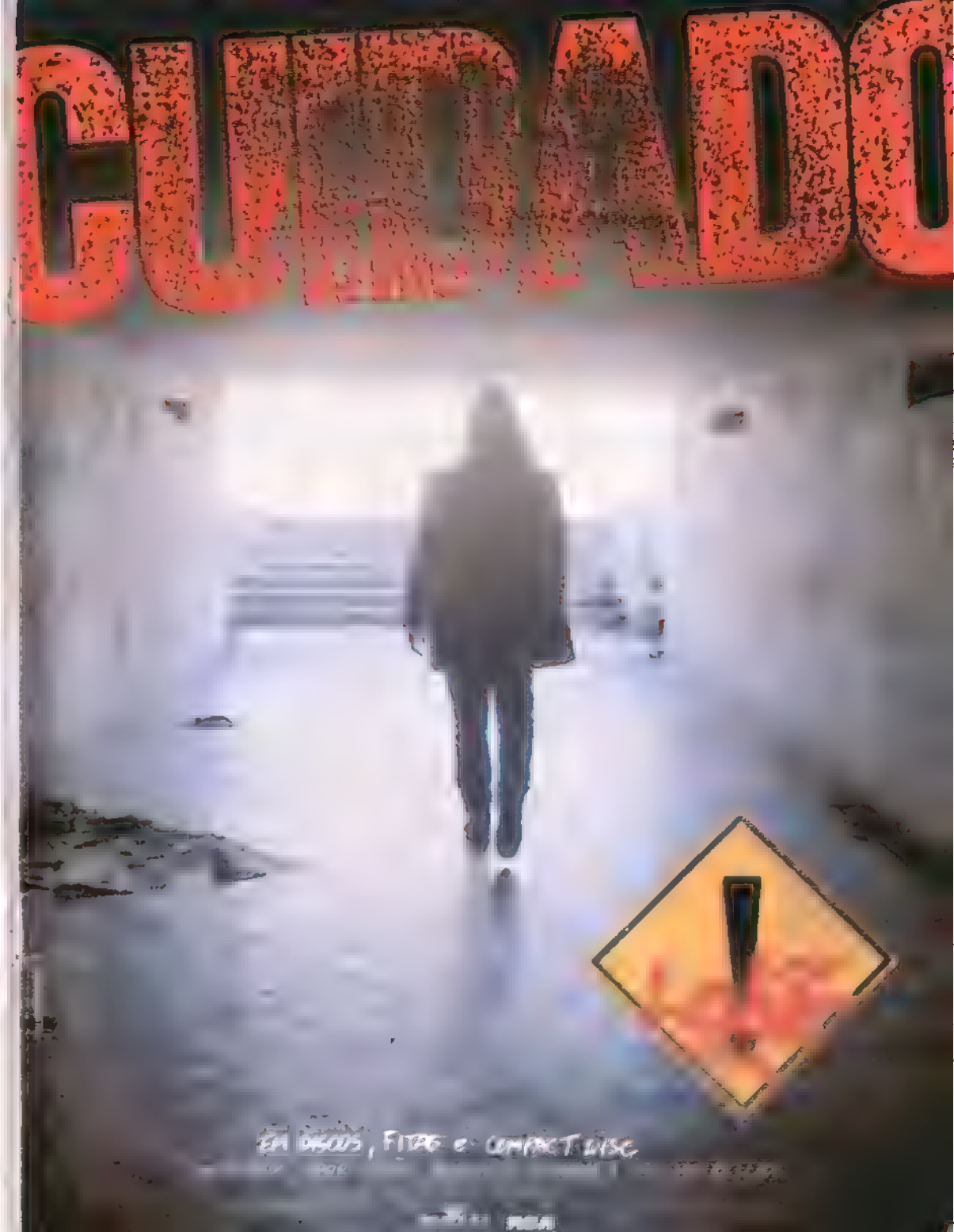
O pop perfeito dos Primitives é a *beat*, o *twang* e a melodiosa voz de Tracy por dois minutos e meio através de feedbacks tão sujos quanto o estúdio de 16 canais em que o grupo marcou sua fase independente e que manteve para as gravações do LP. Simples e simplesmente adorável! Ainda estaremos cantando "Crash", seu atual single, quando alguma coisa exótica chamada "Birthday" estiver sepultada pela poeira num sótão trancado. Porque sua melodia é como algodão-doce cor-de-rosa: o desejo histérico de toda a garotada.

Claro, você pode se atirar no chão e espernear por outros motivos. O puro entretenimento das vozes e guitarras de Melissa e Tracey do Voice of Beehive. Os violões das irmãs Debi e Mandi, de 20 e 19 anos, a formação completa de The Rhythm Sisters. As rappers black do Salt'N'Pepa, entre o cult e o mega, insistindo em apelos monocórdios no falocêntrico mundo do hip hop americano. Debby, a vocalista dos Flatmates, banda que começou a chutar em 1985 e que finalmente emplacou um hit single, "Shimmer", apesar de pagar por isso um pesado tributo aos Primitives. Ou o também precocemente alinhado com os Prims, The Darling Buds, estrelado por uma blonda chamada Andrea. E Andrea sabe: "A ascensão dos Primitives foi genial para muitas bandas, mas não há dúvida de que agora nós seremos diminuídos pelas similaridades. Mas se eu fosse um rapaz cantando ninguém diria que parecemos os Ramones".

Há, claro que há: Toni Childs, uma cantora que levou três anos, incluindo uma viagem à África, gravando seu LP de estréia, *Union*, pela A&R. O LP sai este mês pela PolyGram. Há Mimi Goese do Hugo Largo, um quarteto de boêmios novaiorquinos produzido por Michael Stipe, vocalista do R.E.M. Há Syd Straw do Golden Palominos. Há AC Marias, a cantora que vai ser o próximo *frisson* da piscina pop, à frente de uma senhora banda. Bruce Gilbert (Wire), Roland S. Howard (These Immortal Soul) e Barry Adamson (Bad Seeds). Há Wendy James, a oxigenadíssima *starlet* do Transvision Vamp, o grupo que gostaria de ver mais caos no mundo e fazer tanto sucesso no Brasil quanto seus inspiradores Sigue Sigue Sputnik. Wendy, por sinal, é a única das citadas que se porta como símbolo sexual. Mas isso é apenas uma perversão.

Há, ainda, as garotas que tocaram o sagrado número um, como a bobagem adolescente Tiffany e Carol Clerk do T'Pau. Há um inventário de beijos tóxicos e beijos enjoados. Há quem não beije e mande tudo pro inferno. Há ... como nunca houve. Resta aos garotos dançarem a música de seus lábios. *Marcel Plasse*

O Transvision Vamp e sua cantora Wendy James (acima) gostariam de mais caos no mundo. The Primitives, com Tracy (abaixo), preferiram trilhar o caminho do pop



O HERDEIRO DO REGGAE

ZIGGY MARLEY

não fala inglês, fala jamaicano do gueto de Trenchtown. Esta entrevista é traduzida diretamente do dialeto. Além disso, a barra é extrair algo de Ziggy envolto numa nuvem de *ganja*. À menção de Brasil, ele imediatamente ligou seu "futebolômetro" e exclamou em êxtase: "Zico!" Ziggy, em disco, prossegue a cruzada de Bob à sua maneira. Mescla a crise do dia-a-dia com a esperança de redenção. As semelhanças — físicas, vocais e no estilo *rocking roots* — são impressionantes. Abanem a nuvem de fumaça e vamos nessa

BIZZ — *Você acaba de ser descoberto na America. A tecla que tocam é sempre a mesma, o fato de você ser um garoto do gueto de Trenchtown e filho mais velho de Bob Marley.*

Ziggy — É isso que acontece. Por que não? Eu não sou contra. São as mesmas perguntas, uma depois da outra. Por que não?

BIZZ — *Mas não é muita pressão? Não é muito para quem tem 19 anos?*

Ziggy — A pressão? Todo homem carrega o seu próprio peso na vida. Podem me deixar sozinho, em paz. Eu carrego o meu.

BIZZ — *A violência política na Jamaica e da vida no gueto te afetava ou ainda te afeta?*

Ziggy — Há tanta política acontecendo na Jamaica que eu não estou sabendo... Brigas, envolvimentos, roubos. Não me afetam fisicamente, entende? Não dá para a gente impedir que um irmão mate o outro ou que um homem mate o outro por causa de drogas, de cocaína. Tem um monte de cocaína rolando nos guetos da Jamaica. Lá eles combatem a erva, mas não combatem a cocaína, que é a *real thing* no gueto.

BIZZ — *Você consideraria a possibilidade de se envolver com partidos políticos na Jamaica?*

Ziggy — Para quê? Se eu posso fazer alguma coisa, é pelo povo. Por que lidar com política? Cada homem tem um objetivo. Para mim, não dá para pensar em ser primeiro-ministro. Se você vive em função do seu objetivo, tudo dá certo. Se eu fosse primeiro-ministro, eu teria que pensar sobre preços, polícia, dinheiro... Eu não me envolvo em política. Eu me envolvo com gente.

BIZZ — *A violência é um tema recorrente, que afeta tua vida. O assassinato de Peter Tosh, os tiros em Carlton Barrett (o baterista dos Wailers), isso não termina revertendo em pressão em cima de você?*

Ziggy — Cada homem vive sua vida. Na Jamaica eu vivo a minha vida. Você tem que se sustentar em si mesmo e lutar, se for preciso. Se alguém me provoca, eu vou fazer o possível para me prevenir e me proteger. Ou você se assusta ou você não se assusta.

BIZZ — *Há muitas maneiras de se interpretar esse "Stand up and fight", a partir de Bob Marley. Você interpreta em um sentido revolucionário ou apenas como um hino, uma metáfora?*

Ziggy — Nada de metáfora. É revolucionário. Do jeito que as coisas estão agora, na África do Sul, tem que ter uma revolução. Só as coisas ruins precisam ser exterminadas com uma revolução. As coisas boas permanecem boas. É preciso uma revolução para mudar as coisas, entende? Se você está pensando errado, você precisa de uma revolução dentro de você mesmo. Revolução é física, não é um hino.

BIZZ — *Uma coisa é falar de revolução, outra coisa é a realidade prática do que acontece em El Salvador e na Nicarágua, e outra coisa, ainda, é falar de revolução através da música. Você acha que através da música você consegue passar uma mensagem revolucionária para um público branco?*

Ziggy — *Yeah, man.* O homem é o homem e a mente é a mente. Isso quer dizer que não importa sua cor, você tem uma mente. A mente não tem cor, a minha não é preta, a sua não é brasileira, a minha não é jamaicana. Todo mundo cresce, vai aprendendo as coisas e se ligando às coisas. Mas tudo pode mudar. O que é errado pode mudar para certo. Uma revolução não é feita para se agradar ninguém. Uma revolução em um país explorado por outro não é uma revolução do homem contra o homem, é do certo contra a maldade.

BIZZ — *O problema é que quem controla o mundo estabelece o que é certo e o que é malvado.*

Ziggy — Esses que controlam o mundo dizem que um homem pode pisar em cima de um milhão de pessoas. Mas tudo pode ser feito. A partir do momento em que as pessoas concentram sua mente e sua energia, qualquer mudança não é mais impossível. Se é possível o que é mau ser mau, é possível para quem tem razão ter razão. O único problema é que temos que botar isso na cabeça, é ter a capa-

"Se a África do Sul enfrenta uma África inteira em guerra, quem você acha que ganha? Sozinhos, eles não vão segurar o resto"

cidade de suportar muita coisa em benefício do que queremos atingir. Todo esse mundo que é pobre, se a gente se une chega lá. Começa comigo e com você, cada homem com cada homem, entende? Deus deu ao homem os instrumentos para a mudança, entende?

BIZZ — *Sim, concordo com você em princípio. Mas, por exemplo, na África do Sul, o governo não vai renunciar por causa de uma onda de protesto internacional*

Ziggy — Eles não vão renunciar, nós temos que empurrá-los para fora. Se a África do Sul enfrenta a África inteira em uma guerra, quem você acha que ganha? Cada nação africana deve se unir e construir um exército unificado — e dizer ao sr. Botha (primeiro-ministro sul-africano) que, se ele não parar com essas coisas, nós vamos lá e invadimos, entende? Um país, no sul da África, não segura o resto

BIZZ — *Mas as potências do Ocidente iriam interferir por causa de seus interesses econômicos na África do Sul*

Ziggy — Não, não vão

BIZZ — *Mas eles têm mais poder de fogo*

Ziggy — Mas nós também podemos conseguir poder de fogo, *man*. Eles, quando querem alguma coisa, vão lá e tomam. Nós vamos fazer a mesma coisa de volta. É a guerra. É a revolução

BIZZ — *O racismo está em tenebrosa alta na Europa. Isso já te afetou pessoalmente?*

Ziggy — *Yeah* .. Ontem eu peguei um motorista de ônibus que estava todo mandão, querendo criar caso. Eu pedi para ele parar e ele disse: "Eu não paro em *sweatshops*" (*N. da R.* — sweatshops *são galpões insalubres onde concentram-se hordas de trabalhadores, geralmente negros ou asiáticos, trabalhando no mercado negro*). Eu perguntei: "Você veio da África do Sul?" Ele me respondeu: "Quem me dera ..."

BIZZ — *Em termos musicais, o reggae foi pilhado por todo o establishment pop branco mas, ao mesmo tempo, inúmeras feras do reggae nunca receberam o reconhecimento que merecem. Você acha que isso poderia mudar dentro da indústria?*

Ziggy — Não sei . Eles têm pilhado o povo, a raça negra desde o início. O negro era usado, sua terra era roubada e o branco comprava tudo... Como artistas de reggae não vivemos na expectativa de ser reconhecidos. O que podemos fazer é levar as pessoas a nos respeitarem. Nós não queremos ser famosos. O que nós fazemos pode nos fazer famosos

BIZZ — *Mas você gostaria de ser reconhecido no mercado internacional?*

Ziggy — Em termos de *business* é importante

BIZZ — *Reggae não é apenas um formato musical — tem uma mensagem muito forte, que vai além da própria música*

Ziggy — É por isso que a música precisa ser conhecida, porque o que nós falamos é dirigido para melhorar a vida das pessoas

BIZZ — *A maior parte do público pega essa mensagem, mas a mídia não*

Ziggy — A mídia controla tudo. Se você é o presidente da América, você controla a mídia. Eles não vão publicar certas coisas para ler por causa do medo, se for uma coisa revolucionária. Eles têm medo do que as pessoas possam pensar, do que elas possam fazer. Medo de que as pessoas percebam que eles são racistas

BIZZ — *Na sua opinião, o dinheiro é um bem ou é um instrumento da maldade?*

Ziggy — Para mim, não é um crime ter dinheiro, mesmo em abundância. É um crime ter dinheiro e não dividir com quem não tem. Quem tem deve saber usar seu dinheiro em benefício do povo

BIZZ — *Antes eram os Melody Makers, agora é Ziggy Marley e os Melody Makers. Quem resolveu te colocar na frente? Foi você? Sua mãe? A gravadora?*

Ziggy — Não foi ninguém. Eu era o *lead-singer* e as pessoas começaram a nos chamar assim antes de colocarmos o nome na capa de um disco. Acho que o disco pode vender bem, por causa do nome Marley

BIZZ — *É importante para as pessoas identificarem a herança?*

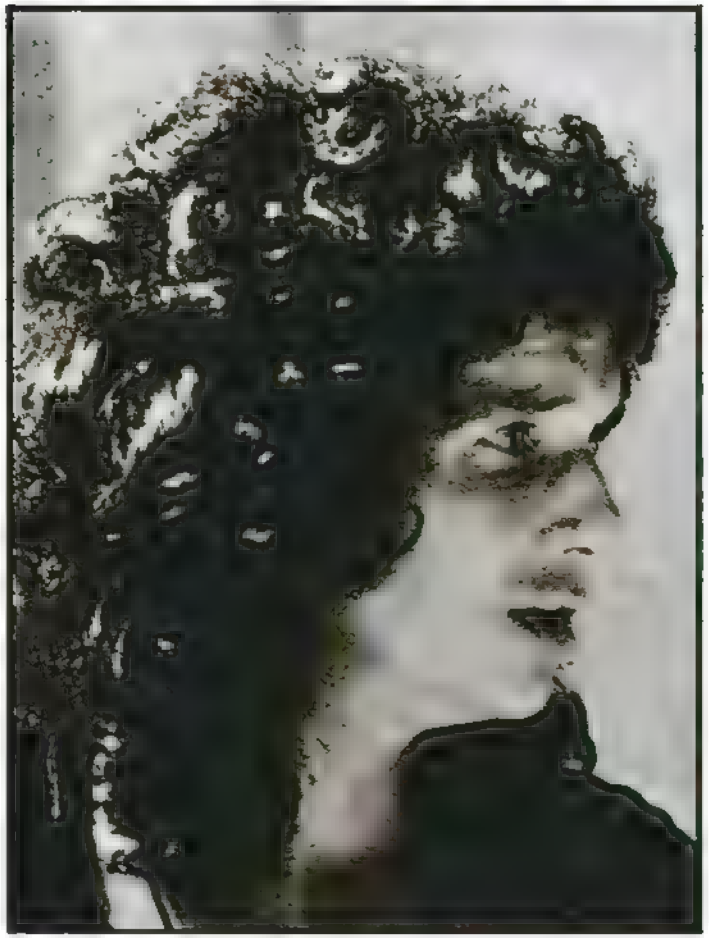
Ziggy — É, é *business*.. Mas eu não me preocupo muito com *business*

BIZZ — *E como você vê essa possível contradição: contratar dois brancos, Chris e Tina dos Talking Heads para produzir o disco?*

Ziggy — Deixa eu te dizer: nem sempre as abelhas podem fazer mel. Aí entra os Talking Heads, eles nos ajudaram a fazer mel. Nós somos as abelhas, o reggae é o mel. Nós fizemos os arranjos, tocamos as músicas e eles fizeram as observações. Tecnologicamente, o jeito que eles mixaram foi bom. Nós supervisionamos tudo. Se nós não fizéssemos do jeito que nós queríamos, eles não se sentiriam bem

Por *Pepe Escobar*, de Londres.

ROBERTO CARLOS



JOVEM GUARDA:

AS RAÍZES DO ROCK BRASILEIRO

Setembro de 65. Uma multidão fecha num domingo o trânsito da rua da Consolação, no coração de São Paulo. São jovens que gritam o nome de seus ídolos. Em frente, dentro do Teatro Record, o brasa Roberto Carlos, o Tremendão Erasmo Carlos e a Ternurinha Wanderléa se preparam para enfrentar as câmeras e um público levado à histeria. Era a estréia do programa *Jovem Guarda*, que iria mudar o rumo da chamada Música Popular Brasileira, até aquele momento ainda o reduto fechado dos sambas, samba-canções, boleros e da jazzística e elitista bossa nova. Era a cristalização de um movimento que já vinha se disseminando desde o final da década de 50, mas que só através da liderança incontestável de Roberto Carlos passou dos covers e versões de Tony e Celly Campelo, Golden Boys e Carlos Gonzaga para composições originais. Que introduziu a guitarra neste rock nascente, que peitou preconceitos de uma esquerda que o tachava de alienado e simples demais — e que acabou por reconhecer a importância de sua contribuição à MPB. Que, lastreado no carisma de seus ídolos, introduziu na música centenas de garotos — dispostos a imitá-los; eles passaram a encarar o rock como uma possibilidade séria, plantando as raízes de um cenário hoje maduro e vigoroso.

Para falar sobre este movimento e suas origens, *Sônia Maia* e *José Eduardo Mendonça* foram ouvir o rei Roberto Carlos. Ele havia prometido apenas uma hora de papo, que acabou se transformando em duas. Recebeu seus entrevistadores em seu escritório de São Paulo, na região da Paulista, onde exibe parte de sua fama de homem supersticioso — não só os carpetes e sofás são todos em branco e azul; essas cores eram também as da roupa da recepcionaista e do próprio entrevistado. Detalhes de um ídolo que hoje se preocupa com a renovação de seu público. Detalhes de Roberto Carlos Braga, nascido na diminuta Cachoeiro do Itaperimim, Espírito Santo, em abril de 1943, filho de uma costureira e um relojoeiro. Que ouviu de BIZZ a sugestão de fazer, com Erasmo, um disco apenas de rock'n'roll. Puro, básico. E que alguns dias após a entrevista, conforme ficamos sabendo, havia encomendado rocks para o Paralamas, Ultraje e Leo Jaime.

Roberto cita, como pais de sua carreira, Chacrinha, Carlos Imperial e Roberto Corte Real, então na CBS quando da gravação de seu primeiro LP, *Louco por Você*, de 1961. Chacrinha falou conosco em péssima linha telefônica. Gritos dos dois lados, e ficamos de ligar com calma, mais adiante. Minutos depois, o grande comunicador começava a gravar seu último programa, e morreu antes do próximo contato. Imperial, no momento ocupado com o lançamento de um livro recheado de escândalos e acusações em torno de Roberto Carlos, não foi procurado — queríamos saber apenas de música, da contribuição de Roberto ao rock brasileiro. Roberto Corte Real pediu que lêssemos seu texto na contracapa do primeiro LP, no qual lançava uma predição: "Este moço vai ser um grande sucesso". "Ele é o rei", afirma entusiasmado Leo Jaime, hoje nas paradas com uma gravação de "Gatinha Manhosa", de Roberto e Erasmo. "Imagine você dizer, como ele disse, no começo da década de 70, que tudo que era gostoso era ilegal, imoral ou engordava?"

Cercado hoje de admiradores em todas as faixas de pública, que correm sempre no final do ano às lojas para comprar seu mais recente LP, Roberto Carlos podia muito bem descansar sobre seus louros. Nada feito. Correndo, ele ainda prefere as curvas de uma estrada onde o tempo é cada vez

BIZZ — *Você gravou seu primeiro disco na Polydor, um 78 rotações com "João e Maria" e "Fora de Tom", em 1959, duas canções de textura bossanovística, ambas do Carlos Imperial. Mas antes disto ouviu um não do Chantecler, e dois da RCA, da Philips e da Odeon antes de conseguir chegar à CBS, onde está até agora, 46 LPs depois e mais de 40 milhões de copias vendidas so no Brasil. Esta incompreensão, logo de saída, não levou você a pensar em desistir?*

Roberto Carlos — Pensar em desistir, não. Mas logicamente eu ficava pensando em quantas gravadoras ainda sobravam para eu ir bater na porta. A CBS foi a última delas. Eu cheguei para o Imperial e disse: "Lá tem um cara chamado Roberto Corte Real. Como ele é Real e você Imperial, quem sabe sai alguma coisa" *(risos)*. Basicamente, os responsáveis por este começo foram três pessoas: o Chacrinha, que me levou para a Polydor, o Imperial, que me levou para a CBS, e o Corte Real.

BIZZ — *Corte Real disse que precisava de você para segurar o Sergio Murilo, um cara que seria depois ídolo na epoca da Jovem Guarda e que foi eleito "Rei do Rock" pela Revista do Rock, em 61. O que ele te*

Acima, RC durante entrevista à BIZZ. Ao lado, no Canecão, comemorando seu aniversário

Paulo Salomão/Abril

Roberto e Erasmo tocavam rock apenas com dois violões. Guitarra, baixo, bateria? "Quando pintava era uma festa"

propôs? Algum tipo de musica, de produção? Ou foi tudo coisa sua?

Roberto — Na verdade, na época eu não sabia de nada disso, estava lá só para cantar. Ele me propôs fazer um disco variado porque até então eu tinha gravado só duas bossas novas. Ele me disse: tem que ter um pouco de iê iê iê e eu respondi: então ta bom. Fiz um disco com boleros, baladas e iê iê iê *(risos)*. Foi meu primeiro LP, que tinha "Sou Louco por Você", a faixa título, de 1961. *(Antes, em agosto de 1960, havia lançado pela CBS um 78 com "Brotinho sem Juizo" e "Canção do Amor Nenhum", também de Imperial).* Teve uma execução razoável mas não vendeu, vendeu umas quinhentas cópias.

BIZZ — *Bom, até aí você já tinha gravado. Vamos voltar lá para o comecinho. Você era menino e, aos oito, nove anos, fazia covers do Bob Nelson (cantor de baladas country americano, N. R.) na rádio de Cachoeiro do Itapemirim, sua cidade. Em que momento você descobriu que cantava? Foi em festinha de família, no serviço de alto-falantes do parquinho?*

Roberto — Eu era muito pequeno quando descobri que cantava. Minha mãe disse que nasci cantando *(risos)*. E, antes de falar, assobiava. Um nota só, mas assobiava *(risos)*. Aos cinco, seis anos, chegava gente em casa e minha mãe me mandava cantar. Envergonhado, eu cantava às vezes escondido atrás da porta. Quando eu tinha uns nove anos minha mãe falou de um programa de rádio e sugeriu que eu fo[illegible]

BIZZ — *Você lembra a primeira musica que cantou?*

Roberto — Lembro. Na época se cantava muito bolero, tangos, fazia muito sucesso a música cantada em espanhol. Era a época do Gregório Barrios, do Fernando Borel. Eu cantei um bolero espanhol chamado "Amor y Más Amor", do Borel. Depois eu comecei a cantar em português os sucessos do Nelson Gonçalves. Mas as musicas de Bob Nelson eu cantava em casa. Tinha aquela coisa de gostar de caubói, de uma música que falava da vaca Salome.

BIZZ — *Alguns anos depois você mudou para Niterói e depois para o Rio, onde em 58 conheceu Erasmo e Tim Maia, com quem formou o grupo The Sputniks. Como você descobriu este povo e como descobriu o rock?*

Roberto — Depois que comecei no rádio em Cachoeiro, me deram chance de fazer um programa no domingo à noite e acabei ganhando um programa meu, de quinze minutos, duas vezes por semana. Tinha um regional que me acompanhava. De vez em quando eu ia a Niterói com minha mãe, porque a gente tinha uns parentes lá. Mais ou menos com 14 anos fui ao Rio. Fiz alguns programas de rádio e disse a minha mãe que queria ficar por lá, tentar a vida artística. Fiquei um ano estudando em Niterói e cantando no Rio, em programa de calouro. Minha mãe então se mudou para o Rio e saí da casa de minha tia, onde ficava. Era mais fácil, eu não precisava mais tomar a balsa. Entrei na escola Ultra, na Praça da Bandeira, onde fiz o Artigo 91 *(hoje supletivo, N. R.)*. Lá eu conheci o Arlênio Lins, que era de rádio e chegou a ser diretor da rádio Nacional. Ele conhecia o pessoal da rua Matoso, na Tijuca. E esta rua dava na Barão de Itapagipe, em frente à casa do Tim Maia. O Erasmo morava por ali e a gente se encontrava, ficava tocando violão. Aí já estava rolando rock, tinha pintado o sucesso do "Rock Around the Clock", com o Bill Haley. No cine Roxy tinha passado o filme *Juventude Transviada*, com o James Dean. Eu tinha um blusão como o dele, vermelho, usava botas e cantava "Tutti Frutti" (de Penniman/Lubin/Brodie). Um cara chamado Otávio Terceiro, que era assistente do Cianca de Garcia, apresentador de um programa de televisão, me levou para o *Teleteur*. Cantei "Tutti Frutti" e já comecei a ficar mais conhecidinho na escola. *(Aqui, Roberto sai da sala para atender um telefonema).*

Roberto — Aí comecei com Erasmo, o Edson Trindade e o Zé Roberto, que a gente chamava de Tininha. Ele fazia uma voz aguda, gostava de vocalizar. E, na época, aprendi um negócio que me deixou deslumbrado, que era a batida que o Tim Maia fazia no rock, em "Long Tall Sally". Eu ouvi, fui para casa e fiquei tocando a noite inteira. Aquilo mudou minha forma de tocar. Foi então que fizemos os Sputniks. Depois viramos os Snakes. Como eu era vocalista, mudamos para Roberto Carlos e os Snakes. E nos apresentamos no programa do Imperial, o *Clube do Rock*. Ele gostou muito e me apelidou de Elvis Brasileiro, mas só porque eu cantava musicas dele. Quem tinha mesmo aparência de Elvis era o Erasmo. Ele tinha aquele andar, que tem até hoje. No que a gente falava, ele ficava mais igual ainda *(risos)*.

BIZZ — *Neste tempo qual era a formação? Guitarra, guitarra base, baixo e bateria?*

Roberto — Que guitarra? Era violão acústico! *(risos)*

BIZZ — *Quanto tempo demorou para a coisa ficar elétrica?*

Roberto — Foi alguns anos depois. Quando a gente pintava em um lugar que tinha um cara com baixo ou bateria era uma festa. A gente fazia mesmo só com dois violões.

BIZZ — *Até então era tudo cover, ou já havia composições suas e do Erasmo?*

Roberto — Não tinha não, era Elvis, Little Richard, Jerry Lee Lewis, Tommy Sands, Chuck Berry, Buddy Holly, Gene Vincent. "Be Bop a Loola" (Vincent) tinha sempre. Mas de repente o *Clube do Rock* saiu do ar, não pintava mais showzinhos, a grana encurtou e a coisa começou a ficar complicada. Eu comecei a precisar de um emprego. Mas peraí... Este emprego veio depois. Antes a gente tinha conhecido um cara chamado Ataliba Santos, que disse que ia fazer um grande trabalho conosco. Acabamos indo parar em Volta Redonda, tocando cacos de show. Eu tinha 17 anos e este período rolou por dois anos. Foi aí que começou a pintar a bossa nova. Tinha uma prima minha casada com um cara chamado Amaral, que era gerente da boate Plaza. João Gilberto já tinha aparecido cantando "Desafinado", "Chega de Saudade", e eu fiquei apaixonado pela bossa nova.

BIZZ — *Do rock à bossa nova você passou por uma mudança harmônica brutal. Você aprendeu sozinho?*

Roberto — Bossa nova eu só cantava. Eu não tocava aquele violão todo, não *(risos)*. Fiquei lá nove meses. Eu era crooner, não fazia show. Tinha uma banda com o João Donato *(um dos maiores expoentes da bossa nova, N. R.)*. Foi no Plaza que um dia o Imperial vinha passando, viu minha foto na porta e entrou: "Ô, meu filho, você por aqui? O que você está fazendo?" "Estou cantando bossa nova." "O quê? Bossa nova??? Quá, quá, quá. Eu vou levar

Paulo Salomão/Abril

você ai em uns lugares". Me levou. Conheci o Carlos Lira e uma vez tivemos uma grande noite, na casa da Nara Leão, eu e o Erasmo. Foi assunto para um mes inteiro. Imperial me apresentou o Chacrinha. O Chacrinha me apresentou o Rafael de Almeida, da Polydor, onde eu fiz o primeiro disco. Não vendeu nada. Foi ai que arrumei um emprego no Ministerio da Fazenda.

BIZZ — *Ficou muito tempo?*

Roberto — Uns dois anos. Neste periodo eu gravei na CBS. O disco tocava mas a gente não fazia show, não pintava uma grana. Fui transferido para o Ministerio da Educação e Cultura e pedi para ir para a radio MEC para ver se conseguia fazer um programa lá, cantituar o disco. Na epoca não existia o divulgador da gravadora, a gente tinha que ir à radio direto, convencer o cara a tocar, fazer esta cantiuagem. Foi quando pintou o primeiro sucesso, "Splish Splash" *(de 1962, versao de Roberto e Erasmo de musica de Bob Daryn).* Grana ainda não pintava, mas eu comprei minha primeira guitarra, uma Giannini.

BIZZ — *Você ainda a tem?*

Roberto — Tenho. Devo ter. Minha mãe deve ter guardado. Depois veio uma Phelps, mas eu não tinha amplificador, usava emprestado. Na primeira vez que fui a Goiânia, o Jerry Adriani estava lá e ele tinha um Ibanez, que ficou um tempao comigo.

BIZZ — *Do "Splish Splash" (1962) a Jovem Guarda passou-se um tempo. Em shows, viagens, radio e TV, você foi arregimentando um pessoal que viria a ser a turma de frente da Jovem Guarda. Como foi este processo?*

Roberto — A Jovem Guarda aconteceu depois do sucesso de "Parei na Contra-Mao" e "O Calhambeque" *(de 62 e 63, respectivamente, N. R.).* Eu vinha fazendo uns programas de TV em Sao Paulo, estava em primeiro lugar nas paradas e o Paulinho Machado de Carvalho *(entao presidente da emissora Record, N. R.)* teve a ideia de fazer um programa de juventude. Na hora achei o nome do programa estranho *(na verdade foi tirado de uma frase de Lênin, N.R.),* mas resolvi deixar daquele jeito mesmo. Achei que devia fazer o programa com pelo menos dois amigos meus, que foram o Erasmo e a Wanderleia.

BIZZ — *Foi insegurança, medo de enfrentar sozinho?*

Roberto — Era para variar um pouco. Primeiro porque o Erasmo compunha muito comigo. E a Wanderleia tambem era uma amiga e na epoca fazia sucesso com um disco, não me lembro se era o *Anjo da Guarda (Meu Anjo da Guarda,* 1963, *N.R.).*

BIZZ — *Quanto tempo durou?*

Roberto — Dois anos e meio, mais ou menos. Depois a Record pegou fogo e passamos para o Teatro Paramount *(hoje Cine Paramount, na Brigadeiro Luis Antônio, Sao Paulo, N.R.).*

BIZZ — *Quando terminou a Jovem Guarda você teve consciência de que um ciclo estava se fechando, que você iria caminhar sozinho?*

Roberto — A questão é que com o tempo, logicamente, as coisas foram mudando. O programa já não tinha mais a mesma audiência. E o negócio de televisão e assim. O Paulinho me chamou e disse que era hora de parar com o programa, mas queria que eu continuasse fazendo um outro, à noite, que eu fiz. Daí comecei a fazer mais Rio e São Paulo. Fiz TV Rio e Tupi no Rio, e em Sao Paulo era sempre a Record. Parei com os programas à noite e fiz uma participação durante muito tempo no programa do Flávio Cavalcanti, na Tupi, uma vez por mês. Fui para a Globo, onde queriam que eu fizesse um programa semanal. Eu disse que só topava um anual, que é o que faço até hoje.

BIZZ — *Na epoca da Jovem Guarda voces ajudaram a difundir um comportamento, criaram uma griffe que distribuia varios produtos. Apesar desta massificaçao toda, a Jovem Guarda pretendia passar uma reacão meio inconformista. Isto era uma postura ensaiada, assumida, ou era so uma farra que por acaso virou uma coisa contestatoria?*

Roberto — Não era combinado, não. Era tudo muito espontâneo. Cada um trazia uma ideia, vinha sempre alguém com uma roupa, um adereço diferente, e assim ia rolando.

BIZZ — *Você era relativamente garoto quando começou a estourar. Como e que você, vindo do interior, aquele menino que cantava na rádio, fez para segurar?*

Roberto — Eu segurei trabalhando. Sempre me preocupei com a qualidade dos meus discos. Eu não sei explicar se é por isso ou por aquilo, se entre uma fórmula que é essa ou aquela. Tá certo que minha profissão era uma vocação, mas é uma profissão, então eu não posso deixar de considerar um monte de detalhes, sem mocadinhos *(risos).* Isto sempre me deixou muito ocupado.

BIZZ — *Muita gente relutou em aceitar seu estilo. Você sempre se referiu muito a Tito Madi e João Gilberto como influência, e são cantores que têm semelhanças com voce, a voz de um certo limite, timbre suave, tom intimista. Mas quando começou a fazer a Jovem Guarda você foi fuzilado por estas mesmas pessoas da bossa nova que cantava antes. A que atribui a quebra desta resistência, depois? O que mudou?*

Roberto — Eu não sei exatamente. A gente tem que reconhecer que a bossa nova foi um trabalho mais sofisticado que o rock e que o rock que a gente fazia naque a epoca, pelo menos. A gente pode pensar que o pessoal da bossa nova de repente considerava que aquilo que a gente fazia não era musica da mesma qualidade, musicalmente, harmonicamente falando. E logicamente era muito difícil que alguem da bossa nova topasse cantar um iê iê iê, embora nos sempre estivessemos dispostos a cantar uma bossa nova. Nos sabiamos desta sofisticação, mas sabiamos tambem que nosso trabalho tinha uma identificação, um diálogo muito grande com o povo, que era uma música facil de cantar, de decorar. Este preconceito eu só posso explicar por este lado. Mas não acho que ele deva existir apenas por existirem duas caracteristicas musicais, artisticas, diferentes. Mas de repente e assim, a gente acha estranho uma coisa nova que aparece. Depois eles tambem foram reconhecendo que nosso trabalho tinha um valor muito grande, uma importância dentro da musica popular brasileira. Tinha aquela história, guitarra eletrica na bossa nova? Jamais. Mas depois ela foi entrando e este preconceito foi se diluindo.

"Logicamente era muito difícil que alguém da bossa nova topasse cantar um iê iê iê, embora nós sempre estivéssemos dispostos a cantar uma bossa nova"

Sobre a Jovem Guarda: "Ficávamos muito contentes por ver o que acontecia; que muita gente começava a fazer música. Foi um bom resultado: o de encaminhar a juventude para a música"

BIZZ — *Como é que você se sentia como ídolo de um movimento. E como sentiu a mudança? Seu público esfriou com a idade?*
Roberto — Não, absolutamente. Havia no princípio a satisfação de fazer sucesso, a alegria, a empolgação com o aplauso, as meninas avançando no palco. A gente não estava preparado, não tinha esquema de segurança, estas coisas. Na saída do primeiro programa, meu Volkswagen estava parado do outro lado da rua. Eu saí relativamente rápido mas não deu tempo, elas realmente correram. A gente não sabia que na vida real poderiam acontecer aquelas coisas sobre as quais a gente lia nas revistas. Só depois eu comecei a tomar consciência de tudo aquilo, de que havia uma responsabilidade muito grande envolvida.
BIZZ — *Mas o público esfriou?*
Roberto — Não é mais frio, é simplesmente um pouco mais contido, mais comportado. Mas você vê que no final do show as pessoas chegam mais perto do palco, estendem as mãos. Neste momento este comportamento volta um pouco à Jovem Guarda.
BIZZ — *Você mencionou a questão da responsabilidade. O que você achava que tinha a passar a seu público?*
Roberto — Eu queria passar exatamente aquilo que a gente era, nada diferente. Eu queria dar uma mensagem sadia, uma coisa que mostrasse a eles que a gente fazia aquela coisa toda de música, mas que éramos também pessoas preocupadas com o futuro. E ficávamos muito contentes por ver o que acontecia, que muita gente começava a fazer música, a tocar guitarra, bateria. Eu acho que muito baterista, muito guitarrista começou a estudar incentivado pela Jovem Guarda. Acho que ela contribuiu muito para isto.
BIZZ — *Tanto que, na época, cada bailinho tinha sua banda de garagem.*
Roberto — Exatamente. Então a gente sentiu que foi um bom resultado, o de encaminhar a juventude para a música.
BIZZ — *Vocês ajudaram a plantar o rock brasileiro. No que você acha que este rock mudou de lá para cá?*
Roberto — Ele evoluiu muito. Nós falávamos muito de pescaria, do carrão, da velocidade, do namoro na esquina. Através de muitos outros compositores, com os protestos de Dylan e Joan Baez — se bem que eles não fizessem exatamente rock —, o rock passou a ter outro tipo de poética, mais séria, sem temas infantis, tão simples. E o som teve enorme evolução. O rock contribuiu com isto e se beneficiou disto. Tudo que você imagina hoje em matéria de rock, vem por aí.
BIZZ — *Numa entrevista, em 75, você disse que estava ouvindo Tony Bennet e Bee Gees. O que você ouve hoje?*
Roberto — Naquela época eu ouvia Tony Bennet porque ele sempre foi o maior cantor do mundo. E os Bee Gees, de quem gosto até hoje, ouvia porque faziam um som romântico mas mais encorpado, mais moderno para a época. Fui ver um show deles e fiquei deslumbrado com os cuidados, a qualidade do som em geral. Eram uma base para mim. Lembro que quando estava gravando eu dizia para o técnico: "Eu quero o baixo dos Bee Gess" *(risos)*. O som de baixo que gostei mais sempre foi o deles e do Paul McCartney. Hoje em dia ouço todo tipo de música, a de minha própria iniciativa mas também a que meus filhos ouvem. Isto contribui para que eu tenha um conhecimento geral do que está rolando. E eu gostaria de dizer uma coisa muito séria. O rock brasileiro é da maior qualidade, não fica a dever nada ao rock, nem inglês, nem americano. Eu digo isto com a maior tranquilidade aqui, no Mexico ou nos Estados Unidos. Mas para falar em nomes, à parte do Erasmo que é *hours concours*, é meu ídolo, gosto muito do Paralamas, do rock romântico do Lulu Santos, gosto do trabalho do Leo Jaime — ele é um menino com sacadas incríveis — e gosto da irreverência sadia dele. Tem um trabalho muito bom do Legião Urbana, deste disco e do anterior também. Gosto das sacadas do Ultraje. Do internacional, continuo gostando muito dos Doobies Brothers, do Rod Stewart, e muito do rock primitivo, do começo.
BIZZ — *Você acha que este revival do blues, do rhythm and blues, indica alguma tendência?*
Roberto — Lógico que estes fenômenos sempre apontam uma tendência. Hoje em dia a música é global, não se prende mais a um país. Claro que todo país tem suas particularidades musicais, como o samba aqui, ou os mariachi no Mexico, ou o country americano, mas as coisas estão muito simultâneas.
BIZZ — *Você nunca pensou em um dia entrar em estúdio e gravar um disco só de rock'n'roll básico?*
Roberto — Já pensei e até em meus discos mais recentes dei uma passeadinha por aí, do meu jeito. "Verde Amarelo" e "Apocalipse" têm pelo menos uma levada de rock, adaptadas, claro, a meu estilo atual. Mas tenho vontade, sim. Eu não sou um cantor de rock mas sou um roqueiro. Sendo cantor, eu gostaria de dar uma canja nesta praia, né *(risos)*.

O SUCESSO LONGE DA MÍDIA

Eleitos em 3º lugar como revelação pelos leitores de BIZZ em 87, os gaúchos do TNT ganham cada vez mais espaço em seu estado, com um rock que cheira a adolescência

O TNT é mais um filho do Sul, de Porto Alegre, da av. Oswaldo Aranha, do Bonfim - bairro vampiro com calçadas que lembram um veludo azul-marinho na entrada da madrugada, abrigando seus bêbados, recolhidos um a um pelos notívagos sobreviventes. São menos pornográficos que seus conterrâneos Os Cascavelletes — originários da primeira dissidência do TNT —, mas não menos atrevidos.

Suas músicas e letras remetem imediatamente a rock e paquera no pátio do colégio, como em "Ana Banana" ("Ana Banana por tua causa/ eu tô em cana... baby/ Ana Banana me leva/ agora para tua cama"). Ou, ainda, em "Identidade Zero" ("É melhor não levar a mal/ mas eu pensava que era o tal"). Ambas fazem parte do primeiro LP, *TNT*, composto de rocks feitos por Charles Master aos 14 anos, quando trocou seu Jeep por uma guitarra. Hoje ele toca baixo, talvez porque seu primeiro professor tenha arremessado o violão de Master à parede, inconformado com as dificuldades da mão esquerda do aluno. "Por isso ele é assim", diz o produtor da banda, Luiz Paulo Fedrizzi. E *assim* significa: olhos semicerrados, raptores de olhares alheios, no mais velho e bom estilo James Dean. As adolescentes tremem. Não é pose. Também a sensação de estar no início dos anos 60 ou no auge do rockabilly, quando se ouve o TNT, não é falta de criatividade ou novas propostas. Falam em citação, resgate. Não querem ser vanguarda ou criar estilos. Enquanto uns se preocupam com o futuro, o TNT concentra-se na memória. "Nos identificamos com a história do blues. Consigo conviver com este tipo de coisa — a vida que os negros levavam tocando naqueles becos americanos", diz Luís Henrique (guitarra).

Para os LPs e o próprio show estarem o mais próximo possível de um suposto original, não poupam pesquisas e aquisições arqueológicas. "Estamos adorando essa nova era da tecnologia musical porque todo mundo está trocando os instrumentos velhos por novos. E nós estamos comprando os velhos." Um Marshall valvulado, um amplificador Hiwatt, um baixo Apollo, de 65, são apenas alguns exemplos do que eles têm e procuram. "Durante as gravações do segundo LP", contam, "o Bruno *(um amigo)* levou alguns teclados que reproduziam um Hammond. Dentro do nosso som, sentimos que o Hammond estava rindo."

Do primeiro para o segundo LP, *N.º 2*, a mudança se processa via estrada. Pergunto e pergunto se algo mudou, e a resposta é sempre a mesma. "Estrada. Esta é a diferença do primeiro para o segundo LP", afirma três vezes o mesmo Luís "Tchê" Henrique Gomes, que divide, ainda composições e liderança com Charles Master, Marcio Petrália (também guitarra) e Felipe Jotz (bateria) completam esse time formado por garotos de 20 anos em média e cinco de estrada.

O TNT sobrevive em seu próprio estado como muitas das bandas do Sul. E isto nos remete, mais uma vez, à independência cultural do Rio Grande gaúcho. Lá residem pessoas interessadas na informação. Por isso sua produção é sempre bem recebida e tratada com o devido/merecido respeito. "No fim do mundo", como alguns chamam o pé do mapa do Brasil, o lugar se faz, se recicla e manda suas notícias para os demais estados. Se estes não estiverem interessados, ninguém morre ou lamenta. Mas, apesar de pouco divulgado fora de seu *habitat*, o TNT foi eleito o terceiro lugar na categoria revelação pelos leitores de BIZZ este ano, e cartas aterrissam na redação solicitando matéria com eles.

O papo, curto e grosso, não deixou arestas: "O que vale é o palco, o que vale é sentir que as pessoas estão se divertindo". Finalizam, sinteticamente.

TIRANDO OS INTELECTUAIS DE LETRA

Fotos Rui Mendes

Preparando seu terceiro LP, depois de ter aberto os shows da turnê de Sting, o Capital Inicial fecha para balanço. E constata que não deve se preocupar em serem os darlings de uma mídia que supõe que rock tem algo a ver com intelectualidade

CAPITAL INICIAL

O Capital Inicial dispensa apresentações. Dinho, Fê, Flávio, Loro e Bozo são donos de uma quantidade razoável de hits, saídos de seus dois LPs, *Capital Inicial* e *Independência*. Eles não são nenhum pouco os queridinhos da crítica, nem a unanimidade nacional, nem um fenômeno de popularidade. O quinteto é apenas uma banda de sucesso, que trilha confortável a rotina de um grupo de rock: compor, gravar, lançar, fazer shows... De vez em quando, aparecem alguns petiscos inesperados, como foi para o Capital a turnê conjunta com Sting em novembro do ano passado.

Agora eles preparam, calmamente, as composições para o terceiro LP. Neste momento é que os rumos parecem se definir. Dinho, por exemplo, está perplexo: "Eu não sei, o que eu acho que está acontecendo no Brasil é que o rock está muito respeitável, em termos de compromisso com a 'casta' intelectual. Isso está me tirando o sono." "Sim, mas quem sustenta as bandas não são os intelectuais, certo? "Não, não são", responde o Capital em coro. Flávio prossegue, taxativo: "Isso é invenção da mídia. Nossos fãs são fãs justamente porque se identificam com as letras e o som". Dinho concorda, mas isto não é o suficiente para tranquilizá-lo. Ele volta à carga: "O público é jóia, bacana, mas a gente está falando da mídia. Sei lá... Outro dia eu estava vendo um especial sobre os Rolling Stones na TV e o Bob Dylan dizia pro Mick Jagger: 'Eu poderia ter feito "Satisfaction", só que vocês jamais poderiam ter feito "Mr Tambourine Man"'. E esse tipo de confronto, sabe?". Fê pega carona: "É, esse tipo de distinção que existe entre Duran Duran e Talking Heads, U2 e A-ha... Aonde será que a gente se encaixa, na *Smash Hits* ou na *Melody Maker*? Será que o fato de não estarmos na *Folha de São Paulo* significa que a gente estaria numa revistinha dessas? Eu não sei". Flávio considera, como conclusão: "Se o Talking Heads faz um rock mais inovador e o Bruce Springsteen faz um rock mais tradicional, nem por isso ele (Bruce) tem menos valor. Ele é bom à beça, tem um p* público". É Fê que fecha a questão: "Outro dia, eu ouvi Carpenters no rádio e achei legal..."

Quem disse, porém, que uma banda de sucesso não tem seus percalços? No ano passado, o Capital assinou um contrato com a Poladian, que lhes rendeu o lugar de banda suporte na turnê do Sting. Para eles, foi uma experiência e tanto. Foi a única banda brasileira a fazer tantos shows com um artista internacional do peso de Sting. Dinho avalia: "Julgando pelo tratamento que recebemos no primeiro show, a gente ia se f*. Trataram a gente como uma merda, tanto é que a gente não passou nem o som. Mas no decorrer, nós fizemos tão bonito... Acho que muitas das pessoas que estavam lá nos shows — umas quatrocentas mil ao todo — nem conheciam a gente, não vendemos tudo isso de discos". Loro, que chegou atrasado (Bozo estava com gripe, de cama e nem foi à entrevista), pondera: "Foi legal estar tocando ao lado de músicos que tem uma bagagem muito maior; você vê o nível a que pode chegar a produção de um show. É feito de forma profissional, as pessoas não vão passar o som que nem os brasileiros, que já vão sabendo que vai dar tudo errado. Os técnicos vão lá para trabalhar". Fê relembra, não sem uma dosezinha de inveja: "A gente ficava só olhando o equipamento dos caras — tudo o que a gente sempre quis ter, só que custava vinte mil dólares..." E Flávio acrescenta: "Acabando o show do Maracanã, eu olhei para trás, tinha uma multidão... Eu nunca vi um negócio tão grande, eu nunca vou esquecer". Deu tempo também para dar uma tietada, mas o alvo não foi o Sting: "Sabe por que valeu? Porque eu pude apertar a mão do Peter Gabriel. No último dia, entrei no camarim e ele estava lá, sentadinho num canto. Eu fui lá, falei que adorava ele e fui embora".

Depois da turnê do Sting começaram os problemas do Capital. "O que aconteceu foi que... Bem, nós nunca contamos isso para ninguém. O contrato com a Poladian era uma maravilha, uma média de três shows por semana. Depois do Sting, ficamos na expectativa do contrato entrar em vigor. Eles foram protelando, protelando, ficamos dois meses sem fazer nada. A gente perdeu o embalo". Fê comenta, meio malicioso: "Em suma, não acreditem muito em promessas. Bem que o I Ching disse: 'A jovem sedutora procura o homem superior; não deve efetuar o casamento'. E a gente casou, né?" E por que o casamento não deu certo? Afinal, a Poladian é conhecida como a locomotiva que puxa o sucesso de bandas como o RPM e os Titãs. Loro explica: "Só dá certo se a Poladian veste a camisa da banda. Eles não têm uma equipe que segure muitas bandas ao mesmo tempo. E eles já estavam com os Titãs e devem ter pensado: 'Bem, vamos botar tudo neles e vamos esperar'. A gente não podia esperar. Entramos numa de alegria e foi uma p* enrascada, foi isso que aconteceu."

Só em março deste ano que começou mesmo a turnê de lançamento do *Independência*, que termina em agosto. É para frente, e só pensar nas novas composições para o terceiro LP. Dinho/Bozo, de um lado, e Fê/Flávio/Loro, de outro, estão compondo as bases das novas músicas. Dinho adianta. "Esse nosso terceiro disco vai ser completamente independente das preocupações com os 'intelectuais'". Fê: "A gente vai ficar muito mais esperto nos arranjos. Essa é a minha crítica ao segundo LP. Por exemplo, "Rio Nilo" estava bom, não precisava de arranjo novo para quem curtia, ficou disperso". Flávio objeta: "Eu achei que melhorou" (Risos). Loro declara: "Eu quero compor de uma outra forma, até mais simples". Não sairá em outubro, como planejava a gravadora, porque o Capital "não se sujeita a esse tipo de pressão". Em novembro, talvez.

Por fim, será que essa rotina não dá um certo tédio? "Isso é só o meu trabalho, eu tenho um outro lado, sou casado, tenho um filho, um cachorro..." (Loro). "Eu estou superconfiante. Fazer shows é a melhor coisa que tem" (Flávio). "Fazer shows é uma coisa que eu recomendo a todos os leitores" (Dinho).

Bia Abramo

O COMEÇO DO FIM DO MUNDO

Sex Pistols

Clash

PARTE I

A fúria de destruição do punk foi o marco para o rock entrar nos anos 80. Estilhaço a estilhaço, alfinetada a alfinetada, a história dos irresponsáveis pelo big bang

Por mais estranho que pareça, nossa história remonta ao longínquo ano de 1947. Foi nessa data que, em Londres, uma mulher judia deu a luz um menino chamado Malcolm Quase trinta anos mais tarde, ele seria o responsável por catalisar e, até certo ponto, gerir o movimento punk. Chegaremos lá.

Bem, quando nos *late fifties* o rock n roll tomou de assalto o corpo e a libido de milhares de adolescentes, nosso personagem não ficou imune ao fenômeno. Boa parte de seu dia era consumida na audição dos discos de Billy Fury e Eddie Cochran. E seria justamente o rock (junto a outra paixão, o cinema) que o levaria a se matricular, numa escola de arte, no final dos anos 60. Os estudos não eram definitivamente o seu forte. O McLaren acabou abrindo uma loja de discos na Oxford Street. Em 72, movido pela onda revivalista *teddy boy*, ele se muda para o bairro de Chelsea, onde monta a Let It Rock, um emporio especializado em artigos da era dourada do rock n roll. Com três anos de atividade, seu negocio havia prosperado tanto que atraia celebridades como Iggy Pop, Mc-5 e os New York Dolls. Estes últimos impressionaram tanto McLaren pela sua imagem exotica que ele acabou fazendo as malas e embarcando para Nova York, onde assumiria um novo emprego: o de empresario dos Dolls.

Era 1975. O *glam* dava seus derradeiros suspiros e os Dolls se encontravam exaurindos por excessos de toda natureza. Como uma ultima cartada, McLaren sugere uma mudança estetica radical. Em lugar de maquiagem pesada, botas de salto alto e plumas, entravam em cena ternos de couro vermelho e aderecos, como bandeirinhas vietcongs e broches de Mao Tse-Tung, um simulacro de engajamento politico inspirado no filme *A Chinesa*, de Jean-Luc Godard, que tinha a ver com o seu *glam*, mas que era muito pouco para empurrar os Dolls novamente para o topo. Em maio desse mesmo ano, uma nota oficial comunicava o obito da banda.

Em Nova York, McLaren foi parar por acaso no CBGB. Ali, no Max's Kansas City e em outras casas noturnas, ele captaria o surgimento dos Ramones, as performances poeticas de Patti Smith, as jams hipnóticas do Television e o niilismo incendiário de Richard Hell: sons e imagens que ele armazenaria em algum ponto do cerebro para uso posterior.

De volta a Londres, em 75, ele reassumiria seus negocios em sociedade com a estilista (e também namorada) Vivienne Westwood. Das sobras da Let It Rock brota a Sex, que se destinava a "fornecer roupas para pessoas ligadas às mais diversas formas de perversão sexual". De acordo com o depoimento do casal, McLaren também passou a empresariar um grupelho local conhecido como Swankers. E foi da formação dos Swankers que vários encontrar pela primeira vez Glen Matlock no baixo, Paul Cook na bateria e Steve Jones nos vocais, em um tal de Wally na guitarra. Eles ensaiavam nos fundos de um armazém em Hammersmith, tocando covers dos Small Faces e do Who e preciosidades pop como Build Me Up Buttercup, dos Foundations, e A Day Without Love, do Love Affair. Muita gente também garante que a aparelhagem tinha sido furtada de vários outros grupos.

Se tais fatos são verdadeiros, ou apenas uma primeira amostra das manipulações maquiavélicas é difícil dizer. Uma coisa era certa: apesar de muito esforçados, os Swankers eram simplesmente pessimos. Jones, vendo que não conseguia mesmo cantar, passa a brincar com uma guitarra e se sai tão bem que o infeliz Wally é posto para fora. Um anuncio colocado por McLaren na *Melody Maker* solicita um quarto membro "que não seja mais feio que o Johnny Thunders" (ex guitarrista dos Dolls) conseguindo atrair Nick Kent, um critico de rock. Dias depois, o empresario lhes apresentaria um sujeito chamado John Lydon, o qual notara perambulando pela Sex. Após um teste em que cantaria acompanhado por uma *juke box*, ele se tornaria o vocalista dos Sex Pistols, rebatizado Johnny Rotten por McLaren em função de seus dentes estragados.

Por um desses caprichos do destino, o mesmo anuncio chamava a atenção do London SS, um grupo amador que até então se julgava o unico interessado pelos Dolls na Inglaterra. O protótipo do Clash havia sido fundado naquele mesmo 75 pelo guitarrista Mick Jones, ao

McLaren: Gênio? Escroque? Ou só um gigolô do rock com muito senso de oportunidade?

lado de Tony James (futuro Chelsea, Generation X e Sigue Sigue Sputnik) e Brian James (co-fundador do Damned). Com uma série de bateristas provisórios (inclusive Topper Headon e Terry Chimes), o London SS também fazia covers em seus ensaios, especialmente dos famigerados Dolls, Stones e Mott the Hopple. As similaridades com os Swankers não paravam por aí: ambos eram egressos de *squats* (*casas abandonadas habitadas ilegalmente por desempregados*), nunca chegaram a se apresentar ao vivo, técnica e teoria musical não lhes diziam nada e, finalmente, o London SS vinha sendo empresariado por um camarada chamado Bernie Rhodes, que trabalhava como assistente de McLaren.

Um pouco antes do London SS acabar, Mick Jones convidaria Paul Simonon para entrar no grupo. Depois do fim, os dois continuariam juntos. Foi nesta fase que Simonon assistiu a uma das primeiras apresentações dos Sex Pistols. Entusiasmado, ele arruma um baixo, Jones corta o cabelo comprido e, na companhia de músicos diversos, montam uma dezena de grupos. Em geral, seus companheiros mal podiam se aguentar em pé de tão chapados, quanto mais tocar seus instrumentos. Jones e Simonon queriam deles apenas "uma boa imagem".

Nesta busca da imagem certa chegaram até Joe Strummer, que tocava com os 101 ers, grupo que chegou a ter certa notoriedade no circuito dos pubs, fazendo um derivado de rhythm & blues. Ele só se convenceu que a hora da mudança havia chegado quando os Pistols abriram para o 101'ers. No dia seguinte ao show, primeiro de abril de 76, Strummer, Jones e Simonon fundariam o Clash.

A esta altura, os Pistols entravam em seu quarto mês de apresentações. A primeira, já sem Nick Kent, havia sido no St. Martins College of Art. Não ultrapassou os dez minutos — horrorizada com o que ouvia, uma funcionária do colegio desligara os plugs da banda. Daí em diante, eles passaram a adotar uma tática ousada para poder tocar: fingindo ser a banda suporte, os Pistols chegavam cedinho aos teatros e iam logo montando o equipamento. Quando os organizadores davam pela coisa, eles já haviam encerrado seu set.

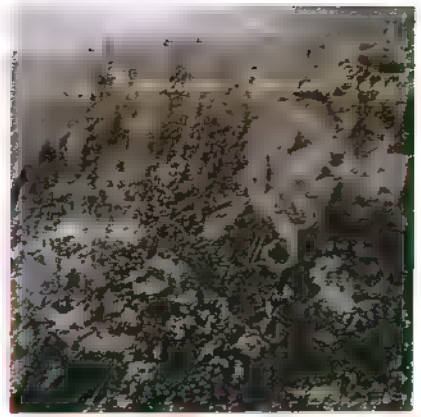
Essa cara de pau acabou atraindo um público bem definido — jovens desempregados que não perdiam por nada uma exibição da banda. No início de 76, os Pistols estavam novamente em evidência graças a um caótico show no Marquee. Era a primeira vez que tocavam com retorno de palco. Isso os confundiu e, na excitação, vaiados pelos fãs do grupo principal, o Eddie and the Hot Rods, destruíram seu equipamento. Os incidentes iam se acumulando: agressões, bate-bocas e obscenidades dentro e fora do palco. Já em maio, nenhuma casa lhes abriu as portas. No sufoco, Bernie Rhodes e McLaren se reuniram para articular shows em comum para seus pupilos.

Nos meses de maio e junho, o único lugar que ainda tolerava os punks era o 100 Club, onde os Pistols começariam a se impor como um dos mais energéticos espetáculos de toda a história do rock, chegando mesmo a atrair a atenção do notório guitarrista Chris Spedding, com quem gravaram uma demo com "No Feelings", "Problems" e "Pretty Vacant". Em agosto, dividindo o programa com o Clash e com os emergentes Buzzcocks, eles tocaram à meia-noite no cinema Screen on the Green. Quem estava lá garante ter sido esta a melhor apresentação da carreira dos Pistols — em meio a bombas de fumaça, um muro espesso de *feedback* tinha à sua frente um patético Johnny Rotten, completamente exasperado e louco de dor após ter flagelado com o microfone os dentes cariados.

O Clash e os Pistols se reuniram de novo em setembro, num festival punk que teve como destaque a estréia de Siouxsie & the Banshees, com Sid Vicious — o inventor do *pogo*, uma dança que transformava chutes, pulos e socos em folguedos de salão — na bateria. A imprensa, os executivos das gravadoras, o público comum, todos queriam saber qual era a do punk. Esperto, McLaren fez várias demos dos Pistols circularem de selo em selo. A EMI contrataria os Sex Pistols em outubro por dois anos. Três semanas depois, saía o primeiro single, "Anarchy in the UK". Praticamente não tocando na rádio, a releitura punk de Bakunin chegava aos Top 30 nacional. Rotten & cia. entrariam para a história ao pronunciar, pela primeira vez na TV, a palavra "fuck".

O ano de 1977 começou com o cancelamento de seu contrato com a EMI, o que obrigou o selo a lhes pagar uma multa de 50 mil libras. Mal essa notícia havia esfriado, soube-se que Glen Matlock havia sido expulso da banda. O motivo é curioso: "Ele gosta demais de Paul McCartney e dos Beatles..." Para seu lugar seria recrutado Sid Vicious. Foi com esse *line-up* que assinaram com a A&M em março. O ato, altamente simbólico, transcorreu em frente ao Palácio de Buckingham. Era iminente o lançamento de "God Save the Queen", que, segundo McLaren, não era uma versão do hino nacional, mas sim um tributo dos rapazes à rainha. Passados cinco dias, os rapazes estavam fora da A&M, que não explicou o porquê. No entanto, era óbvio que se devia ao teor da letra de "God ..", um ataque frontal à figura de Elizabeth II. A indenização desta vez ficou em torno de 75 mil libras: mais um golpe de mestre de McLaren.

Março também assinalou o contrato do Clash com a CBS, que lhes deu 100 mil libras como adiantamento. Foi aí que surgiu aquela história de "traição do movimento" (sic) — muitos os acusa-



ISTO NÃO TOCA NAS RÁDIOS BRASILEIRAS, AINDA.

Sim, ainda não. Mas nos grandes centros europeus e nos EUA, não dá outra coisa.
Casual Gods é o primeiro disco solo de **Jerry Harrison**, aquele tecladista do Talking Heads que arrasa na bolacha e na capa, com duas belas fotos de Serra Pelada, no Brasil.

E *Akwaba Beach* é o disco de **Mory Kante**, que traz o hit Yé Ké Yé Ké, primeiro lugar em toda a Europa. É a nova música africana, inundando de prazer os ouvintes do Velho (e de todo o) Mundo.

Em discos e fitas
PolyGram

Os shows da banda eram uma espécie de campo de batalha, onde não faltavam agressões, brigas e quebra-quebras

nam de ter se vendido. Hoje, sabe-se que tal quantia foi empregada na compra de aparelhagem, e o que sobrou mal deu para custear sua primeira excursão. Em que pesem as controvérsias, o Clash se estabeleceria como um dos principais porta-vozes de sua geração.

Em abril de 77, saiu *The Clash*, seu primeiro álbum. Para muitos, foi uma decepção: a qualidade sonora era sofrível e os vocais soavam incompreensíveis. Isto deve ser debitado ao próprio grupo, uma vez que recusara todos os medalhões da produção que a CBS lhes sugerira. A escolha caíra sobre Micky Foote, então seu mixer ao vivo, mas que jamais havia produzido um disco na vida. Ainda assim, este é um trabalho vital. A dupla Jones/Strummer assinou treze das catorze faixas — a exceção coube à regravação do reggae "Police and Thieves", de Junior Marvin. A CBS americana se recusaria a lançar o disco, alegando má qualidade técnica — ele só seria editado lá em 79, mesmo assim com quatro das faixas originais ("Protex Blue" "48 Hours "Cheat" e "Deny") substituídas por singles gravados *a posteriori*. Outro detalhe é que o baterista no disco foi Terry Chimes (apelidado de "Tory Crimes", ou seja, uma brincadeira que significa "crimes do partido conservador inglês"), e não Topper Headon, incorporado neste mesmo mês de abril.

Com a Virgin encarando o lançamento de "God Save the Queen", em maio, o disco acabou chegando ao público justamente na semana em que se comemorava o Jubileu da rainha. Nem mesmo o boicote maciço das cadeias de lojas e rádios impediu que ascendesse ao primeiro lugar das paradas. Essa grande agitação em maio fechou com uma grande noitada punk no Rainbow Theatre, o primeiro encontro verificado na Grã-Bretanha. O evento serviu para comprovar o carisma que o Clash exercia no público, que a seu comando arrancou cadeiras do teatro e as atirou ao ar.

Daí até o final do ano, tanto o Clash quanto os Pistols amargariam problemas nas garras da polícia, a qual não os perdia mais de vista, detendo-os, revistando-os, agredindo-os, sob as mais variadas alegações. A ocorrência que mais se destacou foi a apreensão de um barco que descia o rio Tâmisa com todo o *entourage* dos Pistols. O passeio terminou na delegacia, com McLaren, Vivienne Westwood, os jornalistas Chris Walsh e Jon Savage e mais oito pessoas indo em cana após muito empurra-empurra e uma tentativa malsucedida de suborno.

Ao redor, o espírito que tinha caracterizado o movimento punk se deteriorava; grupos caminhavam para a dissolução; a febre disco se alastrava; e o chamado high punk chegava às butiques a preços astronômicos. O que estaria reservado para depois?

Arthur G. Couto Duarte

Mar Faura/Retna/Keystone

A primeira formação dos Pistols: Glen Matlock (no baixo), Johnny Rotten (vocal), Steve Jones (guitarra) e Paul Cook na bateria

AS TÁTICAS E ESTRATÉGIAS

"Do it yourself!" Em 76/77, o "faça você mesmo" resumia de forma exemplar aquele que era e ainda é o maior mérito do movimento punk — a tomada de atitude; a mudança que se realiza pelos atos dos próprios envolvidos.

No aspecto estético, se é verdade que a Sex foi o agente catalisador, não se pode desmerecer a contribuição do chamado Contingente de Bromley, um grupo de garotos no qual se destacava Siouxsie Sioux, que criaria mais tarde toda uma indumentária marcada por alfinetes de segurança, correntes, estiletes, suásticas, remendos etc.

Já no front musical, a divisão entre platéia e palco se estreitou quando Johnny Rotten incitou seus fãs a formarem seus próprios grupos. Técnica era o que contava menos — o que valia era a garra, o drive, a vontade de tocar. Retomou-se o básico do rock, ou seja, o seu poder de executar. As músicas não ultrapassavam os três minutos. A temática era extraída das vivências da população jovem: a insatisfação com as instituições, as condições subumanas de moradia e subsistência, a angústia desse tempo. Da noite para o dia surgem grupos cruciais para o punk: Slits, Subway Sect, X-Ray Specs, Buzzcocks, Eater, Alternative TV e uma infinidade de outros, a maioria inédita até hoje no Brasil.

Também a palavra escrita foi reformulada. É a vez dos fanzines, publicações criadas por fãs e para fãs da nova música. O primeiro foi o *Sniffin' Glue*, que era editado por um ex-bancário de 19 anos chamado Mark P. Na cola, uma verdadeira avalanche de xerox desabaria sobre a Inglaterra: *Ripped and Thorn, Terminal Bondage, 48 Hours, More on, London's Outrage*... A linguagem é ágil, tão urgente quanto a música por eles focalizada. Além de resenhas de discos e shows, todos traziam inflamados editoriais conclamando os leitores a formarem bandas ou editarem seus próprios zines.

Finalmente, para espalhar os novos sons, fazia-se necessária a criação de gravadoras independentes, uma vez que os grandes selos desconheciam ou evitavam qualquer associação com os punks. As pioneiras foram a Chiswick e a Stiff, que logo foram seguidas pela Pogo, Lightning, Rabid, Raw, Illegal, Step Forward, Beggars Banquet, OHMS, Rough Trade, Small Wonder e muitas mais. Para se ter uma idéia da extensão do fenômeno basta dizer que, quando a célebre revista *ZIGZAG* publicou, em 78, um catálogo destes micro-selos, já perfaziam uma centena!

A G C D

A maior cantora do planeta não toca nas rádios. Mas tem um disco de ouro.

A bordo da sonda espacial Pioneer, um disco de ouro leva os sons da Terra para além do sistema solar. Que cantora foi escolhida para nos representar universo afora? Tina Turner? Janis Joplin? Nada disso. Em *Superinteressante* deste mês você vai conhecer a maior cantora do planeta: a baleia. Um animal inteligente, dócil, extremamente dedicado aos filhotes. E que se comunica através da música. E mais: Júlio Verne, o maior profeta de todos os tempos. A história do faraó Queops. E as *outras* diferenças entre o homem e a mulher. *Superinteressante*. Para o leitor superinteressado.

SUPER ANIL

O ROCK ENCOSTA O RACISMO NA PAREDE

Oitenta mil estavam no estádio de Wembley e mais de um bilhão viram pela televisão a homenagem a Nelson Mandela. O líder negro encarcerado na África do Sul serviu de bandeira para uma bela festa onde se condenou o regime de barbárie sul-africano

Onze de junho, Londres, estádio de Wembley, no futuro será lembrado como uma data histórica — e não apenas no que concerne à música pop. "Este é o mais espetacular concerto de rock desde o Live Aid", anunciou Harry Belafonte (*aqui muito conhecido por seus calipsos na década de 50*, N.R.). Não apenas. Nesse dia, os multibilionários interesses da indústria pop subordinaram-se a uma exigência de liberdade política.

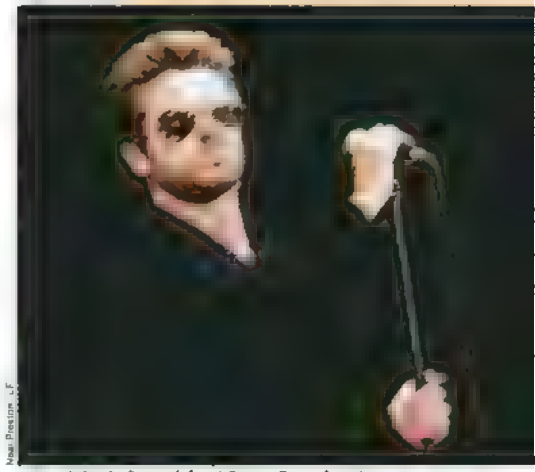
Frente a 80 mil pessoas em um estádio e a um bilhão de telespectadores espalhados em 60 países, uma promíscua e saudável colaboração musical entre estrelas dos três mundos comemorou o 70º aniversário de Nelson Mandela, exigiu sua liberdade e denunciou frontalmente o governo sul-africano, promotor do apartheid esse câncer horrendo da era contemporânea. Quando artistas de três mundos são capazes de cantar pela população negra da África do Sul, pode-se até pensar que esse terá sido o início de uma nova ordem cultural entre África, Europa e América.

Não foi nada fácil. Pelo contrário. O tributo a Nelson Mandela funcionou desde o início como um mega-show de 11 horas de duração e um monstruoso trabalho progressivo de educação de massa — no caso em relação ao apartheid, a vida e obra de Nelson Mandela e os horrores do regime sul-africano. Todas as pressões estouraram nos dois dias que antecederam o concerto. A tentacular Coca-Cola Co. — patrocinadora das 6 horas de transmissão para a América — tentou impedir qualquer manifestação política dos participantes, apavorada com a possibilidade de chocar seus milhões de consumidores dentre a maioria silenciosa. Executivos da Coke supervisionaram de olho e dedo duros a transmissão pela Fox Corporation (propriedade do supergângster corporativo da mídia Rupert Murdoch). Na América, o concerto ficou conhecido pelo nome de FreedomFest, e não pelo seu verdadeiro objetivo, o tributo a Nelson Mandela e a condenação do apartheid. Na Inglaterra, os fascistas reacionários acionaram sua artilharia pesada. O governo sul africano protestou oficialmente porque a BBC resolveu transmitir o concerto ao vivo também para a Grã-Bretanha e não apenas para gerar imagem para a cobertura internacional via satélite. Sob tremenda pressão também da extrema-direita local, o diretor geral da BBC lançou uma tática diversionista: se alguns dos performers iniciasse um discurso sobre os horrores do apartheid, seria "cortado", despachado para o noticiário noturno e substituído por uma entrevista "fria" com um star não-político.

Na última hora, os promotores do tributo — a produtora Elephant House — também resolveram não ler uma mensagem de Nelson Mandela para os performers, contrabandeada de sua cela sul-africana. Cancelaram ainda uma mensagem em vídeo da ativíssima Winnie Mandela. Ninguém explicou por quê, nem antes nem depois. A BBC, sob pressão, manteve até o último minuto a sua interpretação do concerto como evento puramente musical. Seus jornalistas, claro, sabiam que não seria possível "censurar" ninguém. Foi o que aconteceu. Mesmo sob a atual bota de ferro de Margaret Thatcher e da extrema-direita, as inúmeras referências políticas durante o show não foram censuradas.

Cada um usou sua tática particular. Entre os apresentadores, a atriz Whoppi Goldberg e o destruidor de corações Richard Gere (muito articulado politicamente) não só denunciaram as pressões como colocaram a homenagem em um amplo contexto, especialmente para as seções mais alienadas do público (Gere: "Estamos aqui prestando uma homenagem a um homem que nenhum de nós conheceu"). Todos sem exceção dedicaram músicas a Mandela. E até mesmo tradicionais megastars alienados, como o *white soul boy* George Michael e Whitney "eu não sou uma mulher política" Houston, deixaram muito claro por que estavam lá.

No que toca à música em si, o concerto funcionou como um microcosmo especial do atual estado de coisas no pop: um crossover gigante de world music com pop global. "World Music", como se sabe, é a palavra-ônibus para designar tudo que seja música étnica. "Pop Global" é o Coca-Pepsi-pop das MTVs, FMs e Top Tens, do Alaska à Patagônia. A programação do tributo a Mandela pode ser motivo de uma torrente de críticas. Inúmeros artistas africanos fundamentais — Ali Farka, Jali Musa, Bhundu Boys, uma seleta de bandas das townships de Soweto — não foram convidados. O *timing* — em termos qualitativos — foi ridículo: o sublime **Al Green**, por exemplo, cantou uma música, enquanto **Dire Straits** tocou durante uma hora. Todos os artistas negros a exceção de um pont-pourri soul de **Whitney Houston** — foram relegados a se apresentar em um "palquinho étnico", sem o espaço e a suntuosidade do palco principal, um cenário disneylândico, decorado com posters de Keith Haring e ladeado por megateloes. Mesmo assim, tivemos alguns momentos de glória.



Neal Preston - LF

Mesmo os desligados ficaram de fora: Whitney e George foram lo

Mesmo sob a bota de ferro de Tatcher e apesar da extrema direita, as inúmeras referências políticas não foram censuradas

Sting passeia pelo backstage antes de fazer um set impecável e sua coleguinha, a atordoante Daryl Hannah, ajuda a apresentar a moçada

Quando **Harry Belafonte** abriu o espetáculo, às 12h15, uma primeira constatação: a América do Sul foi mais uma vez excluída, tanto da programação musical quanto da cobertura via TV (neste último caso, sem dúvida pela incompetência e desinteresse dos executivos tropicais). **Sting**, de branco, abriu com um set impecável que falou por si, com destaque para "They Dance Alone". **George Michael**, abandonando por dez minutos sua jaqueta de couro, tentou coordenar uma balada soul e algo de sensibilidade de gueto, mas no caminho destruiu "Sexual Healing". Os **Eurythmics** entraram com uma tremenda voracidade: couro preto, tachinhas, elétricos, Lady Lennox atacando de white funk a rock'n'roll. Brilhantes versões de "Sweet Dreams" e "There Must Be and Angel". **Al Green** abriu a seção soul com a extraordinária "Let's Stay Together", seguido por **Joe Cocker** (resgatado de Woodstock 19 anos depois), **Ashford and Simpson** (uma significativa "Ain't No Mountain High Enough") e o funk de auto-estrada da voluptuosa **Natalie Cole** em "Pink Cadillac". Todos juntos entraram em um gospel acelerado, elétrico, finalizando com "Higher and Higher", abrasivo, o primeiro grande momento do dia.

Tracey Chapman, a Joan Baez crioulinha dos anos 80, polarizou atenções com seu folk seco. Na sequência, sonambulismos variados, cortesia de uma seção "*Globo de Ouro*": **Wet Wet Wet**, uma banda residente formada por **Midge Ure** (com, entre outros, **Phil Collins** na bateria e o vocalista do **Spandau Ballet**, Tony Hadeley), **Joan Armatrading, Fish**, o vocalista do **Marillion, Paul Young**, metade do **Tears for Fears** cantando a inevitável "Everybody Wants to Rule the World", **Bryan Adams**, e os **Bee Gees**, de cabelos brancos, em "I Just Gotta Get a Message to You" (uma homenagem adequada).

Fogo total na sequência. **Sly and Robbie** na base rítmica extrabomba, os três reggae-men londrinos do **Aswad** nos pandeiros, o príncipe albino de Mali, **Salif Keita**, no afro-funk solo, e a intervenção subsequente do mestre senegalês **Youssou N'Dour**. Casamento Africa-Jamaica, o mais belo crossover do dia. Final apoteótico com "Set Them Free", incluindo **Peter Gabriel**. **UB40** seguiu com a ridícula "Rat in the Kitchen", depois acompanhados por **Chrissie Hynde** de vestido e unha pintada em "I Got You Babe". **Ali Campbell** ficou o tempo todo mascando chiclete como um idiota. Brilhante seção sul-afro em exílio na seqüência, com **Hugh Masekela** e a antológica **Miriam Makeba** (canto coral feminino de apoio fabuloso em uma emocionante "Soweto Blues").

Os "étnicos", como sempre, arrasaram. Destaque especial para a performance aborígene dos **Arnhem Land Dancers** (em círculo, sob tambores, gritos animais e uma atmosfera de profundo mistério), e a tensão entre o barítono gutural de **Mahlathini** e o frenesi sob (relativo, controle das **Mahotella Queens**, dos guetos de Soweto. **Johnny Marr** uniu-se aos **Simple Minds** para uma versão de "Summertime Blues" indigna de Eddie Cochrane. **Jim Kerr** cantou sua música-homenagem a Mandela e fez backing para **Peter Gabriel** em uma emocionante versão de "Biko", confirmando sua autoridade moral no universo pop. Outro grande momento do dia: a versão de "Sun City" com **Steve Van Zandt** no lead e uma superbanda (**Gabriel, Youssou, Daryl Hannah, Jackson Browne, Simple Minds**) no backing, rock político da melhor qualidade (e alteração da letra na última hora para qualificar o "terrorismo de estado" sul-africano e a "fascista" Margaret Thatcher). Sequência apropriada de "Free Nelson Mandela", com a mesma superbanda e **Jerry Dammers**, ex-Specials, nos teclados (ele foi a alma organizativa do projeto).

Depois dos dançarinos angolanos, **Stevie Wonder**, de Concorde e de surpresa, aterrissou para o que seria uma homenagem especial. Mas roubaram seu computer e seu sampler do lado do palco. Confusão total. Entra a artista negra mais popular do planeta depois do mutante Wacko Jacko, **Whitney**: pout-pourri de greatest hits e uma arremetida gospel com a mamãe Cissy. Na seção rap, **Salt'n Pepa** atacaram "Pushin", o *bad boy* britânico **Derek B** hip hoppou por Mandela e o fecho de ouro só poderia ficar com os **Fat Boys** junto com **Chubby Checker** em um pout-pourri tolice-das-esferas contorcendo o planeta via satélite com "Wipe Out" e "The Twist". Entra **Stevie Wonder** sozinho, sem teclado, para um "Happy Birthday" e "I Just Called to Say I Love You", visivelmente emocionado e animado (tiveram que carregá-lo, ele não queria sair do palco). Foi o último grande momento. Depois, uma hora de **Dire Straits**, com **Eric Clapton** na guitarra rítmica, som de CD, e o *highlight* com "Money for Nothing". Final com a soprano americana **Jessy Norman** e uma versão de "Amazing Grace". A graça dos céus fechou o dia de Wembley, a indústria pop redimiu-se de algo de sua idiotia profunda, e um ponto ficou marcado: nem sempre o horror tem a última palavra. Free Nelson Mandela.

A SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

OCUPAR TODOS OS ESPAÇOS

Depois de sair de cena para uma auto-avaliação, Leo Jaime volta com tudo. Regravou "Gatinha Manhosa" da dupla Roberto/Erasmo Carlos (sucesso nas FMs do Brasil), invadiu as telas da Globo no personagem de um "malandro sofisticado" e tomou conta das páginas do jornal da mesma organização como cronista. Como é que ele consegue se virar?

A nova descoberta global inspecionou Isabela Garcia nesse e noutros papéis

Fotos Ricardo Nogueira/Abril

"Matando um leão por dia!" Era exatamente assim que Leo Jaime se sentia no ano passado por ter alcançado o posto de astro da música pop, coisa que ele acha um saco. Agenda lotada, expectativas em torno do ídolo, depressões a cada viagem desencadeavam um processo de desinteresse em série. Mas, com a exigência própria dos taurinos, ele percebeu em tempo que aquele artista não estava evidenciando todas as suas qualidades. "Havia muito pouco de mim, da minha música, minha literatura, minha concepção artística em geral e, principalmente do meu jogo cênico. Estava fazendo só o esqueleto."

Resoluto, Leo mandou às favas o fácil sucesso e parou com os shows. Por coincidência, começaram a surgir várias oportunidades para outros trabalhos. Além de músico, Leo Jaime acumula, agora, a persona de ator global e "jornalista".

Primeiro veio a novela. O papel, definido por ele como um "Woody Allen na Febem", era inicialmente de Fábio Júnior e depois de Evandro Mesquita — por acaso também atores-cantores. Acabaram chamando Leo Jaime a menos de doze horas das primeiras gravações. Havia uma certa resistência em relação a seu nome por parte de alguns diretores, mas ele os surpreendeu, conquistou a equipe, o público e ainda aumentou a participação de seu personagem, antes limitada aos primeiros capítulos. Na pele de um malandro sofisticado, Leo se sente muito à vontade: "Como ator, sou um iniciante. Não tenho aqueles vícios nem pretensões. Vou mesmo pela diversão". Talvez venha daí o resultado tão espontâneo na interpretação. Mas esta não é a primeira vez que Leo Jaime atua. No cinema, seus maiores destaques foram nos filmes *Rock Estrela*, de Lael Rodrigues, e *As Sete Vampiras*, de Ivan Cardoso, ambos no papel de... ele mesmo.

Com a mesma naturalidade, aceitou o convite para colaborar no jornal *O Globo*. "Sempre escrevi contos, *sketches* para teatro e, pelo tipo de letra que eu faço, dá para perceber que gosto de flagrantes, de comentar o que está acontecendo. Eu seria até um bom contador de casos. Mas sempre achei que meu texto se prestava mais para o jornal que para um livro." Na redação de *O Globo*, onde fez até um curso de computação, Leo é um dos poucos — senão o único — com liberdade para escrever sobre o que quiser e com linguajar próprio. Geralmente o assunto é TV, mas já chegou até a cobrir o Festival de Cinema de Gramado e sugerir pautas, como, por exemplo, uma matéria sobre o tri-leão e os músicos. Leo: "Acho que o *filet mignon* do jornalismo é a crônica e é isso que eu faço. Essa liberdade talvez me seja permitida porque é, também, o que me caracteriza. Não escrevo como um jornalista. Pode ser até primário, mas é original. Tem uma frase que encontrei... 'Mais vale uma originalidade medíocre que um *clone* sofisticado' ". Com uma ponta de orgulho, ele cita outro exemplo: "O Police é o fantasma do Paraíamas, o Who do Ira!, os Rolling Stones do Barão Vermelho. Eu sempre tive pelo menos quinhentos fantasmas. A pluralidade sempre esteve presente no meu trabalho". E os convites não param: um musical para teatro, um filme como ator e diretor musical e até um texto para H.Q. No momento ele prepara dois shows distintos: um em estilo *big concert*, com todos os seus sucessos e que poderá ir para o vinil, e outro com repertório de vários artistas e muito blues.

Os convites não param: um musical, um filme e até quadrinhos. E ele não se preocupa com a superexposição

Leo Jaime não acredita que possa ser prejudicado com esse excesso de exposição. Ao contrário: "A diferença é que hoje quem faz sucesso é o Leo Jaime, não o disco nem a novela. Na verdade estou muito presente, mas de uma maneira discreta". Pelo menos ele admite que seu fã-clube aumentou. "Depois de anos, me dei conta de que já era sucesso e não precisava mais correr atrás dele. Toda aquela ansiedade era um '*self*-boicote'. Hoje existe maior intimidade entre o meu trabalho e o que eu sou."

Um dos fatos que levou Leo Jaime a esta conclusão foram as entrevistas na TV, segundo ele "angariadoras de simpatia. As pessoas vinham me dizer 'Puxa, você não é uma besta quadrada, você pensa e tal...' Já na imprensa escrita, vinham com uma idéia pronta — se iam falar bem ou mal —, e sempre numa postura preconceituosa". Aliás, a bronca dele com a crítica estava mesmo engasgada. E ele quer destravar. "Desde que a imprensa especializada em rock surgiu, só prestou um grande desserviço. Falam mal de quem faz sucesso. A posição de astro do rock é muito incômoda porque a força para cair é mais forte do que para subir. Essa imprensa só existe porque o rock começou a fazer sucesso — leia-se Blitz, Kid Abelha, Paralamas, Leo Jaime. Se hoje Paula Toller, eu, Lulu... ganhamos matéria na BIZZ, é porque não devem estar vendendo nada. Não adianta falar bem só do DeFalla e do Fellini. A história do rock sempre foi feita de astros pops com letras idiotas e uma porção de gente cobrando uma elitização. O Keith Richards disse certa vez: 'O que aconteceria se Little Richard aparecesse em 88 cantando "Tutti Frutti"?' Nada. A crítica ia dizer que não era música... Fazer rock é fazer música simples e aí está a dificuldade da coisa. Parece loucura mas fazer uma música com poucos acordes é complicado. Para o jornalista que quer ficar famoso é mais fácil pegar uma unanimidade e esculhambar com ela. O mais desagradável é que essas redações mudam de acordo com a moda. Se é gótico, aparecem três caras que vieram de Londres e começam a escrever. Tem um tipo de profissão no Brasil que é: 'Veio de Londres'."

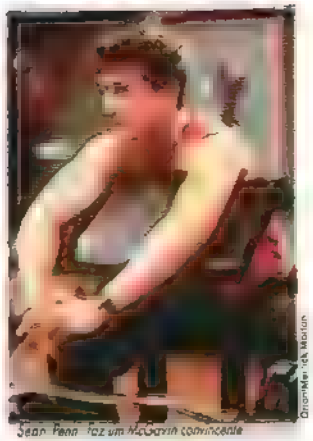
Leo não poupa nem as gravadoras. "Elas preferem que a carreira do artista dure dois ou três anos para não ter de renovar o contrato, porque aí o artista já não faz concessões e passa a ser um problema." Mesmo discordando do *establishment*, Leo Jaime tenciona trabalhar com novos parceiros, como Chico Buarque, Djavan, Dusek e Nelson Motta. Continua com as aulas de canto, já que nasceu com uma péssima voz e uma enorme vontade de ser cantor. "Tenho tranqüilidade para ver meus defeitos sem me sentir ameaçado."

Lorena Calábria

A VIOLÊNCIA EM CORES

O velho easy rider ainda o gesto das que são realmente os mesmos boys — muitos dos figurantes eram membros das gangues

Dennis Hopper e Sean Penn, os bad boys de Hollywood, preparam uma bomba de efeito imediato: provocou protestos dos exibidores, recriminações da polícia e quebra-pau nas platéias. O que é verdade e o que é ficção nesta radiografia das guerras de gangues?



Sean Penn faz um McGavin convincente

Os latinos também estão no submundo do tráfico de crack e na guerra das gangues

A cor dos Crips é azul. A dos Bloods é vermelho. E um código simples: quem é dos Crips se veste de azul. Quem é dos Bloods usa vermelho. São inimigos ferozes. Crips e Bloods — disputam um mercado de *crack* que rende no mínimo mil dólares semanais a cada integrante. São gangues bem organizadas que defendem seus pontos-de-venda com submetralhadoras Uzi (de fabricação israelense) e rifles AK-47 (soviéticos). O relacionamento entre essas duas gangues inimigas é bem simples: quem usa vermelho mata quem está de azul. Quem está vestido de azul mata quem estiver de vermelho. E ponto final.

O território dessas duas gangues é a baixada empobrecida de South Central Los Angeles, separada do distrito financeiro em Downtown L.A. e dos suburbios abastados de Hancock Park e Beverly Hills, apenas pelas doze pistas de asfalto da Santa Monica Freeway. O "movimento", lá, é ininterrupto. Ao contrário de outros centros urbanos onde o tráfico (e os crimes relativos à atividade) é um fenômeno sazonal (com neve aos borbotões, traficantes e usuários ficam mesmo é debaixo do cobertor), em Los Angeles a compra e venda de drogas ocorre o ano inteiro, abençoada por um clima seco em que frio é figura de linguagem e chuva é praticamente ficção científica.

A taxa de crimes relativos ao tráfico feito pelas gangues é alta e está em ascensão. De 1986 para cá subiu em quase 90% o número de confrontos violentos entre as gangues. Só no ano passado foram mais de cinco mil os crimes atribuídos, em Los Angeles, às gangues. Destes, 387 eram homicídios. Não morrem apenas integrantes de gangues, nesses embates. Em janeiro, por exemplo, uma mulher de Long Beach foi morta nas movimentadíssimas ruas de Westwood — bairro universitário cuja vida gira em torno da UCLA —, atingida por uma bala perdida no fogo aberto por um garoto de gangue sobre a polícia que o perseguia. Praticamente toda semana, pelo menos uma pessoa morre em L.A. por causa das gangues: por estar passando na rua na hora errada, por estar usando a cor errada em território demarcado, por estar conversando com policiais em áreas quentes.

Como a polícia de Los Angeles está reagindo? Instituindo duas forças especiais: a CRASH (Community Resources Against Street Hoodlums) e a OSS (Operation Safe Streets). São, ao todo, 250 policiais combatendo gangues. Em contrapartida, na Grande Los Angeles existem cerca de 600 gangues diferentes (além das maiores e mais poderosas Crips e Bloods). Somadas, elas têm mais de 70 mil integrantes. Estes são os fatos. Agora vamos à ficção.

Quando Sean Penn foi convidado pelo produtor Barbet Schroeder para fazer o papel principal de *Barfly*, sugeriu, de estalo, um diretor de sua predileção: Dennis Hopper. O produtor concordou mas logo voltou atrás. Sean caiu fora e Mickey Rourke foi substituí-lo. O próprio produtor acabou dirigindo o filme. Penn só pôde oferecer ao amigo Hopper uma espécie de prêmio de consolação: o script que havia acabado de chegar-lhes às mãos, escrito por Richard Dilello. O roteiro contava sobre gangues rivais que brigavam pelo controle do tráfico de "xaropes" em Chicago.

Hopper pegou o roteiro e o levou à Orion Pictures. Num discurso inflamado, ele fez ver aos executivos da companhia que, descontadas as distorções, ali estava um grande filme pedindo para ser feito. As gangues existiam, sim, mas não traficavam xarope. Tampouco estavam em Chicago, e, sim, a 10 quilômetros de Century City (onde fica o escritório da Orion). E traficavam *crack*. E estavam se matando. E a grande imprensa norte-americana ainda não se havia dado conta das reais dimensões e implicações do problema. E o povo americano ainda não sabia que esta verdadeira guerra estava batendo na porta. Hopper saiu da reunião com o apoio da Orion para fazer o filme que planejara: *Colors — As Cores da Violência*.

Em *Colors*, dois policiais combatem as gangues de modo diferente. Danny McGavin (Sean Penn) é o novato arrogante, turrão, que acredita na porrada como melhor instrumento de persuasão. Bob Hodges (Robert Duvall) é o veterano que já passou cinco anos na CRASH e aguardava tranquilamente a aposentadoria trabalhando num gabinete da divisão juvenil da Polícia quando é chamado mais uma vez para a força especial, de volta às ruas. Hodges é respeitado pelos criminosos por ser justo: ele não aporrinha a arraia-miúda com "botes" por pouca porcaria. Consegue, assim, construir uma rede de contatos para combater os bandidos mais poderosos. Ao contrário de McGavin, Hodges não tem esperança de acabar com o crime, de dar fim à guerra das gangues. Sabe que, por enquanto, o máximo a que pode almejar é manter vigilância sobre a situação. E tentar aprender alguma coisa daquilo. McGavin e Hodges tornam-se uma parceria relutante na patrulha das ruas de South Central L.A.: um querendo descer o cacete no quengo da rapaziada "da política". O outro tentando mostrar ao colega que a realidade não é bem assim, que existem outros, melhores, métodos de trabalho".

Colors é menos a história de uma parceria bissexta do que um documentário romantizado a respeito de

Duvall é Hodges, o policial com uma humanista. Aqui, numa cena em que está desbaratando uma quadrilha

Os Crips e os Bloods visitavam as filmagens para lembrar a Hopper quem eram os verdadeiros donos do território

tos que frequentam o noticiário com freqüência alarmante. *Colors* passa ao largo dos clássicos *gang films* do passado, porque não estiliza a realidade (ao estilo, digamos, de um *West Side Story*) e, sim, espelha friamente um estado de coisas tão vigente. Muitos dos extras do filme, são, eles próprios, membros de gangues. A maioria das cenas foi rodada em legítimos "campos de batalha", em South Central. Policiais da CRASH funcionaram como consultores de Dennis Hopper. E, vez por outra, entre um take e outro, caminhões apinhadas de Crips ou Bloods visitavam" as filmagens, rifles dependurados nas janelas, para lembrar ao cineasta quem era dono daquele território.

Esta característica de polaróide urbana dá a *Colors* uma urgência inédita dentro deste gênero cinematográfico a que pertence. E é provavelmente esta qualidade que transformou o filme num objeto de intensa polêmica nos Estados Unidos. Aparentemente o público médio norte-americano é tão desligado da realidade, é tão envolvido apenas e tão-somente com questões que caibam dentro do curto alcance dos olhos, que se espanta quando confrontado com situações que só faltam dar-lhe um soco no meio das ventas para ganhar atenção. Sempre houve o problema das gangues, e qualquer cidadão medianamente informado tem subsídios para avaliar o crescimento do problema. Mas, quando isso vira longa de Hollywood, todo mundo se espanta. "Oh, mas isso acontece de verdade? Agora? E o que a polícia está fazendo?" Como se fosse preciso, necessariamente, que a realidade tomasse ares de ficção para ficar mais palpável.

Quando foi lançado nos Estados Unidos, *Colors* caiu no colo do público como uma bomba: foi vítima de protestos de grupos que achavam que o filme glorificasse a bandidagem. Foi motivo de preocupação dos donos de cinema (e da polícia), que temiam que as gangues se confrontassem dentro das salas de exibição. Quem desejasse ver o filme, no começo, era submetido a rigorosa revista nas portas dos cinemas. Era extremamente proibido ir ver o filme de roupa vermelha ou azul.

Para o brasileiro — acostumado a faroestes caboclos como o recente Vietnam criado na Rocinha — *Colors* é até leve, água-com-açúcar. Mas, para o americano, tem o efeito das unhas de Freddy Krueger acariciando uma ferida supurada, cuja existência todos se recusavam a admitir.

Por *José Emilio Rondeau*,
de Los Angeles

VOCÊ CONHECE A MELHOR REVISTA DE SURF DO BRASIL?

FLUIR

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

A FAMÍLIA

O gato sai, os ratos dançam. Ardant é o amor impossível de Gassman (aqui, a esposa está viajando...)

A prova de que um cineasta desenvolve um discurso (ou pensamento) através de suas obras, aperfeiçoando-o ao longo dos anos, pode ser sentida em toda a sua grandeza em *A Família (La Famiglia)*, de Ettore Scola. O filme discute temas que são caros ao diretor, que vão das posições políticas do indivíduo à sua condição como ser social, em particular no seio familiar, que constitui a semente da sociedade italiana.

A Família é a maior saga dos últimos tempos e mostra oitenta anos da história de uma pacata família italiana, dividida em oito quadros-capítulos (um para cada dez anos), de 1906 à 1986.

A volta ao passado é realizada através de Carlo (interpretado por Andrea Occhipinti dos 20 aos 40 anos e por Vittorio Gassman dos 40 aos 80), que conta a sua história salpicada de momentos poéticos e de realizações frustrantes como seu amor pela bela Adriana (Fanny Ardant dos 40 aos 80 anos), irmã de sua esposa, Beatrice (Stefania Sandrelli, dos 50 aos 78 anos).

O filme acompanha o crescimento de Carlo até o seu engajamento político como intelectual de centro-esquerda. Mas, se o lado amoroso e político tropeçam em desafios internos e externos, a família (como núcleo) resiste à tudo, imperturbável e soberana. É justamente essa perenidade que intrigou o diretor e cuja continuidade só é possível com o recurso e a cumplicidade do tempo. Este é apresentado através de uma longa marcha pelo corredor da casa. Cada vez que a câmera retorna de seu passeio improvisado, novas gerações se apresentam para o espectador.

A sensibilidade do diretor para captar o imponderável, o belo e o triste, somado ao trabalho de Vittorio Gassman, faz esquecer o ritmo lento da fita.

Eliana Thome de Souza

ABAIXO DE ZERO

Blair (Gertz), Julian (Downey Jr.) e Cully (McCarthy), o trio desesperança em seu esporte predileto: gastar gasolina pelas freeways

Pobres crianças ricas e mimadas de Los Angeles! Moram em mansões com piscina com todos os aparatos eletrônicos ultramodernos, têm carros conversíveis carríssimos, muitos dólares para gastar e... nada para fazer. Bret Easton Ellis aos vinte anos de idade, transformou essa matéria-prima num romance (editado no Brasil pela Editora Rocco). Abaixo de Zero foi devidamente aplaudido pela crítica americana e até comparado ao clássico *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J. D. Salinger. Exagero. Nem Easton Ellis tem as qualidades literárias de Salinger nem o tédio de Clay se assemelha às perambulações perplexas e dolorosas de Holden Caufield.

Mas o diretor Mark Kanievska e o roteirista Harley Peyton cuidaram para que as qualidades do romance — a amoralidade indiferente, a narrativa fragmentada, o impiedoso registro da inexistência de emoções — fossem extirpadas do roteiro. Transformaram o vagar sem destino de Clay pelos nightclubs, bares e mansões das colinas (onde a gente rica mora em L. A.), embalados por cocaína e rock, na tentativa desesperada de um jovem yuppie e a sua namoradinha em salvar o melhor amigo do vício. Tocante.

A trinca de bons atores jovens — Andrew McCarthy (*A Garota de Rosa Chocking*) é Clay, o bom moço; Jami Gertz (*Os Garotos Perdidos*) é Blair, sua namorada; Robert Downey Jr (*Mulher Nota Mil*) e Julian, o junkie — mais a trilha sonora com canções de Public Enemy, LL Cool J, Mano Dibando, Linton Kwesi Jr., Red Hot Chili Peppers e muito mais, salvam o filme de ser classificado como um dramalhão banal. Esquecendo a abordagem simplista da questão de drogas — se tivesse uma moral, a exemplo das fábulas, seria algo do tipo "a cocaína não compensa" —, é quase se divertido assistir a juventude dourada se destruindo.

Bia Abramo

BOM DIA VIETNAM

Adrian (Williams) escandalizando os inimigos quando toca "I've Got You (I Feel Good)", de James Brown

Em uma certa altura de *Bom Dia Vietnam*, o, na época, ex-Presidente Nixon, numa coletiva à imprensa em 1965 transmitida pela Rádio Saigon, dizia que "esta guerra logo estará ganha". Ledo engano. O conflito no Sudoeste Asiático ainda duraria quase dez anos. Justamente neste ano, o contingente americano aumentaria de 50 mil para 105 mil homens. O terrorismo recrudesce em Saigon. O "pequeno povo amarelo" resiste na selva quente e úmida. A guerra começa a entrar em seu período mais sanguinário.

Mas, por alguns meses — segundo *Bom Dia Vietnam*, cinco para ser exato —, os rapazes que iam morrer na lama tiveram alguns momentos de humor, irreverência e bom rock'n'roll. No ar, estava Adrian Cronauer (que existiu de fato), um DJ decididamente *funny*, irônico, que faz comentários descontraídos da versão oficial dos fatos, o suficiente para ser considerado um perigoso subversivo pelo Sargento-Major Dickerson (J. T. Walsh).

Robin Williams, que estreou no cinema em *Popeye* (1980), faz um Adrian hilariante, bastante verossímil. Williams ao lado de Forest Whitakers que interpreta Garlick (Garlick, em inglês) o amigo de Adrian, são os destaques do filme. Adrian é um sujeito que dá aulas de inglês para os vietnamitas porque a moça que paquera tenta aprender inglês. Um americano bem-intencionado e até corajoso que, no entanto, acredita que os Estados Unidos estão no Vietnam para "ajudar o país", como tenta explicar para seu amigo Tuan. (Tung Thanh Tran). Um soldado ingênuo a ponto de acreditar que sua atitude desafiadora e indisciplinada ficaria impune. Um mero DJ que vira uma espécie de herói para os rapazes.

Bom Dia Vietnam pertence temporalmente à onda de filmes do Vietnam do ano passado, mas não é o que se pode chamar de um filme de guerra. É uma comédia agridoce, com uma trilha sonora sensacional — com James Brown, Martha and the Vandellas, Bob Dylan, Wilson Pickett, — "música selvagem", como classificam os militares, banda da programação da rádio, antes de Adrian chegar. É a história de uma pessoa sensível que vai se dando conta aos poucos em que buraco ele e milhares de jovens estão se metendo, e reage com ousadia — por exemplo, quando "edita" a entrevista de Nixon, fazendo o "ex-vice-presidente" responder algumas perguntinhas capciosas — e bom humor. Altamente recomendado.

Bia Abramo

Serviço ao Assinante

BIZZ

Você tem alguma dúvida sobre sua assinatura?

Utilize estes telefones:

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (011) 823-9222
RIO DE JANEIRO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (021) 295-5544
RECIFE
Das 8:30 às 12:30 e das 14:00 às 18:00
Fone: (081) 224-0655
SALVADOR
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (071) 247-0222
BELO HORIZONTE
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone: (031) 275-2155
PORTO ALEGRE
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (051) 233-9034
BELÉM
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (091) 263-3013
BRASÍLIA
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone: (061) 226-6963
FLORIANÓPOLIS
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (0482) 44-7980
GOIÂNIA
Das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 17:00
Fone: (062) 261-1133

...endereço?
Envie este cupom, comunicando seu novo domicílio, para:
EDITORA ABRIL ASSINATURAS
Caixa Postal 11.830, CEP 0.139, São Paulo, SP

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

BIZZ 37

Não preencha este espaço | Entrega | Roteiro

Novo endereço

Bairro

Cidade

CEP

Estado

LETRAS

SINÉAD O'CONNOR

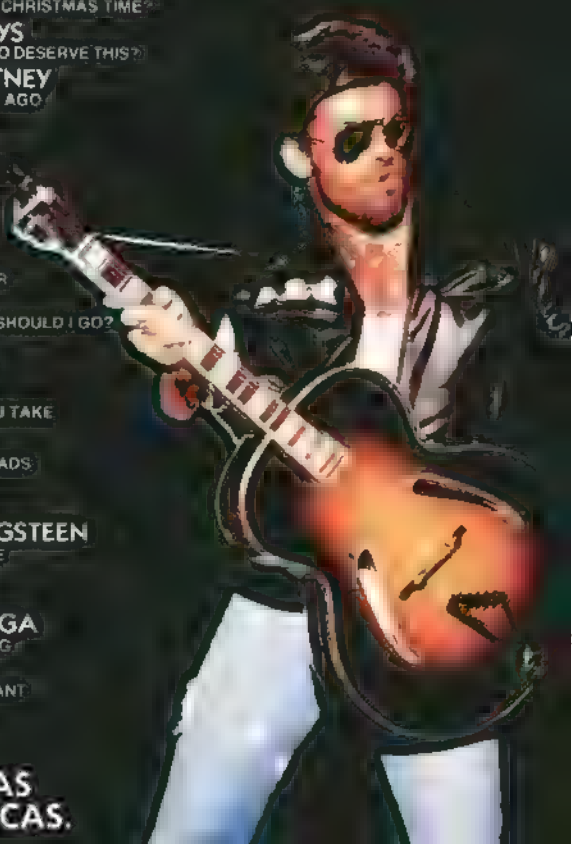
MANDINKA

The hit parade lyrics that you enjoy are here. Translated.*

* As letras dos sucessos que você gosta estão aqui. Traduzidas.

GEORGE MICHAEL
FATHER FIGURE
DURAN DURAN
MEET EL PRESIDENTE
CUTTING CREW
I'VE BEEN IN LOVE BEFORE
GEORGE HARRISON
GOT MY MIND SET ON YOU
LL COOL J
I NEED LOVE
MICHAEL JACKSON
MAN IN THE MIRROR
MORRISEY
SUEDEHEAD
BAND AID
DO THEY KNOW IT'S CHRISTMAS TIME?
PET SHOP BOYS
WHAT HAVE I DONE TO DESERVE THIS?
PAUL McCARTNEY
ONCE UPON A LONG AGO
NEW ORDER
BLUE MONDAY
BOY GEORGE
SOLD
AL STEWART
YEAR OF THE CAT
BON JOVI
LIVING ON A PRAYER
CLASH
SHOULD I STAY OR SHOULD I GO?
CURE
SHAKE DOG SHAKE
POLICE
EVERY BREATH YOU TAKE
A-HÁ
STAY ON THESE ROADS
REM
THE ONE I LOVE
BRUCE SPRINGSTEEN
BRILLIANT DISGUISE
SIMPLY RED
THE RIGHT THING
SUZANNE VEGA
SOLITUDE STANDING
TOY DOLLS
NELLIE THE ELEPHANT
INXS
NEW SENSATION

BIZZ ESPECIAL
LETRAS TRADUZIDAS



NAS BANCAS.

OS QUADRINHOS CAEM NA REAL...

O pop já papou o Batman bonzinho da TV. O tempo passa. Há uma nova geração de artistas jogando ácido nas páginas quadradinhas e espelhando as deformidades do cotidiano em carregados tons sombrios. Uma ninja assassina e um psicopata foragido do hospício chegam às bancas, dispostos a se tornar a nova sensação dos kids com fixação no Massacre da Serra Elétrica.

Uma adaga prateada brilha no ar. O alvo é seu coração. Mas você vira a página e continua respirando. A tensão, entretanto, permanece. Afinal, você tem nas mãos o primeiro exemplar da *Mini-Série de Luxo de Elektra*, a ninja assassina que ao se decidir pela felicidade encontrou a morte. Toda sua tragédia foi acompanhada pelos leitores da revista *Superaventuras Marvel*. Se você não leu, porém, não precisa chorar, gritar ou mencionar suicídio, porque a editora Abril pretende relançar a *Saga de Elektra* através de uma minissérie, da mesma forma que o sucesso da personagem fez acontecer nos EUA.

Elektra foi a primeira personagem criada por Frank Miller. Depois dela vieram *Ronin* e *O Cavaleiro das Trevas (The Dark Knight)*, marcos definitivos na história dos quadrinhos. Seu estilo pesado e violento também foi responsável pela maior desgraça já vivida por um super-herói, a queda do Demolidor. A revista estava prestes a ser cancelada quando Miller começou a desenhá-la. Logo, ele também estava assinando os argumentos e a revista se tornava uma das mais vendidas da Marvel (estes primórdios vão ser republicados num especial que chegará às bancas em outubro). E também uma das mais polêmicas, em sua segunda fase como roteirista, Miller reintroduziria a primeira namorada do herói como uma prostituta viciada em heroína!... Foi também nas páginas de *O Demolidor (Daredevil)* que Elektra nasceu... e morreu.

A atual série, *Elektra, Assassin* publicada originalmente em 1986 passa-se antes dos eventos conhecidos pelos fãs do Demolidor. Nesta aventura póstuma, há um demônio — na tradição do Agat, de *Ronin* que deseja se tornar a Besta do Apocalipse. Sua principal arma é um jovem e simpático candidato à presidência dos EUA. E nossa ninja favorita é a única que pode impedir o desastre iminente. Para isso, contudo, é que se livrar de vários agentes do Shield — a CIA dos quadrinhos — que estão a sua caça.

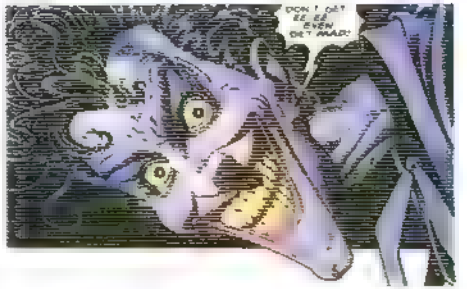
O primeiro número desta *Mini-Série* de quatro capítulos duplos e também a publicação mais alucinógena de todos os tempos. O mérito é do desenhista Bill Sienkiewicz, que para descrever a ação de drogas no corpo de Elektra, embarcou na sua viagem, alterando o estilo de cada estágio da dopagem. O resultado é um pesadelo tão opressivo quanto uma tela de Pollock. Os que ainda estão catatônicos com o desalho da dupla Miller/Sienkiewicz na Graphic Novel do Demolidor vão entrar em coma.

E por falar em estado de choque... Agosto é o mês de *Batman — A Piada Mortal (The Killing Joke)*, a quarta e melhor *Graphic Novel* lançada no Brasil. *The Killing Joke* (de 1988) tem tudo para disputar com *The Dark Knight* (de 1986) a preferência dos mais insanos batmaníacos. Trata-se do confronto definitivo entre Batman e Coringa, que, no mínimo, acaba com a graça de todos os demais. Loucura total!

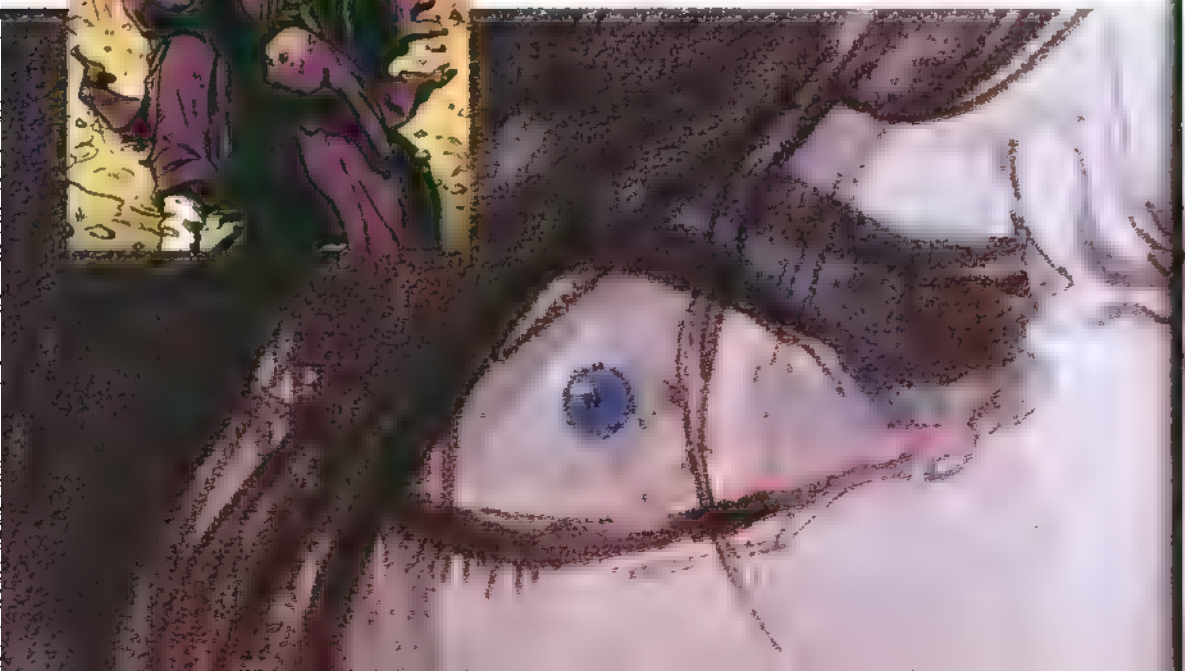
Considerando-se o calibre de seus autores, isto não é surpresa. Alan Moore e Brian Bolland são os mais conceituados artistas britânicos do momento. Moore conquistou sua reputação alimentando um bizarro e repulsivo Monstro do Pântano e escrevendo a mais realista e bem-sucedida supersaga, a *Mini-Série The Watchmen* (que chega em novembro no Brasil). Bolland desenhou as brumas futuristas da cult série *Camelot 3000*, que no Brasil teve sete páginas suprimidas devido à temática cavernosa, que incluía situações de lesbianismo (entretanto, a partir de setembro, os leitores poderão conhecer a versão integral, através da reedição de *Camelot 3000* em quatro números especiais *Ooooba*).

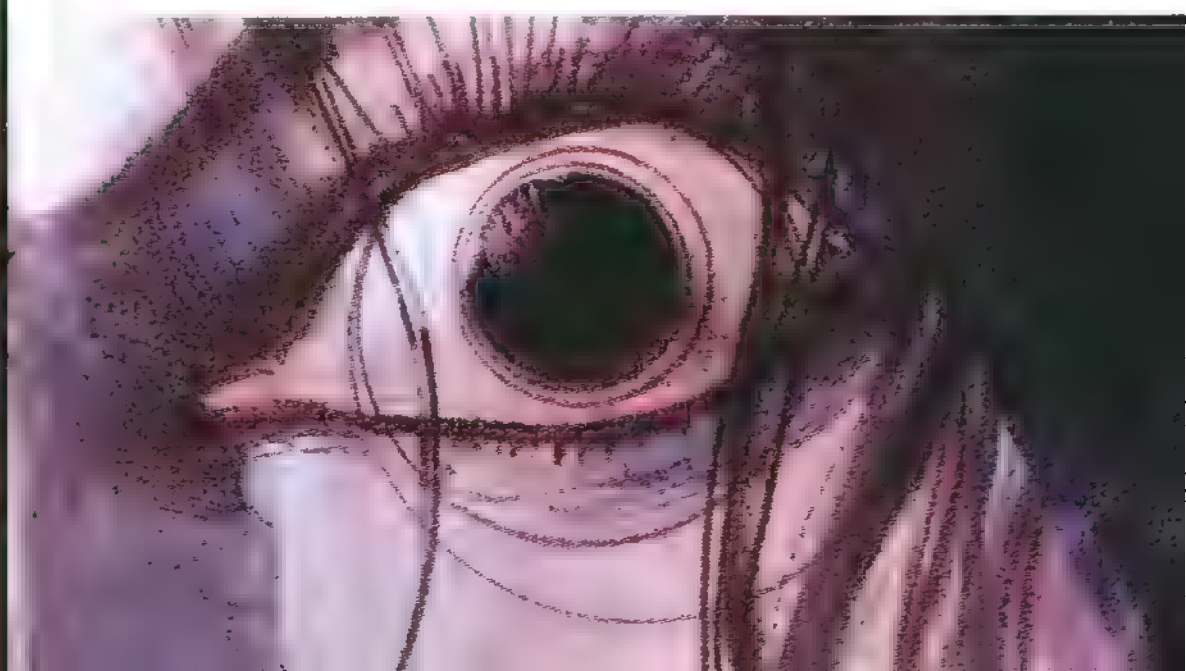
Moore e Bolland trabalharam durante três anos neste projeto, também conhecido como a Graphic Novel do Coringa e que nos podemos simplesmente chamar de *obra prima*. Nele, a insanidade do vilão não conhece limites. Até Bárbara Gordon, a sobrinha que todos pensam que é filha do comissário Gordon, dança... estuprada!!! Não se trata mesmo de leitura para *kids* levados.

O roteiro e as imagens são cinematográficas. A aparência sugere um *film noir* editado na moviola delirante de Ken Russell. Os autores citam Bob Kane, o criador de Batman, em *takes* nostálgicos e *flash-backs* climáticos, resgatando a história de 1950, que apresentou pela primeira vez a origem do Coringa. Há excesso de chuva, sangue e escuridão. Há tudo que uma boa novela negra possa desejar e ainda a obsessão psicopata de um personagem que quer, a qualquer custo, provar que verdadeiramente pirada é a sociedade que transforma a paranoia da Terceira Guerra em entretenimento das reuniões de cúpula noticiadas em horário nobre. Irá nosso herói perder a cabeça quando o Coringa der a última risada? Tremam de nervosismo, anjinhos, porque de fantasiado e louco cada um tem um pouco. *Ha! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha!* — *Marcel Plasse*



O confronto definitivo entre Batman e Coringa: uma piada mortal?

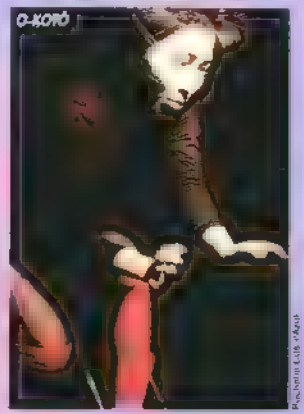




Por Sônia Maia — Lorena Calabria (RJ), Jimi Joe (Porto Alegre), Luiz C. Oliveira e Vicente Meneghetti Jr. (Curitiba)

Nas novas ondas do Rio, destaque para a banda Favoritas da Marinha. O grupo ainda nem estreou no cenário carioca mas já possui uma multidão de fãs. Criação de Aivim L., também responsável pela maioria das composições, as Favoritas são Guta Guir, Chrissie Braun e Beth Zaix nos vocais. O resto fica por conta da eletrônica e alguns convidados muito especiais. Música dançante, já excitando o paladar de uma gravadora multi. E quem está transformando as noites do Café Teatro Mágico num baile-show é o grupo Africa O'Bota. Trata-se de um afro-caribe, em português ou dialetos, de sacudir pés e quadris. Falando em novos espaços, o Jardins da Babilônia (ex-Mamão com Açúcar, ex-Roxy Rower) abre seu palco para shows ao vivo. E o programa *Grito dos Independentes*, da TV Rio, está aceitando fitas dos *videomakers* de todo o Brasil. O fone para contato é: (021) 293-0012. Nos próximos números, aguardem notícias da novíssima Régua e Brasil Palace. É o Rio de boca aberta.

O que fazer no Sul durante o inverno, além de hibernar? Porto Alegre, por sua geografia e clima, até chega a lembrar alguma cidade européia, mas há aquele sujeito de poncho e bombacha parado na esquina, atropelando a fantasia. Há quem prefira abandonar a fineza do clima. E do pubaco. É o caso de Annie Perec (born Anelise Perez). Musa dark-antropotágica, figura exótica de uma suposta vanguarda paulista, Annie e suas performances foram à Paulicéia dos Andrade buscar *fame, fortune and glory* no escalavrado rock/pop taquaruçu brasileiro. Annie, que começou sua carreira no crepúsculo dos hippies, nos anos 70 gaúchos, no decorrer dos 80 adquiriu personalidade própria. Fugiu às regras de bom comportamento, não quis ser mais uma cantora de milongas em festivais nativistas nem uma voz a mais em algum obscuro bar do Porto, que esconde seu cais por trás de um muro. Annie, aliás, sai providencialmente pela tangente, pois o rock/pop do Sul foi expurgado de um de seus lugares mais tradicionais, o bairro Bom Fim. Valendo-se de um homicídio em um dos muitos bares do bairro, os moradores classe média da região conseguiram, com o devido auxílio da Polícia Civil, Militar e Prefeitura, decretar estado de sítio na região. E agora, com bares fechados à meia-noite, o que há são grupos demolindo carros no meio da madrugada. Para casa, à meia-noite, é que eles não vão.



Aproveitando a comemoração dos 80 anos da imigração japonesa ao Brasil — principalmente em São Paulo —, vamos dar uma dica dos brasileiros que estão mesclando, com classe, Japão/pop/Brasil. Um nome pelo menos já é conhecido dos leitores de BIZZ: Akira S, cada vez mais à frente do projeto Hai-Kai Music, do qual falamos na BIZZ 28. Do outro lado, temos o O-Kotô, liderados por Cherry Taketani e André Fonseca, o alopprado e ex-guitarrista de calibre da Patife Band. Embora as vinhetas que suem nos diários paulistas sugiram que o Hai-Kai e o O-Kotô fazem a mesma coisa, aproveitamos aqui para esclarecer suas marcantes diferenças. O Hai-Kai Music se apropria de ritmos ancestrais do Japão e lhes dá uma roupagem pop, através da parafernalha eletrônica comandada por Akira, um dos poucos, aqui no Brasil, com talento para tanto. Não é à toa que ele é incansavelmente procurado por músicos de bom gosto para programar e escolher timbres em seus sinteuzadores, teclados ou samplers. O O-Kotô utiliza instrumentos de origem japonesa, como Kotô e Shamisen, para criar novos timbres na sua música, marcadamente pop. Novos recursos, nova linguagem, nova cor e novo adorno para a música jovem brasileira. Talento e competência não faltam a esta dupla, que se apresenta, ainda, com Vander Galvez na bateria e Newton Carneiro nos teclados.

Quando surgiu, em 1987, o Beijo AA Força se impôs. Alguns demoradíssimos shows (ao vivo no estúdio) disputados por colecionadores de todo o país, centenas de músicas compostas e dezenas de shows que rompiam a banda conhecida em vários estados. Apesar disso, o Beijo AA Força ainda não tem registro em vinil. Na verdade, é muito difícil produzir discos em Curitiba. Como diz Ferreira, guitarrista e principal compositor da banda, os estúdios daqui cobram mais do que os de São Paulo, e, além disso, os produtores vocais só fazem jingle, um som posteriormente que não serve para nós. Resultado: procura-se um produtor que aposte numa banda de experiência e qualidade. O som é pesado e definido como "música popular que não é pop nem MPB".

Enquanto o mecenas não aparece, o Beijo segue como a banda do Paraná que mais shows faz no sul do país. Os esforçados são: Rodrigo (vocal e guitarra), Ferreira (guitarra), Renato (baixo), Mola (bateria) e Gherra (sax).

E O BOM HUMOR ONDE É QUE FICA?

Todo mês nas bancas.

EDITORA ABRIL

© 1988 Os Trapalhões - Casa 7

GRUPO ama Loja-Escola

Sucesso Musical

INSTRUMENTOS, APARELHAGENS E ACESSÓRIOS MUSICAIS A PREÇOS DE SÃO PAULO.

Pelo Sistema "SHOPOSTAL" você compra sem sair de sua cidade e recebe em sua casa através do correio. Consulte o "SUCESSO MUSICAL" sobre qualquer outro produto que não se encontra nesta relação. Fone: (011) 883-0299.

Entregamos o que você quiser em qualquer parte do Brasil.

15% DE DESCONTO PARA PAGAMENTO NO PEDIDO NOS PRODUTOS DE VENDA PELO CORREIO

PREÇOS VALIDOS ATÉ 30.09.88

Pedidos enviados após esta data serão remetidos contendo novo anúncio. Pedido mínimo Cz$ 1.500,00.

CABOS PARA GUITARRA E BAIXO
M1 1m $ 2.400
M2 4m $ 2.600
M3 - 6m $ 3.250
M4 - 8m $ 3.960
M5 10m $ 4.740

CAPTADORES
M6 P/Violão Nylon $ 2.760
M7 P/Violão + Cavaq. Acs. $ 2.520

CAPAS
M8 P/Cavaquinho $ 2.160
M9 P/Violão $ 2.900

PEDAIS DE EFEITO "VETRON"
M10 Distortion $ 10.400
M11 Turbo Over Drive $ 11.950
M12 Compression $ 10.600
M13 Phaser $ 15.900
M14 Fonte 9V p/um pedal $ 3.900
M15 Fonte 9V p/até 4 pedais $ 4.600
M16 Metrônomo Eletrônico $ 13.200
M17 Fonte p/Metrônomo $ 3.250

BATERIA ELETRÔNICA
M18 Sensar Rythm 7 Som perfeito ao toque das portas dos dedos $ 23.900

DIVERSOS
M19 Tamborim (15cm) $ 1.250
M20 Pandeiros (25cm) $ 2.300
M21 Par de Baquetas Ponta de Nylon $ 380
M22 Par de Baquetas Ponta Madeira $ 340
M23 Capas para Pratos $ 1.150
M24 Flauta Doce com Método $ 1.200
M25 Flauta Doce Contralto $ 3.850
M26 - Flauta Doce Prof. com Método, Fita Cassete e Estojo $ 3.500
M27 Estante p/Violão/ Guitarra $ 5.300
M28 Estante p/Partituras $ 4.200
M29 Palhetas Fender cada -F-Fina -M-Media -G-Grossa $ 240
M30 Agudo p/Pé $ 3.150
M31 Correia de Couro p/ Gui./Baixo Larg. 5cm $ 1.700
M32 Correia de Couro p/ Gui./Baixo Larg. 8cm $ 1.980
M33 Correia de Nylon p/Violão Larg. 3,5cm $ 730

ENCORDOAMENTOS GIANNINI E SÃO GONÇALO
Colocar a letra na frente do código para identificar a marca desejada.
G = GIANNINI S = SÃO GONÇALO
M34 - De aço para Violão $ 1.450
M35 De Nylon p/Violão $ 1.650
M36 - Para Guitarra $ 2.600
M37 Para Contra-Baixo $ 10.200

DIVISÃO EDITORIAL
M38 Método de Violão com Fita Cassete $ 1.500
M39 Método de Cavaquinho $ 420
M40 Acordes p/Violão Esquerda Piano/ Órgão $ 270

FITAS DIDÁTICO-MUSICAIS P/VIOLÃO AS FITAS COM ASTERÍSTICO ACOMPANHAM FOLHETO EXPLICATIVO
* M41 Batidas e Dedilhados I Principiantes $ 1.350
- M42 Batidas e Dedilhados II Arranjados $ 1.350
* M43 Introd. Passagens e Desfechos $ 1.350
* M44 Aprenda a Solar $ 1.350
M45 Bateria Cassete I (4 Ritmos) $ 1.580
M46 Bateria Cassete II (4 Ritmos) $ 1.580
* M47 Fita Play Back para estudo de Violão e Guitarra $ 1.580
* M48 Fita Play Back para estudo de Contra-Baixo $ 1.580
* M49 Fita Play Back para estudo de Teclados $ 1.580
* M50 Fita Play Back para estudo de Bateria $ 1.580
* M51 Fita Play Back para Cantar I (Karaokê) com músicas tradicionais $ 1.580
* M52 Fita Play Back para cantar II (Karaokê) com músicas jovem $ 1.580

GRÁTIS
Uma Fita gravada WEA nas compras acima de Cz$ 3.000,00
O pedido deve ser enviado para "Sucesso Musical Ltda."
Av. Rebouças, 2.157 - São Paulo-SP - CEP 05401

Produtos que não podem ser vendidos pelo correio, mas que você pode adquirir pelo "Fonoshopping através do telefone (011)883-0299. Você faz o seu pedido e nós entregamos pelo meio de transporte que você escolher.

PROMOÇÕES DO MÊS
Amplif. Palmer Mod. Combo 30 W RMS com 1 auto falante 12" caixa conjugada $ 43.500
Amplif. Palmer Mod. Combo 45 W RMS com 2 auto falante 12" caixa conjugada para Baixo Elétrico e Teclado $ 53.500
Bateria Pinguim Profissional 7 peças Formeca 1 afinação $ 262.300
Órgão de Gabinete Gambori [illegible] Teclados Ritmo Pedaleira e Barqueta $ 198.000
Guitarra Dolphin Mod. Stratocaster com alavanca Floyd Rose e Micro afinação $ 153.600
[illegible] canais com 2 Submasters e 2 Masters $ 77.500
Câmara de Eco Dytavox Rack $ 77.560

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ 30.09.88

SIM desejo receber o(s) produto(s) abaixo assinalado(s)

CÓDIGO	QUANT	VALOR

FAVOR PREENCHER EM LETRA DE FORMA OU A MÁQUINA

VALOR DO PEDIDO
Menos 15% (desconto especial para pagamento com cheque antecipado)
SUB-TOTAL VALOR MÍNIMO Cz$ 1.500
Mais Desp. Embalagem e Manuseio 300,00
VALOR A PAGAR

FORMA DE PAGAMENTO
Pagamento antecipado com 15% de desconto mesmo nominal ao dia
Banco
Cheque nº
Através do reembolso postal que pagarei assim que receber o aviso do correio ao invés de despesas postais

Nome
Endereço
Bairro CEP
Cidade EST
Telefone AG

Em foto exclusiva da BIZZ: Renato sendo estrangulado e/ou abraçado pelo exaltado fã de Brasília

LEGIÃO URBANA

Coquetel molotov

Ginásio do Ibirapuera (SP)
10 e 11/06/88

Estádio Mané Garrincha (Brasília)
18/06/88

Mineirinho (BH)
25/06/88

São Paulo, sexta-feira, primeira noite. Este foi, provavelmente, o melhor show do Legião desde o começo de sua megaturnê, após o estrondoso sucesso de "Faroeste Caboclo" nas rádios de todo o Brasil. Renato inicia, como em todos os outros shows, com "Que País É Este?", levando logo de cara a platéia ao delírio, num coro que se seguirá durante todas as duas horas de espetáculo. Quase todo o repertório do *Dois*, as pérolas do primeiro LP mais as do terceiro, mesclando *medleys* que vão de Beto Guedes a Sex Pistols, Rolling Stones a Caetano, Titãs a Sisters of Mercy e Led Zeppelin a "Blue Suede Shoes". Até Cazuza. Todos estes covers pontuariam tanto os shows de São Paulo quanto o de Brasília e o de Belo Horizonte.

Para o bis, nesta primeira noite paulista, Renato reservou "Geração Coca-Cola", atiçando a moçada a destruir peças promocionais da Pepsi, acalmando: "Destrua, destrua! É multinacional!" Pop star? (como o chamaram os próprios leitores de BIZZ, vide seção de cartas). Qual tem a coragem de se dirigir tão ferozmente contra seu próprio patrocinador?

Segundo dia, sábado. A má organização da WTR já dava mostras desde o primeiro dia. Quase ninguém conseguia achar seu lugar devido à escuridão que reinava no ginásio, uma exigência da Pepsi para que seus infinitos vídeos e reproduções enormes de latas de refrigerante pudessem ser bem registrados em sua memória. Vem daí, talvez o protesto de Russo. Poucos seguranças na porta. Poucos foram revistados. Resultado: logo após a primeira música, um imbecil de posse de uma garrafa de cerveja atira-a ao palco, passando de raspão pelo baterista Bonfá. Renato pede que acendam as luzes. A produção não acende. Ele pede uma duas, joga seu violão ao chão e exige: "Acendam as luzes do ginásio, porra!!!" Acendem. Renato conta ao público o incidente da garrafa e, com um caco de vidro na mão, diz que todos receberão seus ingressos de volta e se despede: "Boa noite, *São Paulo*!" A galera aguarda vinte minutos. Renato volta, com as luzes acesas — provavelmente uma exigência dele mesmo. Canta uma letra improvisada onde questiona o porquê dos jovens tomarem atitudes assim etc etc. A certa altura, Dado fala com ele e Renato pede: "O Dado quer que apaguem as luzes". E o espetáculo reinicia, de fato, tomando força a cada canção. A galera parece esquecer o ocorrido. O show torna-se perfeito. No bis, mais uma vez "Geração Coca-Cola". Renato deixa o final do refrão para o público. A Pepsi não deve ter acreditado ao ver que patrocinava um evento no qual as vinte mil pessoas presentes gritavam o nome de sua concorrente. E ele se despede, emocionado: "O que aconteceu hoje foi inédito e histórico. Espero que vocês se lembrem disso com carinho. . Que Deus proteja todos vocês!"

Brasília, sábado, único show. Uma hora antes de iniciar o espetáculo, adentro no estádio. A frente do palco, mulheres de pessoas se comprimem em frente a uma estrutura de alumínio — tão resistente que bastaria um sopro para ir ao chão — sustentada por canudos de papelão (!?!?). Há uns cinquenta seguranças civis. Penso: "Não vai durar nem o primeiro acorde. Vão invadir". Nomes aos bois, vamos ao segundo: Agora Eles Produções.

As 23h35 Renato sobe ao pódium, dizendo: "Boa noite, Brasília. Nós vamos nos divertir, não é?" "Que País É Este?" agita a turma do gargarejo e os atendimentos de desmaios continuam. Até "Conexão Amazônica", tudo bem. Renato começa um discurso antidrogas, bem ao seu estilo, contando sobre um pessoal chamado Chi[co] da Criança Junkie que ele co[nhe]ceu em Brasília e que se droga[va] a valer. No saldo, ele relata [dois] sobreviveram, dois se casa[ram], um morreu e outro ficou as[sim] (*estiliza um esquizofrênico*)". [É] neste momento que o tal paranóico (foto), doente mental, fã ou assassino, fura o cerco de seguranças e agarra o pescoço de Renato. [Pa]recendo querer estrangulá-lo. [Re]nato deflagra golpes de microfone para livrar-se dele.

Logo em seguida vem o primeiro objeto atirado ao palco. Renato se mantém calmo e só avisa: se isso se repetir, vai parar o show. O show continua e outro objeto é atirado ao palco, desta vez [pe]gando Dado. Renato alerta mais uma vez. "Isso é coisa de moleque que não consegue arrumar namorada e fica se masturbando no banheiro". O público ri.

Mais adiante, mais um objeto antes do novo petardo. Renato protesta com um segurança que estava dando porrada num fã. "Mão na cara não. Tira o cara na boa, mas mão na cara, não, senhor! Eu desci lá em baixo e lhe dou uma microfonada na cabeça, hem, meu!" Bem mais um objeto é atirado. Renato cobra, então, cumplicidade daqueles que estão lá apenas para divertir: "Você sabe quem atirou. O cara está do teu lado! Dá uma prensa nele, pô!" A cumplicidade não vem, e sim o quarto objeto, desta vez derrubando o violão de Renato da estante. Daí, sim, começam as cobranças de fato. Reclama: "Quando vão atingir a maioridade? Eu me dei bem, estou aqui, consegui chegar onde eu queria. E vocês? ." E completa: "Só por causa disso vamos cortar três músicas". E ataca direto "Faroeste Caboclo". Os objetos continuam. Renato ainda canta "Tempo Perdido" antes daquela que marca a ultrapassagem da meia-noite, ainda tenta uma última palavra quanto ao comportamento do público: "Vamos cantar uma música que é muito importante para nós, e que tem tudo a ver com o momento de agora". Solta [a] cantada em clima estatelado, arrefecido até as frases finais: "Sabe que vamos ter que responder pelos erros a mais eu e você". E [sai] do palco, seguido por seus legionários às 23h40. O pessoal espera pelo bis que não vem. As luzes se acendem às 24 h e aí começa o final da baderna — coisas atiradas ao palco, tentativa de destruição dos aparelhos de som, queima do feltro que cobria o gramado e incentivos do pessoal da arquibancada com "Quebra, quebra!".

Antes do show já havia sido registrada a depredação de vários ônibus oriundos das cidades satélites para o show. Os portões foram literalmente arrebentados uma hora antes do show iniciar. A polícia, a cavalo, invadiu as filas e jogou seus cães contra a multidão, como foi descrito nas várias reportagens e nas próprias cartas dos leitores de BIZZ. Suicidas quebraram braços e pernas ao tentar pular um fosso de mais ou menos seis metros que separava as arquibancadas do gramado. Pelo menos 70% dos 385 ferimentos se deram nesse contexto. O governo do Distrito Federal, que antes do show utilizava os letreiros laterais do palco para fazer sua propaganda particular, saudando o Legião como "O Orgulho de Brasília", responsabilizou Renato Russo pelos incidentes. Mais. Proibiu, via Fundação Cultural, shows de rock em Brasília, como o do Detrito Federal cancelado devido ao tumulto no show do Legião.

Depois, veio o batalhão de notícias. E as expectativas quanto ao show de Belo Horizonte. Lá, uma semana antes, pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular (sic) pregavam em praça pública contra a realização do espetáculo, referindo-se a Renato Russo como "o emissário do Demônio". Nosso colaborador, Arthur G.C. Duarte, também psiquiatra, foi procurado pelos jornais locais para dar sua opinião médica quanto a Renato Russo. Mas as filas não diminuíram para o show — ao contrário. Algo em torno de 25 mil pessoas, com um aparato policial fortíssimo, assistiram ao espetáculo, que rolou na maior tranqüilidade, fora um ou outro desmaio e Renato Russo se despediu pedindo a seus fãs que não desistissem nunca.

Depois do ocorrido em Brasília Renato veio conversar comigo, Tina Xuxa (EMI-Odeon) e Arthur Dapieve, do *JB*. Comentei: "Mas, Renato, deveriam ter armado o palco atrás do fosso..." E ele respondeu: "Mas, Sônia, este é um lance da banda. A gente não quer tocar a quilômetros de distância do público".

E, ele pediu, sim, aqueles que quiseram pertá-lo. Cobrou uma cumplicidade dos fãs que não houve. Se ele tem culpa, é a de ter desejado se relacionar com 40 mil pessoas como se ele fosse uma delas. Um sonho talvez.

O tumultuado show em Brasília

Ele sabe que para o rock'n'roll sobreviver neste país depende, 90%, do público. Sabe que está cheio de neguinho esperando uma oportunidade para dizer: "Olha aí, está vendo? Rock é isso, incita a violência. Faz os jovens ficarem desajustados". O que, enfim, fizeram, dado o teor tendencioso das matérias publicadas.

Ninguém — ou poucos — se propôs, na imprensa escrita e/ou televisiva, a fazer um paralelo com o futebol, por exemplo, cuja violência reina há séculos sem que nenhuma autoridade mova um só dedo, porque, afinal, a Federação é filiada a um órgão do governo. O tumulto, a raiva, a frustração de milhares de crianças e a orelha rasgada de uma mãe no show da Xuxa em 30/06/88 recebeu apenas uma pequena nota no *Caderno 2* (SP) do dia seguinte. Quando algumas pessoas morreram num show dos Menudos, há algum tempo, pouco se noticiou a respeito.

Agora, todos estes são ofensivos ao dia-a-dia de miséria que vive o país. Renato não. Renato e seus legionários dizem, em suas letras, assuntos que o governo e as multinacionais querem distantes da consciência de qualquer um, ainda mais do jovem, força maior deste *imenso* Brasil.

Mas agora é tarde. OK, podem quebrar todos os discos do Legião — como alguns jovens fizeram após o show em Brasília. As canções, porém, jamais sairão de suas [illegible]

Sonia Maia
Colaborou *Arthur G.C. Duarte*

Detonando libido

GEORGE MICHAEL

Earl's Court Arena (Londres)
12/06/88

George: solicitado a conter a libido em sua apresentação no Japão, para não deflagrar uma epidemia de Aids

George Michael tem apenas 24 anos. Em sua encarnação popular anterior, Deus e Wham lhe deram tudo o que um garoto pode querer. Mas nem ele mesmo poderia prever que sua segunda carreira fosse ainda mais *larger than life*. *Faith* já tinha vendido onze milhões de cópias no mundo inteiro até o fechamento desta edição. Só os Beatles e os Beach Boys igualaram seu número consecutivo de Top One na parada americana. Os australianos acreditam que George é o maior artista já produzido pela Inglaterra desde você sabe quem. Os americanos o levam a sério. As japonesas jogavam suas calcinhas no palco às toneladas (isso não se via desde o tempo de Tom Jones). Segundo um tablóide de imprensa marrom inglês, os japs imploraram para George conter sua libido no palco — pois ele poderia corromper a juventude local e detonar uma epidemia de Aids.

O segredo do George Michael "amadurecido" é a barba. Uma designer-barba de primeira — digna daqueles modelitos milaneses de Versace, Romeo Gigli, Hugo Boss etc. Complementos indispensáveis: um par de jeans esgarçado ao limite por hárpias lascivas multiétnicas, um par de *cowboy boots* com bijuteria emitente de odores exóticos e uma jaqueta de couro que anda sozinha. E o look James Dean/BMW privilegiado por nove entre dez aspirantes a detonar epidemia de Aids.

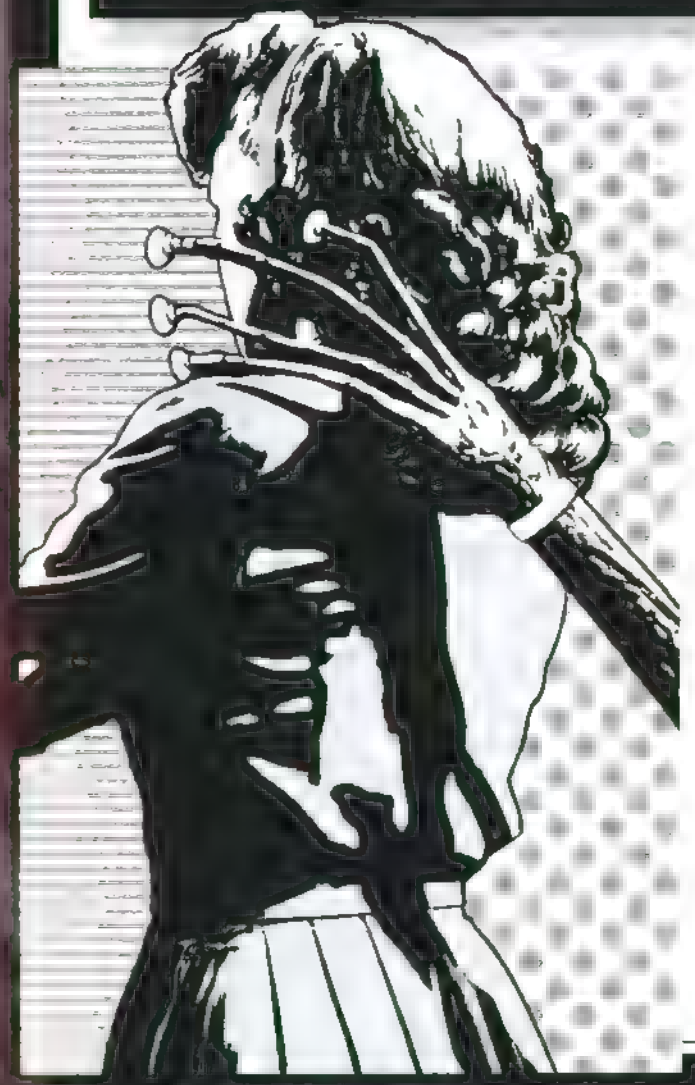
George era o assunto preferido dos escandalizantes tablóides anglo-saxões, ao lado de sua macaca de estado número 1 Lady Di. George não fala com os tabloides há quatro anos. A obsessão dos *paparazzi* é sempre a mesma: suas montanhas de dinheiro, sua vida sexual e seu hábito de vomitar em cima de namoradas em portas de night-clubs.

Mitos revolvem em torno do *white soul boy*. O nome seria falso. A barba seria falsa — aplicada com cola por uma maquiladora. A música seria falsa (aqui não se trata mais de mito) — chapada de clássicos da Motown e sobras de estúdio de Prince. Mas o business é *buuuuuuud* e muito palpável. Num palco espetacular para palco gigantesco em forma de jaula, de onde escapa o magnetismo animal de Michael para instaurar a lubricidade na terra desolada das fêmeas adolescentes. As daqui mais reprimidas do que as japs — não jogaram calcinhas. Mas suaram torrentes e acompanharam tudo de cor, de "Careless Whisper" a "I'm Your Man", de "Everything She Wants" a covers de Stevie Wonder e a bomba dançante "Play That Funky Music" (Wild Cherry, anos 70).

Os contrastes são curiosos. George, em algumas poucas entrevistas, já demonstrou que não é um completo *asshole* como alguns de seus companheiros de profissão. Ele passa da caça à fêmea em "I Want Your Sex" (eriçam os pêlos de advogados em Minneapolis) ao confronto do próprio Édipo em "Father Figure" (considerada pelo próprio a melhor música de *Faith*). OK, e um garoto tem 24 anos está aprendendo.

O futuro será como dita o marketing. Uma garota fixa, um próximo álbum mais "sério", o abandono do look James Dean/BMW por ternos de Nino Cerutti *à la* Sting. Cinema é claro — já pensa em tomar aulas de *acting* (não *overacting*, já bastam as empinadas pélvicas durante a *Faith Tour*). Qual é a fé de George Michael? É, segundo o próprio, um senso bastante claro em relação ao próprio futuro. Ele diz que vai morrer cedo. Milhões de fêmeas em todo o planeta já se aterrorizam. Até lá, ele terá eliminado os óculos escuros e o brinquinho de ouro em forma de cruz. Mas permanecerá o segredo. E os obituários poderão estampar: Viveu a toda, morreu cedo e tinha uma magnífica barba. *Pepe Escobar*

Só Ouço O Que Me Toca.



Antever as transformações é a melhor forma de estabelecer contato com cabeças pensantes.
"FM 97", a única que toca o que você quer ouvir.

PROGRAMAS ESPECIAIS DA 97:

- Anti-kaos
(de 2ª a 6ª feira, das 7:00 às 9:00h)
- Horário da Ave-Maria
(de 2ª a 5ª feira, às 18:00h)
- Surf Express
(6ª feira, às 18:00h)
- Sinergia
(4ª feira, às 23:00h)
Apresentação: Valdir Montanari
- Reinação
(5ª feira, às 22:00h)
Apresentação: Leopoldo Rey
- Motosport
(6ª feira, às 20:00h)
Apresentação: Celso Miranda
- Especial 97
(Quinzenal/Sábado, às 16:00h)
- Fuck Off
(Domingo, às 15:00h / Speed Metal)
- Over Shock
(Domingo, às 16:00h / Heavy Metal)
- Scrach
(Domingo, às 18:00h / Rock dos anos 80)

FM 97 97,7 MHz
Cinco Anos de Rock'n'Roll

IRA!

Show com sabor de nostalgia, pontuado pelas canções do primeiro LP, o coração dos primórdios do rock Brasil anos 80

Autêntico SP rock

Projeto SP (SP)
17 e 25/06/88

show iniciou-se na noite de estréia, com "Ninguém Precisa da Guerra", um dos clássicos do clássico primeiro LP do Ira!, *Mudança de Comportamento* (85). O trio instrumental atacou forte o clima "marcha de exército", ressaltando o estilo da banda, presente desde seus primeiros passos. O "exército" representa a trincheira aberta ao mar de lama reinante já nos idos do final dos 70 e início dos 80, não à metralhadora, mas através de uma guitarra espasmódica, mod, que ganhara o merecido status com o passar dos anos. Ira implosiva aliada a canções que embalavam até a geração de 30 anos.

A imprensa em geral, não se sabe por que cargas-d'água, resolveu colocar uma série de vírgulas, exclamações e interrogações ao trabalho e postura da banda desde sua apresentação no Hollywood Rock. *Psicoacústica*, o recém-lançado vinil, não recebeu o devido respeito e espaço. Quem acompanha o Ira! há anos — público e crítica — *sabe* que eles estão à altura do Legião, do RPM, dos Titãs... Não numa comparação de estilo ou de estética, e sim de história, trabalho estrada, amadurecimento etc. etc. E, se me permitem uma opinião pessoal, o Ira! continua sendo a ponta-de-lança do rock paulista. Portanto, toda essa má vontade me soa a sacanagem.

O show tinha um sabor delicioso de nostalgia. Deflagraram quase todas as pérolas do primeiro LP, algumas do segundo (*Vivendo e Não Aprendendo*) e praticamente todas do último, incluindo, ainda, inéditas no vinil como "Não Pague pra Ver" e "Nasci em 62". Tanto estas como "Poder, Sorriso, Fama" e "Receita para se Fazer um Herói", registradas em *Psicoacústica*, fazem parte do primeiro repertório do grupo.

Edgard Scandurra (guitarra) continua um monstro. Os improvisos e novos arranjos que ele inventa a cada show para cada música são de estatelar olhos e agraciar ouvidos. Via-se o êxtase na platéia. E a capacidade do grupo de seguir passo a passo esses rompantes de Scandurra, sem engasgar, é o que faz do Ira! uma banda com todas as vogais e consoantes inclusas. Gaspa (baixo) nem sequer olhava para Edgard. Parecia adivinhar onde começava e onde terminava cada uma de suas viagens.

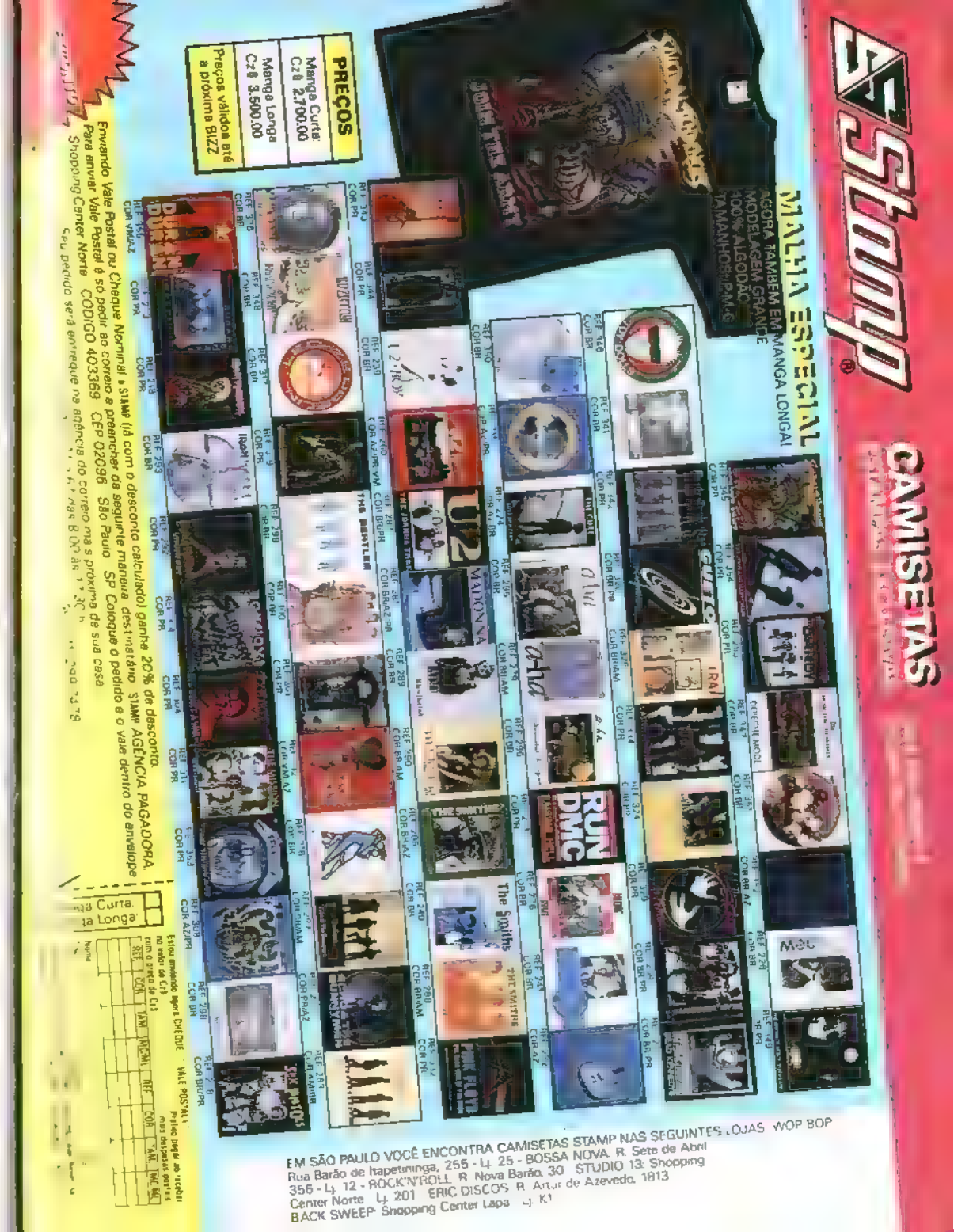
Nasi (vocal) segurou o desafio de apresentar ao público músicas onde ele estréia como letrista — "Rubro Zorro" e "Advogado do Diabo", do *Psicoacústica*. Na primeira semana o repeteco na semana seguinte se deu em virtude da superlotação no primeiro sábado —, ele não teve o desejado retorno. Já na segunda sexta-feira, Nasi soltou um sorriso de satisfação ao cantar "Rubro Zorro" com um apoio significativo da rapaziada. E correu para o *scratch*, deixando clara sua cumplicidade com o hip hop.

As participações especiais, que causavam certa preocupação por talvez comprometerem a personalidade do quarteto, foram bem calculadas, e apenas acrescentaram ainda mais *punch* ao espetáculo. Lá estavam Beto Firmino (também Gang 90, teclados), Huguinho (trompete) e James Muller (também Mafia, percussão).

Na primeira sexta-feira, o público fez a banda retornar duas vezes ao palco com um chamado pulsante: "Parou por quê?! Por que parou?!" Nasi, na segunda sexta-feira protestou: "Jânio Quadros proibiu o skate nas ruas de São Paulo!" E entregou o hino do Ira! em repúdio: "Pobre Paulista".

Lamentável! Pobre São Paulo, pobre rock brasileiro, à mercê de uma imprensa movida a egos e de uma mídia programada a jaba, *lobbies* etc. etc. O Ira! mostrou *rock* e um repertório para boçal nenhum botar defeito.

S.M.



DAVID SYLVIAN

O eterno dândi

Hammersmith Odeon (Londres) 30/05/88

David Sylvian, naquele remoto início dos anos 80, era o ícone organizador da tecno-angústia do Japan. Hoje, no vertiginoso final dos anos 80, é um náufrago no oceano do obscurantismo *new age*. Sylvian, o evanescente, pode soar como Sinatra produzido por Brian Eno. Legiões silenciosas ainda preferem sonhar com a imagem do *beautiful boy* sob água oxigenada e *pancake*.

Com "Tin Drum", David Sylvian pode ter confeccionado a canção pop ideal. Com "Forbidden Colours" — superposto à navegação eletrônica de Sakamoto — pode ter composto uma ode melancólica que não desagradaria Shelley ou Keats.

E, depois, o Sylvian solo. Enigmas suaves, um relacionamento atração-repulsão com a plataforma pública. Sylvian praticamente não fala com a mídia — um esteta em uma selva de geléia... OK. Tivemos "Brilliant Trees" (diáfano), "Gone to Earth" ("instigante"?) e chegamos a "Secrets of the Beehieve" (dissolução de *spleen* acústico).

Quais são os segredos da colméia? Criar atmosfera com as palavras. Sylvian — como Prince em seus vídeos — redescobriu o poder da palavra. Antes, ele criava estruturas musicais rígidas e reunia músicos capazes de improvisar e subverter suas regras.

Em um single como "Orpheus", Sylvian organiza um passeio mitológico por jardins de sons, imagens e vozes, seguido pelos teclados de Sakamoto e as guitarras de David Torn. A experimentação é privilegiada em relação à pulsação — também é o caso do LP *Plight and Premonition*, onde o convidado especial é o desconstrutor Holger Czukay.

Ao vivo, pelo menos, Sylvian evita cair em regurgitações de ambiência *cool*. O mérito é em grande parte da banda, com destaque para Torn e o trompete de Mark Isham. A aventura pós-*glam* de Sylvian é ambiciosa e sofisticada — e evita o sensacionalismo. Espera-se que também evite o bater de pestanas das abelhas na colméia. *P.E.*

Eva Joory / Abril Imagens

Sylvian: ontem, improvisos e subversões. Hoje, sofisticado e ambicioso

THE SCREAMIN' BLUE MESSIAHS

Ainda a ira

Astoria (Londres) 04/06/86

Um hit nas rádios e um ótimo videoclip da canção "I Wanna Be a Flintstone" nas TVs tirou o trio Screamin' Blue Messiahs dos clubecos e os levou para audiências e lugares maiores, como o antigo Astoria. A caminho do show, no metrô e nas ruas próximas ao teatro, não era difícil ouvir alguém assobiando ou cantarolando o hit.

Mas, antes do espetáculo oficial, duas bandas — King Blank e Jack Rubies —, no estilo *good old* rock'n'roll, com caídas para o rockabilly, distraíram a eclética moçada, que bebia sem parar.

Com a imbatível pontualidade britânica, entra em cena às 21h30 o trio que inventou uma nova variante para o rock: o "schizobilly". A primeira coisa visível no tablado é a careca do vocalista e guitarrista Bill Carter, nada simpático, que ataca direto com "Sweet Water Pools", faixa que abre o recente LP *Bikini Red*, recém-lançado no Brasil. O som de Carter e seus asseclas — o baixista Chris Thompson e o baterista Kenny Harris — é alto, forte, compacto e, de imediato, põe a galera da frente a pular alucinadamente. Ao fundo, sobre uma tela branca, é projetado um filme que reúne cenas de aviões bombardeiros massacrando alguma cidade durante a guerra. Trata-se da mesma cena que ilustra a capa do primeiro LP do grupo, *Good and Gone*.

Mas, na segunda música, "Bikini Red", Carter começa uma luta com o microfone — que não fica firme no pedestal e apita um pouco —, estendida por vários números, culminando com o aparelho arremessado com fúria ao chão. Um novo micro é providenciado para o moço. E, qual um Tim Maia, Carter, além de se emputecer mais ainda com o fone, procura por um retorno de som, embora tudo esteja ótimo na platéia. Seu olhar é de ira, que somada a seu ar de esquizo, dá um tom agressivo à apresentação e incita os fãs a cantarem o refrão de "Eat My F...!", a última do enfurecido set.

No meio disso tudo, o hit "I Wanna Be a Flintstone" passa rápido e quase irreconhecível, como se, para eles, fosse uma maldição tocar um sucesso. Mas o show foi arrasante e mostrou que o SBM tem som e personalidade o bastante para manter seu séquito satisfeito.

Tom Leão

THE KINKS

Passado e futuro

Town and Country Club (Londres) 08/06/88

"As long as I gaze on... Waterloo Sunset... I am in paradise..." Duas décadas e meia depois da invenção do riff de heavy metal em "You Really Got Me", os Kinks ainda são capazes de demonstrar que o paraíso pode ser a contemplação de um crepúsculo em Waterloo. Nada mau para uma forma de diversão (arte?) efêmera como o pop. A London suja, dura, desconcertada, despedaçada do neomonetarismo dos anos 80 confunde-se com a London mod em preto-e-branco do início dos 60 e com uma London ideal perdida na memória, sob o *fog*, como nas impressões fulgurantes de Turner. Poucos sobreviventes do Styx pop, ainda hoje, são capazes de conjurar uma elegia conseqüente ao passado.

Ray Davies — legítimo filho do norte de Londres, inventor, entre outras coisas, do álbum conceitual — foi em seus tempos de glória (anos 60 e 70) um dos poetas populares privilegiados da cidade: ruas, mendigos, casais suburbanos, vítimas da moda (o primeiro a tocar no tema), excêntricos solitários. Ray e seu hard-rockístico irmão Dave ainda entram em um palco com uma energia nível Sid & Johnny no Roxy Club em 76. E passeiam como uma escuderia de Triumphs Spitfire movidos a dry-martini pelos Kinks 70/80, promovendo o último álbum (americanizado, nada de notável) e soltando clássicos como "Lola" ou "Dead End Street". Os excessos — solos de boca contorcida de Dave, desfile de guarda-roupa de Ray — são perdoáveis.

O primeiro casamento, sem dúvida, foi o melhor *career move* da psicótica vegetariana Chrissie Hynde. Ela chupou simplesmente tudo do ex-marido. Das caras e bocas à maneira de segurar a guitarra. Afinal, antes de virar companheiro de cama e ser substituído pelo escocês on the rocks Mr. Kerr, Ray era o máximo ícone pop de Madame Hynde. O trauma pode persistir. Davies não cantou "Stop Your Sobbing".

Desfile insuperável de golden oldies. "Tired of Waiting for You", "All of the Day, All of the Night", "A Well Respected Man", a milenária "You Really Got Me". Várias já viraram covers de dezenas de cretinos. Permanecem melhores ao natural. Voltaram para umas cinco encores — de acordo com a atmosfera de pub sempre evidente no Town and Country. Muita coisa ficou de fora, como os prodígios de lapidação "Victoria" e "Where Have All the Good Times Gone". Contem aí no computer quantos grupos na história do pop são capazes de preencher mais de uma hora de música com uma série de perfeições-em-três-minutos. Os kinky boys permanecem muito mais *alive and kicking* do que certos simple minds. *P.E.*

PETER MURPHY

Peter Murphy, ainda preso à marca definitiva do Bauhaus

Eric Jerry Azul

Cinza escarlate

Town and Country (Londres)
02/06/88

Bela Lugosi está vivo, passa bem e circula pelo norte de Londres — de smoking e executando a dança de sua Divina Decadência. Leia-se Peter Murphy, Guerreiro do Estilo, um Espetáculo Artístico móvel viciado em espelhos, enigmas, *imagerie* gótica e senso de humor.

Os cretiníssimos tablóides pop ingleses — esses anacronismos jornalísticos que hoje só conseguem provocar vítimas da moda no Rio e em São Paulo (aqui ninguém mais lê, porque não interessa; aí também não, mas os esforçados sempre confundem o título com as legendas) —, muito bem, esses tablóides em decadência terminal não captam o senso de humor de Bela Lugosi. O Bauhaus não foi uma operação para ser levada *totalmente* a sério. Murphy — como Sylvian em relação ao Japan — acabou sua aventura psicogótica em 83 para começar uma segunda carreira. Bauhaus foi um dos supremos pesadelos de moda do início dos 80. Graças a Batman, não houve tempo de ser recuperado pelo neocorporativismo da era Reagan-Thatcher. Seu duo subseqüente com o ex-Japan Mick Karn através dos pântanos soft do Dalí's Car funcionou apenas como uma curiosidade. Agora, Bela Lugosi *goes* solo.

Murphy é um Sylvian mais irado. Ou um Bowie com excesso de vitamina C. Ao contrário de Roddy Frame do Aztec Camera e Paddy McAloon do Prefab Sprout, Murphy *não* disputa a faixa de mercado "New Man" (sim, o equivalente da roupa), embora seu material sonoro utilize formas leves e impressionistas, quase jazzísticas, junto com um mix preciso de instrumentação elétrica e acústica. Murphy permanece com uma taxa de selvageria embutida — apenas materializável em alguns momentos —, que o coloca algumas mordidas além da concorrência.

Murphy poderia ser *O Homem Que Caiu na Terra*, mais de uma década depois do filme de Nick Roeg. Está bem como um Negro Gato de reflexos beckettianos. Uma pantera dinamarquesa o chamou de Freak Gótico. Não é o ponto. O ponto é que um Belo e Maldito não se livra tão facilmente da marca de Bela Lugosi. *Love Hysteria*, o último álbum de Murphy, passa em cinza ao vivo. "The Passion of Lovers" ou "Kick in the Eye" passam em escarlate, fumegante, arrebentando neurônios e gônadas. Bela Lugosi — de smoking, dançando como Bowie há quinze anos — fecha com "The Final Solution", seu dance-nazi-mix. Muito apropriado. A ironia de Mr. Murphy é um licor para poucos. Quem não captar que leve um chute no olho. *P.E.*

SONIC YOUTH

Tímpanos em pó

C.B.G.B. (Nova York)
23/06/88

O status de cult band não se consegue da noite para o dia e esses nova-iorquinos bem sabem disso. Manter a posição é mais difícil ainda. Mas, até hoje, cada show do Sonic Youth é cercado de grande expectativa. E este, no lendário C.B.G.B., mostrou que nem só de tipos estranhos e paranóicos se compõe o público básico do SY. Tinha de tudo: punks, góticos, b-boys, almofadinhas, hippies, psychos... o diabo.

Mas, antes do prato principal, dois petiscos variados. Primeiro um trio alucinado, composto de guitarra, bateria e vários tipos de saxofones, levou um único, longo e barulhento número instrumental que deixaria Arto Lindsay e Pedreira Antunes (do Akira S) em estado de êxtase. Pura *no wave à la* James White.

Depois, um bando de moçoilas bem alimentadas e posando de cara feia para esconder o tipo dondoca — denominadas Swamp Goblins — atacou com um tipo de heavy metal terror, com direito a cusparadas de sangue falso, órgãos humanos de borracha, muitas aranhas e coisas do tipo. Não convenceram...

Mas só quando os ponteiros cruzaram a meia-noite é que os quatro jovens sônicos adentraram em cena. E, após uma rápida checagem de som, derramaram uma densa e volumosa cascata de som de guitarras e amplificadores sobre a platéia. Quase dava para segurar na mão os acordes enfurecidos que saíam das caixas de som. Uma verdadeira *wall of sound* foi erguida em poucos segundos, e, simultaneamente, as notas construídas se transformavam em pó.

No repertório, só músicas dos discos *E.V.O.L.* e *Sister*. Nada das mais conhecidas, como "Death Valley '69", "Expressway to Your Skull" ou "Starpower". E ninguém pediu. As pessoas simplesmente se avolumavam em frente ao palco e recebiam a descarga supersônica que durou quase 60 minutos.

Não teve bis. O tempo foi suficiente para que os neurônios se desprendessem numa bela viagem. Já os tímpanos, ficaram zunindo por três dias. *Tom Leão*

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

LEGIÃO URBANA: A TRIBO PROTESTA

Eu estou completamente indignada com as atitudes do Renato Russo no show do dia 11 de junho, no Ginásio do Ibirapuera (SP). Após suportar cotoveladas, empurrões, propagandas da Pepsi e 45 minutos de atraso, vejo subir no palco a banda mais sensível, querida e respeitada por mim. No entanto, logo depois da primeira música, um idiota qualquer resolve lançar uma garrafa no palco, atingindo o Marcelo Bonfá. Um gesto absolutamente abominável! Prudentemente, o Legião resolveu suspender o show, devolvendo a nossa grana. Até aí tudo bem. Os PMs chegaram e tiraram os caras que supunham responsáveis na base da porrada. Então, o show reiniciou — menos em função dos fãs sinceros e sedentos da música do Legião do que para cumprir um contrato. E a grana que rolava a essa altura já era alta demais para desistir. Profundamente irritado, Renato Russo resolveu descontar seu desprezo e raiva em relação ao lance capitalista da questão em todo o pessoal que ali estava. Rolaram músicas sobre cacos de vidro e letras improvisadas que humilhavam todos os que possuíam uma certa ingenuidade. A todo instante ele dizia frases ácidas, irônicas e odiosas. Músicas como "Será", "Reggae", "Daniel..." e "Help" (Beatles) transformaram-se em agressões diretas para quem merecia e para quem não merecia. Eu e mais alguns jovens saímos, após estas quatro músicas, desmoralizados, magoados e descreditando da sinceridade do Legião Urbana. Afogados em lágrimas que exprimiam dor e vergonha por termos sido traídos por uma banda sem dignidade suficiente para suspender um show que nunca deveria ter começado. Grande farsa. **Cristina Paulino, São Paulo — SP**

Há muito tempo quero escrever à BIZZ e deixar publicado o meu protesto contra a figura do sr. Renato Russo, mas precisava de um motivo forte, palpável, real. Pois acabo de assistir a uma matéria na TV sobre um show do Legião Urbana em Brasília e me revoltei. O que aconteceu, não pela primeira vez na história da banda, foi que a "estrela" Renato Russo simplesmente resolveu encurtar o show devido a uma discussão com o público. Pois vejam que belo ato para com o público de Brasília, justamente onde nasceu a banda, que pagou ingressos e lotou o estádio, merecendo, portanto, um mínimo de respeito. Primeiro o atraso, depois isso. Não foi nenhuma surpresa o que aconteceu: uma grande confusão, tumulto geral, brigas, polícia, vários feridos e o estádio totalmente destruído (um prejuízo de aproximadamente 10 milhões de cruzados). Ora, caros leitores, onde está o espírito de profissionalismo do sr. Renato Russo? Será que ele esquece que existem pessoas e fãs assistindo ao show, gente que compra os discos da banda, ouve suas músicas, canta suas letras... Fica aqui meu humilde conselho: pense um pouco mais antes de fazer seus charminhos e caprichos de "rock-star". Afinal, se todos os artistas agissem dessa forma, não teríamos, por exemplo, os Rolling Stones na história do rock. O sr. Mick Jagger é, antes de um rock-star, um profissional, e como tal sabe que existem pessoas pagando o seu sucesso. **Fábio Castioni — Porto Alegre — RS**

Foi realmente traumática a atitude de Renato "Morrissey" Russo e Cia. em abandonar o palco do concerto do Legião Urbana em Brasília. Após um ano e meio sem apresentações do grupo, Brasília passou por uma noite tumultuadíssima, com 50 mil pessoas tendo que se submeter à repressão da Polícia Militar para entrar no Estádio Mané Garrincha. Em atitudes sub-humanas, esses bastardos, não contentes com as cacetadas, cavalgavam no meio do público, atropelando quem estivesse na frente. Além disso, soltavam seus cães para dispersar grupos de pessoas, como se estivéssemos na entrada de um campo de concentração. Dez músicas após o início do espetáculo, uma pessoa da platéia arremessou um objeto sobre o palco, sendo esta a gota d'água para El Russo desfechar declarações egocêntricas como: "Brasília é uma cidade fascista", ou "Se eu tivesse dinheiro, pagaria cinco mil cruzados para ninguém vir ao show". Dito isto, abandonaram o palco, num ato de total desprezo para com o grande número de fãs ali presentes. Estes, de um momento para outro, se transformaram em vândalos, acabando com o equipamento de som e luz. E toma repressão policial, transformando o estádio numa arena de guerra por toda a noite. Esse episódio nazista poderia ter sido evitado se El Russo contivesse seus momentos de esquizofrenia e mostrasse um pouco mais de profissionalismo. **Sanderson Oliveira Gonçalves, Brasília — DF**

Seguem-se oito assinaturas. O espaço desta seção fica disponível para resposta dos membros do grupo. Veja mais detalhes sobre os shows do Legião no Ao Vivo desta edição.

TROCANDO LETRAS

Gostaria de informar a todos os leitores de BIZZ que formei um clubinho para troca de letras de música. Tenho milhares à disposição, de todos os gêneros. Escreva e mande um envelope selado. **Waldyr Soares, Rua Joaquim de Almeida, 15, CEP 38440, Piracaíba — MG**

Gostaria de trocar letras de cantores e conjuntos internacionais. Tenho mais de 400 letras. **Kiki Taylor, Rua Itamonte, 446, CEP 02220, São Paulo — SP**

PEDINDO BIZZ

Compro as BIZZ 7 e 8. **Jorge Céu Soares, Rua Floriano Peixoto, 225, CEP 45826, Eunápolis — BA**

Compro os números 1 e 2 de BIZZ. **Luiz Alberto Castro, Rua Conselheiro Paulino, 95/208, CEP 21071, Rio de Janeiro — RJ**

Vendo a coleção de BIZZ, do 1 ao 32, com exceção do número 6. **Raimundo Rodrigues, QNO 19, Conjunto 3, Casa 6, Ceilândia — DF**

THE STOOGES

(1969)

[redacted] Uma bomba de efeito retroativo, fora de lugar, fora do tempo. Começa num ritmo preguiçoso, a guitarra miando através do wah wah. "*Alright!*" Ritmo e guitarra adotam uma pulsação básica que se convencionou chamar de punk rock e pronto: "...Bem, é 1969, OK/ através dos USA/ é um outro ano/ para mim e para você/ outro ano sem nada para fazer..."

Ele, creditado na capa como Iggy Stooge, está furiosamente morrendo de tédio. Os outros três "Patetas" (Ron Asheton, guitarra; Dave Alexander, baixo; Scott Asheton, bateria) num esporro elétrico com a adrenalina de um Cro-Magnon que sente o bafo do mamute na sua cola.

Obviamente, os "USA" de 1969 não estavam preparados para os Stooges.

FIM

P.S.: a influência histórica óbvia, os Ramones tirando o visual das fotos de capa e contracapa de *The Stooges*, os Sex Pistols tirando o som de "No Fun" e "I Wanna Be Your Dog" (também faixas deste LP, que volta e meia apareciam nos shows de Joãozinho Lydon e cia.), tudo isso não pesa muito sobre o disco. Ainda que eterno, espanta qualquer cheiro de bolor assim que começa a massacrar os falantes da caixa...

Tédio, desprezo e adrenalina. A química antes de virar fórmula composta, sem alvo definido. A faísca acendeu um fogo que nunca esteve apagado — ainda que os discos do Joy Division exibam as cinzas. Ian Curtis simplesmente idolatrava Iggy Pop, e os reflexos de ambos estão vagando a terra como mortos-vivos. Fazer o quê? Tédio e ódio continuam vivos, mas sua expressão está mais que cristalizada.

Uma banda de garagem comandada por um alucinado. Algo assim devia passar pela cabeça do pessoal do selo Elektra, que rescindiu o contrato dos Stooges antes de seu terceiro disco. Uma banda de garagem apontando para o futuro. Em todo o LP, apenas "We Will Fall" dá bandeira dos elos que ligavam os Stooges ao "passado" — às feridas incicatrizáveis chamadas (que tédio repetir isso em 88!) Doors e Velvet Underground. Com mais de dez minutos de um apocalíptico mantra quase gregoriano, "We Will Fall" é o "The End" dos Stooges e a única faixa em que o produtor do disco, John Cale (então com um pé fora do Velvet), deixa sua marca: num *drone* zumbindo ininterruptamente e na aparição de sua inconfundível viola nos minutos finais.

No lado dois, tudo volta ao "normal" com "No Fun", outra ode ao tédio mortal movida por um *riff* histórico. "Não tem graça ficar sozinho/ não tem graça sair por aí... não tem graça!" Segue "Real Cool Time", outra ode ao sexo como único antídoto para o tédio mortal, que culmina numa das mais estridentes paredes de guitarras da história do heavy metal. E surge então a segunda anomalia do disco. "Ann" seria apenas mais uma balada romântica com guitarras em changalanga, se estas não estivessem amplificadas demais e se Iggy não estivesse inaugurando no vinil um lamento de bezerro desmamado que atinge *crescendos* epilépticos e se tornaria uma de suas marcas registradas: uivos viram bocejos, urros cospem sussurros. (Também imitados *ad nauseam*.)

O segundo LP, *Funhouse* (também lançado no Brasil, por encomenda da cadeia Museu do Disco), expande tudo isto para uma selvageria ainda mais catártica, fluida e madura. Merece igualmente o selo *Discoteca Básica*. Assim como a segunda encarnação dos Stooges (com James Williamsom na guitarra), produzida por David Bowie no treme-terra *Raw Power* (72; não lançado aqui). Essencial também o semipirata *Metallic KO*, onde se tem a revelação da intensidade que isto atingia ao vivo — para alguns, os verdadeiros Stooges (acaba de sair um duplo com o show completo). Mas foi aqui que tudo começou.

José Augusto Lemos

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Eduardo Mendonça
Editores Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Redação: Celso Sallas Pupo, Thomas Pappon
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tuco
Chefe de Estúdio: Beise Bitmas
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jose Nogueira (Nova York), Pepa Escobar (Milão), Silviano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Eliana Thomé de Souza, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Jami Joe, Jean Yves Neuvielle, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Lorena Calabria, Luis Antônio Giron, Luis Claudio Oliveira, Marcel Plasse, Paulo Nicolau, Tom Leão, Valdir Montanari, Vicente Mendyneri Jr., Walter Silva
Arte: Angelo Assori, Cesar Tinsashi
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Cidiano, Kid, Marcelo Faustini, Mila Maluhy, Rui Mendes, Rochelle Costi
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Laige de Lima Dorsa Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Márcia Andrade, Tânia Polo Bassoler
RJ-Gerente: Genuito Torres
Contato: Lídia Camarate
Produção Executiva-Gerente: Erina K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente). **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12. Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122. Milano Telex: 313585 e 332809. **Nova York:** Odilo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Telex: 237670. Phone: (212) 557-5990 5993. **Paris:** Pedro de Souza, 33 rue de Miromesnil, 75008, Paris. Facsimile: 42.66.13.99. Phone: 42.66.21.18. Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Dadoc - Gerente: Aura Rosa Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo SP. Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Miràndez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Vera de Pieri

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nevaldo Montenegro, Pedro Prazão e Vera Helena Miràndez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Marques de São Vicente, 1211, tel. (011) 826-6777. CEP 01139. Caixa Postal 66380. CEP 05099. Telex (011) 29070. **Telegramas:** Editora Azul/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Vargas, 529, 8º ao 11º andares. CEP 20071. Tel.: (021) 246-6282. Telex (021) 32674. Telegramas: Editora Azul/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jornais de Publicações Ltda., Quinta Pau Queimado, Avenida dos Forros, 2605, Carnaxide, Lisboa. **Assinatura anual:** Cr$ 1.760,00 à vista. Ao fazer sua assinatura anual à credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes deste publicação que a reposição definitiva da remessa dos exemplares com números sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a reposição da parte do preço total antecipadamente pago correspondente aos exemplares que não foram entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista só se expede mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: Dinap - Tamboré Velho de Oliveira, 142, Jardim Teresa, 06600, Osasco, SP. Somos em exemplar somente as dez últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ELTON JOHN

REGINALDO ATACA DE NOVO!

Reginaldo é inglês. Vira noites e mais noites no *in* do *in* americano, francês, javanês. Com o rolar do tempo, Reginaldo ficou conhecido como Reg. No dia em que a genialidade foi visitá-lo, Reg mudou de nome. Mudou para *Elton. Elton John.*

O LP *Reg Strikes Back* é a volta de Reg à frente de um tufão de músicos que já consagrou a faixa *I Don't Wanna Go On With You Like That*, que explodiu no mundo inteiro.

A volta bombástica de *Elton John* já está nas lojas. Quem assina embaixo é Reg, ou Reginaldo se preferirem.

Em discos e fitas

PolyGram